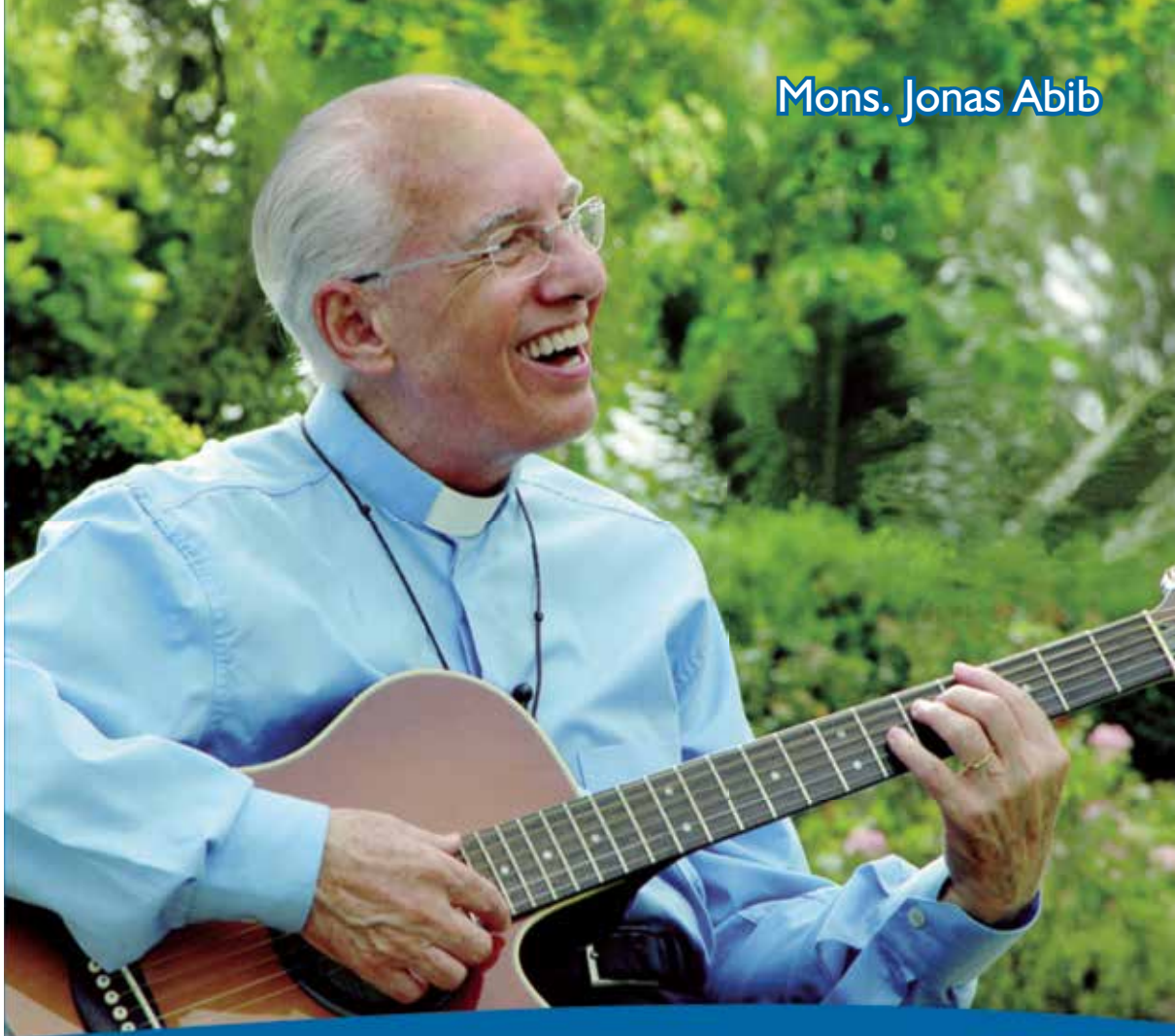


Mons. Jonas Abib



CANÇÃO NOVA

Uma Obra de Deus

nossa história, identidade e missão



Canção Nova

EDITORA

CANÇÃO NOVA

Uma Obra de Deus

nossa história, identidade e missão

8ª edição



EDITORA: Cristiana Negrão
ASSISTENTE EDITORIAL: Jocelma Cruz
DIAGRAMAÇÃO E CADERNO DE FOTOS: Claudio Tito Braghini Junior
CAPA: Viviane Otake
PREPARAÇÃO: Lillian Miyoko Kumai
REVISÃO: Patrícia de Fátima Santos

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua João Paulo II, s/n - Alto da Bela Vista
12630-000 Cachoeira Paulista SP
Telefone [55] (12) 3186-2600
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Home page: <http://editora.cancaonova.com>

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-131-9

© EDITORA CANÇÃO NOVA, Cachoeira Paulista, SP, Brasil, 2012

Sumário

Apresentação	7
1. Como começou nossa história.....	9
2. Como a Comunidade Canção Nova nasceu	29
3. Nossa missão é evangelizar	39
4. Vivemos da providência	57
5. Providência e reconciliação	65
6. O masculino e o feminino vividos em sadia convivência	81
7. Não dá mais para voltar!	97
8. Profissionais de Deus	107
9. Maria, é ela quem tudo faz na Canção Nova	131
10. Entramos no tempo da misericórdia	133
11. Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença	151
12. Sou serva do Evangelho (Testemunho de Luzia).....	165

ANEXOS.....	187
O Reconhecimento Pontifício da Canção Nova.....	189
Palavra do Fundador	201
Palavra da Co-fundadora	205
Decreto do Reconhecimento (Documento oficial da aprovação)	209
Homilia de Dom Odilo Scherer	213
Homilia Dom Stanislaw Rylko	221
Homilia de Dom Claudio Hummes.....	227
Homilia Missa de Encerramento (Palavras de Dom Alberto Taveira Corrêa)	235

Apresentação

Quando Monsenhor Jonas pediu que eu fizesse a apresentação deste livro, recordei-me da primeira vez em que fui procurado para prestar ajuda à Canção Nova, que começava a surgir.

Havia feito uma Experiência de Oração e, a partir dela, teve início uma profunda amizade com Monsenhor Jonas e com aqueles que o acompanhavam.

Começavam os primeiros encontros na Casa de Retiros, em Areias, e eu, por morar em Queluz, ajudava no transporte de pessoas para esse local.

Acompanhei cada passo dessa obra: primeiro a casa de Areias; a construção da Casa de Maria, em Queluz; o início da Comunidade Canção Nova; a rádio e a TV. Além disso, presenciei o surgimento das frentes de missão e tudo que hoje é Canção Nova.

Canção Nova: uma obra de Deus

Mais que testemunha de fatos e acontecimentos, sou a prova de que a Canção Nova é geradora de vida nova; por meio dela, o Senhor me pegou como se pega um vaso quebrado e foi me refazendo... “Falei, então, àquele que estava à minha frente: ‘Senhor, com esta visão eu perdi a cor, minhas forças desapareceram. Como poderia o servo do meu senhor falar, se minhas forças sumiram e até perdi o fôlego?’ A tal figura humana tocou-me novamente e recobrei as forças. Ele me disse: ‘Nada de medo, homem querido! Calma! Coragem! Coragem!’ Bastou ele falar e eu me senti mais forte” (Dn 10,16b-19). Enquanto me doava à obra e à missão, sentia-me reconfortado.

Este livro é uma cartilha para minha vida!

Ao reler todos os fatos aqui narrados, senti que, apesar de minhas fraquezas, reconheço a predileção de Deus.

Recomendo a leitura deste livro para qualquer momento da vida, pois aqui não vamos encontrar uma história, mas uma linda aventura de fé, que só Deus pode construir.

Agradeço ao Senhor porque, em seu plano divino, Ele me escolheu para servir à “Canção Nova: uma obra de Deus”.

Wellington Silva Jardim (Eto)

1. Como começou nossa história

Assim como na Bíblia existem princípios eternos – leis que regem o Reino de Deus e seu povo –, da mesma forma Deus foi suscitando *princípios* que dirigem a Canção Nova desde o princípio.

Tudo nasceu de uma história vivida. Nunca criamos regras, leis ou normas. O que existe hoje é resultado de nossa vivência. A própria história foi nos mostrando as leis básicas, *os princípios de vida da comunidade*.

Uma realidade foi, inicialmente, muito importante: nossos *encontros*. Estes sempre foram os principais instrumentos de evangelização da Canção Nova. Mais ainda: tenho a impressão de que sempre será assim, afinal, tudo começou com os encontros. Minha história pessoal o confirma. Posso dizer, sem medo, que Deus agiu em mim no meu primeiro encontro e, assim, agiu também em toda a Canção Nova.

Canção Nova: uma obra de Deus

Eu era seminarista e estava no último ano de teologia. Já havia trilhado um longo caminho: além de todos os estudos – ensino fundamental, ensino médio, filosofia, teologia e um ano de noviciado –, possuía também três anos de experiência como professor em um colégio. Estava no décimo quinto ano, mais quatro anos do ensino fundamental, eram dezoito anos!

Deus começou a agir. Justamente no último ano de teologia fiquei doente. Foi uma doença incompreensível: dores de cabeça, embaralhamento da vista e incapacidade de ler. Realizei inúmeros exames. Fui a diversos especialistas: clínico geral, psiquiatra, neurologista etc. Tomei remédios de todos os tipos, e nada melhorava. No mês de maio, deixei o seminário e fui para Lavrinhas, no Vale do Paraíba, nosso seminário menor. Tudo isso aconteceu no ano de 1964, ano do Concílio Vaticano II.

Ainda não havia entendido, mas era Deus me impulsionando para aquilo que seria meu “campo de ação” e me mostrando o lugar onde se realizaria o que Ele havia determinado. Em Lavrinhas, havia o padre Ilário, que foi muito bondoso comigo, porém não melhorei e, por isso, fui para o Hospital de Piquete. Eram os caminhos de Deus!

Naquela mesma época, na Diocese de Lorena, haveria uma Mariápolis, um encontro realizado pelos focolarinos

Como começou nossa história

(Movimento dos Focolares). Era a primeira vez que encontros assim aconteciam em nossa região. A irmã Salesiana, que era diretora do hospital, disse que seria muito bom para mim se eu pudesse participar. Aceitei o convite! Seria uma semana inteira de palestras, testemunhos e músicas. Estava animado!

No entanto, quando cheguei, deram-me um “banho de água fria”: disseram-me que era muito desgastante e, por causa de minha doença, ficaria muito cansado. Na hora concordei, mas depois não me agüentei e fui ao encontro assim mesmo. Veja que interessante: assim que entrei, pediram-me para aguardar um pouco, pois um rapaz estava dando seu testemunho a respeito da presença de Deus na doença. Eu tinha que ouvir! Era a grande pergunta que eu me fazia: “Por que esta situação? Por que, depois de tanto tempo, estou doente?”. Dizia a mim mesmo: “Logo agora que cursava o último ano? Por que tudo isso?”.

Depois de ouvir aquele testemunho, entrei e participei de tudo. Como foi bom para mim! Foi numa daquelas noites que, sozinho em meu quarto, peguei um pequeno Evangelho, abri e “bati os olhos” naquela pergunta que Jesus faz a Pedro e aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15b).

Não consigo explicar tudo o que se passou comigo naquele momento! Na verdade, era uma passagem que já conhecia, mas, naquele instante, foi como uma luz, como a que iluminou São Paulo a caminho de Damasco. No final, ajoelhado no chão, consagrei-me a Deus. Foi a “guinada” de minha vida, o momento-chave.

Canção Nova: uma obra de Deus

Meu encontro pessoal com Jesus aconteceu ali, diante daquela pergunta, naquele encontro, na Mariápolis de julho de 1964.

Eu era um bom seminarista – piedoso, gostava dos estudos, das Sagradas Escrituras –, mas ainda não havia feito uma experiência pessoal com Jesus. Um encontro pessoal é outra coisa. E foi, de fato, totalmente diferente de tudo o que eu tinha vivido.

Compreendo, hoje, que foi vontade de Deus que isso acontecesse antes da minha ordenação. Deus foi “subversivo”! Deu-me uma doença, que me levou ao Vale do Paraíba, em Piquete; depois, em Lorena, conduziu-me para o encontro. O impressionante é que depois da ordenação desapareceram as dores de cabeça, o embaralhamento da vista. Tudo desapareceu! Era um “pretexto” de Deus!

Esse encontro pessoal com Jesus tornou-se, então, a chave da minha vida e de toda a Canção Nova. A base de nossa missão era favorecer e ajudar as pessoas a chegarem a esse encontro com Jesus.

Logo depois da minha ordenação, dia 8 de dezembro de 1964, passei um ano em Pindamonhangaba, interior de São Paulo; depois, fui trabalhar na capital. Lá, nessa época, começavam os cursilhos. Na paróquia onde eu estava muitos já haviam participado e insistiram para que eu fosse também, e fui.

Como começou nossa história

Gostei muito e aproveitei bastante. Na última palestra, chamada “Cristandade em Ação”, fiquei extremamente mexido, justamente porque percebi o muito que Deus havia me dado e o pouco que eu retribuía. Foi uma experiência de “envio”. Após meu encontro pessoal com Jesus na Mariápolis, no cursilho, estava sendo enviado por Deus em missão. Ele estava me colocando em ação.

Por trás de tudo isso, havia outro fato importante. Para participar do cursilho, meu superior impôs uma condição: não chegar atrasado ao retiro dos salesianos, que começava exatamente naquela noite. Aceitei, mas quem conhece o cursilho sabe: as palestras eram longas, havia o encerramento com os testemunhos e tudo mais. Quando me dei conta, já era tarde! Cheguei no local do retiro após às 22h30.

Na manhã seguinte, encontrei-me com meu superior e pedi, com simplicidade, que ele perdoasse meu atraso. Que surpresa! Diretamente, ele me disse: “Muito bem, pegue sua mala porque você não vai fazer o retiro. Você vai para Jundiá, como um castigo, por não ter chegado a tempo”. Fiquei constrangido, mas disse-lhe: “O senhor está cometendo uma injustiça. Graças a Deus que acabei de participar deste cursilho, senão minha reação seria outra. Porém, Deus tem um plano com tudo isso! Não é à toa! E nós vamos ver esse plano se realizar. Deus lhe pague!”. Então, quem ficou constrangido foi ele.

De fato, algo especial havia acontecido comigo. Lembrome que durante o cursilho pensei se não existia um encontro daquele tipo para jovens. Conversei com os dirigentes, com

Canção Nova: uma obra de Deus

os padres ali presentes, e todos me disseram que não. E mais: diziam não ser conveniente, porque o estilo do cursilho era voltado para adultos, especialmente para homens. Alegaram que o jovem não agüentaria aquilo. Eu não me conformava!

Foi na tal semana de castigo, quando fiquei sozinho na paróquia salesiana, em Jundiáí, longe de tudo, que Deus foi me dando um esquema completo, do começo ao fim, de um encontro para jovens. E não demorou muito: ele ocorreu na Páscoa daquele ano, em 1968. Para minha total alegria, o mais impressionante é que quando chegamos ao final do primeiro encontro o que os jovens testemunharam foi a experiência de um encontro pessoal com Cristo. Com uma linguagem própria, diziam: “Eu ‘trombei’ com Cristo!”.

Era, de fato, a realização daquilo que Deus havia feito comigo (Importante: não é que o tema fosse “um encontro com Cristo”. Simplesmente, apresentávamos as palestras e havia dinâmicas, orações, missa). Mas o que aconteceu foi um *encontro pessoal com Cristo*.

Promovi contínuos encontros. A cada quinze dias fazíamos uma nova experiência: ora com rapazes, ora com moças. Assim mesmo sentia que algo me faltava... Pensava que fosse falta de fé, então pedia: “Senhor, dá-me fé!”.

Devido a essa busca, muitas vezes fui diante do sacrário. Mesmo cansado, depois dos encontros, não subia para o meu quarto sem antes passar pela capela e pedir ao Senhor aquilo que me faltava: fé.

Deus sabe onde quer nos levar

Deus, mais uma vez, “subversivamente”, atendeu ao meu pedido, mas sempre “à sua maneira!”.

No final de 1969, após dois anos de encontros, sentia-me tão cansado que não participei do último encontro do ano. Padre Dilermando foi no meu lugar. Lembro-me que depois da partida do ônibus fui para o meu escritório, sentei-me à mesa e fiquei ali, não sei quanto tempo, sem reação.

Um colega encontrou-me naquele estado. Trouxeram um médico, muito amigo, um dos dirigentes do encontro, que me examinou e, delicadamente, disse-me: “Padre, amanhã o senhor vai ao posto de saúde fazer uma radiografia do pulmão. Só para eu verificar”.

Foi o que fiz logo no dia seguinte. Não demorou muito e o médico disse: “O senhor é padre, por isso posso falar-lhe diretamente: o senhor está tuberculoso! Já deve estar assim há muito tempo e precisa parar, e se cuidar”. A terra sumiu debaixo dos meus pés!

Eu precisava reagir! De volta ao colégio, no meu quarto, ajoelhei-me, entreguei-me a Deus e agradeci. Resultado: fui para Campos do Jordão, em São Paulo, e fiquei lá por vários meses. Mesmo doente, depois de um mês, não conseguia ficar parado. No sanatório só havia homens; a maioria jovens. Era até engraçado! Eles estranhavam minha presença no sanatório, pois eles, jovens, estavam tuberculosos, no sanatório!

Canção Nova: uma obra de Deus

Foi o bastante para que se criasse uma grande amizade entre nós. Então, eles me contaram que a causa por estarem ali eram as farras e bebedeiras. Desse modo, não sem motivo se perguntavam: “O que o padre andou aprontando?”. Muitos se confessaram comigo. De maneira especial, lembro-me que no Natal fizemos uma linda festa. Com a permissão das irmãs, à meia-noite tivemos a missa. Celebrei e toquei algumas músicas. E como cantavam! Todos os tuberculosos cantaram “a plenos pulmões”. Foi uma festa; realmente um nascimento!

Não deixei por menos: no mês seguinte, fizemos um encontro de jovens no sanatório. Foi então que, não sem razão, o médico chamou meu superior e disse-lhe que se ele quisesse que eu me curasse, era preciso tirar-me do sanatório. Foi o que meu superior fez, enviando-me para Lorena.

Quando soube que ia para Lorena, chorei como uma criança. Não queria abandonar o trabalho com os encontros, um trabalho organizado, um apostolado. Fui para Lorena como se fosse para um exílio.

Aquele foi, com o perdão da expressão, um ano de “cão”. Por minha culpa! Fiquei muito magoado com meus superiores. Aos poucos, percebi que eu não voltaria mais ao meu antigo trabalho. Já haviam me substituído; outra pessoa continuava os encontros com os jovens. Por isso, infelizmente, meu ressentimento só aumentou, levando-me ao fundo do poço.

Como começou nossa história

Então, voltei a pedir a Deus aquilo que me faltava: fé. Não me deitava antes de rezar o “Vinde, Espírito Santo!”. Sem saber, com esta atitude, já estava pedindo exatamente o que precisava. E aconteceu! Vou lhe contar como: a Providência Divina cuidou de tudo! Padre Irineu, que hoje é bispo da diocese de Lins, foi convidado para nos dar uma palestra sobre a ação do Espírito Santo. A partir do Novo Testamento, página por página, ele mostrou a pessoa e a ação do Espírito Santo, explicando a obra do Espírito Santo em Jesus, em Maria, nos apóstolos e nos primeiros cristãos.

Devo confessar que fiquei perplexo ao ouvir aquela palestra. Ao mesmo tempo, algo novo foi apropriando-se de mim. Tinha conhecimento de todas aquelas passagens da *Bíblia*, mas nunca havia feito ligação alguma entre elas, como a que o padre Irineu apresentava. Dizia a mim mesmo: “Meu Deus do céu, parece que é isto o que me falta! É esse Espírito Santo, desse jeito, que está me faltando”. Não agüentei ficar até o final da palestra. Levantei-me, desci as escadas e fui para a capelinha do colégio São Joaquim. Lá disse ao Senhor de modo direto: “Olha, Senhor, se é disso que eu preciso, dá-me. Eu nem sei bem o que é isso, mas, se é disso que eu preciso, dá-me”. Só restava esperar “meu Pentecostes” acontecer!

No final daquele dia, enquanto fechava as janelas da sala, o telefone tocou. Era o padre Lauro, de Aparecida, que me perguntou se era verdade que padre Haroldo Rahn faria conosco uma *Experiência do Espírito Santo*.

Canção Nova: uma obra de Deus

O que eu sabia era que o padre Haroldo pregaria um retiro para os nossos seminaristas e foi o que lhe respondi. Ele me pediu que reservássemos duas vagas, e eu o atendi. Nem saí dali e disse a mim mesmo, decidido: “Vou fazer esse negócio!”, sem saber do que se tratava.

Padre Haroldo compareceu no dia 2 de novembro de 1971. Falou-nos a respeito do que Deus estava fazendo no mundo por meio da *Renovação Carismática Católica*, explicou-nos sobre a *efusão do Espírito Santo* e o que eram os *dons do Espírito Santo*. Fez o que foi possível em um único dia.

Realmente, não entendi bem o que era a Renovação Carismática Católica, nem o que era efusão do Espírito Santo, menos ainda o que eram os *dons*. Porém, desejei-os do fundo do coração. Entendi que era o que me faltava!

Houve uma missa. No final, padre Haroldo, ainda na sacristia, disse a nós, padres, que se quiséssemos, ele imporia as mãos sobre cada um e pediria a efusão do Espírito Santo. Ficamos sem jeito, mas pior seria dizer que não. Então, aceitamos! Ele simplesmente passou impondo as mãos sobre cada um de nós.

O Espírito renova todas as coisas

O que aconteceu com os outros eu não sei, só sei o que aconteceu comigo. Para dizer a verdade, reconheço que naquele momento não senti nada! Porém, naquela noite, comecei a

Como começou nossa história

orar como nunca tinhaorado antes. Não era ainda a oração em línguas, mas a oração vinha de dentro. Era gostoso, brotava de forma espontânea. Era totalmente diferente! Não saberia explicar. O que eu sabia é que antes me faltava algo, que pensava ser a fé; porém, o que me faltava, agora não me faltava mais. O vazio existente estava inteiramente preenchido.

E não foi apenas naquela noite. Na manhã seguinte, quando acordei, o dia estava diferente, minha oração foi diferente, minha missa foi diferente, minha “Oração do Tempo Presente” (Oração do Ofício Divino) foi diferente. Eu estava diferente!

Comecei a sentir toda uma mudança em minha vida. Minha oração e minha maneira de celebrar mudaram; a pregação já era outra e meu entendimento e gosto pela palavra de Deus ganhou novo sabor. Até mesmo o arrependimento por meus pecados mudou: comecei a senti-lo muito forte, a partir daqueles “pequinhos” do dia-a-dia que me tocavam muito. Saía de Lorena e partia para Aparecida a fim de me confessar, tal era o arrependimento, a contrição e a necessidade de ser perdoado.

Deus caminhou rapidinho comigo: lembro-me de que um mês e meio depois, já no início de 1972, fui a Campinas, em São Paulo, com dez jovens. Ainda me lembro de alguns: Paulo, Vilma (a única mulher), Ney, Júlio Brebal e outros. Tivemos a oportunidade de fazer uma Experiência de Oração com o padre Haroldo, na Vila Brandina. Lá, comecei a entender o que era a Renovação Carismática Católica, a efusão do Espírito Santo e seus dons. Melhor ainda, entendi o que tinha acontecido comigo.

Canção Nova: uma obra de Deus

Graças a Deus, não busquei entender com minha “cabeça de padre”. Foi diante dos fatos que fiquei sem argumentos; não podia negar o que tinha acontecido.

Naquele mesmo ano, estávamos começando as primeiras Experiências de Oração no Espírito Santo, em Lorena. Assim, já tocávamos na essência de nossa missão: preparar um ambiente para que as pessoas tivessem seu primeiro encontro pessoal com Cristo.

Começamos a fazer “encontros de jovens” em Lorena, e eles contagiaram os adultos! Então surgiu a necessidade de um local apropriado para os encontros. Até aquele momento nos reuníamos no colégio São Joaquim ou em qualquer outro lugar. Mas agora precisávamos de uma casa.

Nasce a Associação Canção Nova – 1974

Ainda neste mesmo ano, lembro que, numa Experiência de Oração, dona Bené, uma senhora muito amiga, pediu a Deus que nos desse uma casa, e eu, no fundo do meu coração, disse: “Amém!”. Foi nessa oportunidade que aconteceu algo muito interessante: Luzia me falou a respeito de uma casa de fazenda em Areias. Disse-me que ela era muito grande, propriedade de um parente dela, e que talvez ele nos cedesse para os encontros. Para mim, parecia uma coisa impossível. Por ser uma casa tão grande, o dono não iria cedê-la para nós... Ficou “o dito pelo não dito”: Luzia falou, mas eu não dei muita importância.

Como começou nossa história

Logo depois, encontrei Hércio Camarinha, que comentou comigo sobre uma fazenda em Areias, a qual ele tinha vontade de comprar para transformá-la em um hotel-fazenda. Era propriedade do Gandur Zeraik, e, provavelmente, ele cederia o lugar para que fizéssemos os encontros. De minha parte, pensei: “de jeito nenhum!”. Mais uma vez aquilo “entrou por um ouvido e saiu pelo outro”. Mas foi o tempo para Deus trabalhar em mim. Depois compreendi que a casa mostrada a mim pelo senhor era a mesma comentada por Luzia. Não tive dúvidas: “Deus está nisso!”. Fui direto ao telefone, liguei para Luzia e retomamos a questão. Ela até se prontificou a fazer contato com o proprietário, que era irmão de sua cunhada.

Pelas mãos de Maria o impossível aconteceu

Contatos feitos, fomos até lá – Luzia, Alberto, dona Santa e eu – conversar com Gandur e Ísis, sua esposa. Levei uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças no bolso e, ao chegar à fazenda, antes de conversar com o dono, fizemos a “arte” de jogar a medalhinha, rezando: “Se o Senhor quer esta casa, Nossa Senhora, faça o favor, tome posse dela e guarde-a para nós”.

Na conversa com os proprietários expus nosso plano e, para minha admiração, eles não só o aceitaram e se alegraram como também quiseram fazer um contrato de dois anos em

Canção Nova: uma obra de Deus

cartório, para que tivéssemos toda a garantia, pois investiríamos em alguma reforma. Fiquei admirado, porque a fazenda foi cedida gratuitamente!

Dom Antônio Afonso de Miranda, na época bispo de Lorena, percebendo o crescimento dos encontros e retiros, eventos nos quais eram distribuídos o Novo Testamento e apostilas ao jovem, chamou-me, dizendo-me: “Pe. Jonas, para facilitar o trabalho com esses jovens, é bom que o senhor crie uma associação para que vocês possam movimentar as atividades, vender suas Bíblias e livros.” Aliás, quem fez o primeiro estatuto foi o próprio Dom Antônio. Reunimos várias pessoas e no dia 30 de outubro de 1974, tendo como presidente Osvaldo Coelho Nunes, a Associação Canção Nova foi instituída.

Evidentemente os trabalhos ganharam um novo impulso: todo final de semana havia cerca de oitenta jovens na fazenda. Havia muitas dificuldades: a água era insuficiente e a energia elétrica era produzida por um gerador que nem sempre funcionava. Muitas vezes, tudo acontecia à base do lampião à gás!

Usávamos todo o espaço possível! Havia uma sala enorme que comportava todos os jovens, além dos dirigentes, e a mesa para realizar as palestras. Foi realmente uma coisa de Deus! Como não era possível construir a capela, nós a montamos numa espécie de garagem que havia do lado de fora. Era um telheiro. Colocamos as toras de madeira de lado e fizemos o piso com capim. O sacrário foi feito dentro de uma enorme tora ainda existente e que está na rádio, sob os pés de Nossa Senhora. Esse foi o primeiro altar da Canção Nova.

Como começou nossa história

Tudo era extremamente simples. Durante muito tempo, a capela foi o local em que as galinhas botavam os ovos. Quando chegavam os “invasores” nos finais de semana, que tomavam conta da capela, as galinhas ficavam desorientadas. Muitas vezes, enquanto estávamos na sala de palestra, elas se encaminhavam até a capela para botar seus ovos. Quando voltávamos, encontrávamos ovos no meio do capim ou perto do sacrário. Tais acontecimentos são inesquecíveis! Tudo teve início com aquela medalhinha de Nossa Senhora.

Durante o ano de 1976 chovia todo final de semana. Eto já estava conosco naquele tempo, cuidando do operacional da casa, como a parte elétrica e a cozinha. Era uma luta imensa, pois, com tanta chuva, todos os carros tinham de ir para a fazenda; e como também passavam tratores, carros de bois, caminhão de leite e tantos outros veículos pesados, a estrada foi piorando. No final do ano, a partir do mês de agosto, os carros já não chegavam mais até o local. Parávamos a uns quatrocentos metros de distância e andávamos a pé, no barro, até a casa. Quando terminava o encontro, voltávamos até os carros e íamos para a igreja de Sant’Ana, em Areias, para a missa de encerramento. Chovia tanto que uma vez tivemos de ser rebocados por um trator.

Foi então que eu disse para Deus: “Já entendi, o Senhor está nos mostrando que não quer que fiquemos mais aqui. O Senhor quer nos dar a casa que precisamos”. Era preciso crer: Deus, que havia nos conduzido até ali, continuaria a fazê-lo. Ficamos dois anos naquela casa em Areias. Por nós

Canção Nova: uma obra de Deus

ficaríamos mais! Mas percebemos que Deus nos conduzia, pelos fatos, para que tivéssemos nossa própria casa de encontros, e quando Deus quer subverter a coisa Ele faz de forma que nem imaginamos! E não demorou muito!

Canção Nova – A Casa de Maria

No final daquele ano, numa sexta-feira, Eto, Haroldo e Lena queriam saber se eu não tinha pensado em organizar uma casa de encontros em Queluz, cidade próxima. Respon-di-lhes que não. Eles ficaram sem graça, pois não imaginavam que eu responderia assim, tão espontaneamente. Fizeram-me então uma proposta: se eles conseguissem o terreno, eu pen-saria na possibilidade. Respondi que sim, que pensaria. Mas para mim aquilo estava muito longe de acontecer. Era impos-sível alguém doar um terreno para construirmos nossa casa. Mal pude esperar para ver!

Domingo à noite, no encerramento do encontro, Eto chegou e disse que já tínhamos o terreno! E mais: se eu qui-sesse, na manhã seguinte poderíamos vê-lo. Não deu tempo de pensar!

Chovia “até não querer mais”. Novamente levei uma me-dalhinha de Nossa Senhora. Visitamos três lugares diferentes, mas senti que era o primeiro. Foi lá que deixamos a medalhinha, e Deus, em sua pressa, cuidou do restante. Na verdade, quem conviveu conosco naquele tempo sabia que seria impossível

Como começou nossa história

construirmos uma casa de encontros. Não tínhamos nada, a não ser o terreno. Foi então que a Providência Divina entrou em nossa vida. Começou pela terraplanagem. Era um bom terreno, mas muito acidentado.

Na mesma época, a Central do Brasil fazia um serviço de terraplanagem e proteção nas estradas. Deus utilizou-se de Silvinha, uma menina de nosso grupo, que começou a namorar Roberto – imagine –, engenheiro encarregado das máquinas de terraplanagem. Novamente Eto e Haroldo, que conheciam bem a situação em Queluz, falaram no meu ouvido: “Silvinha está namorando o engenheiro que cuida das máquinas. Se falarmos com dona Sílvia França, mãe dela, e ela falar com Roberto... Quem sabe!”

Pensei comigo: “Aquelas máquinas tão grandes!”. Mas não tínhamos escolha. Fomos falar com dona Sílvia, que falou com Silvinha, que falou com Roberto, e as máquinas fizeram todo o trabalho necessário. Totalmente de graça!

Em dezembro de 1976, um pouco antes do Natal, já estávamos celebrando a *primeira missa* em nosso terreno. Era o momento de começarmos a construir! Fizemos uma campanha, conseguimos um dinheiro e demos início aos alicerces. Justamente neste período tive de fazer uma cirurgia na vesícula. Lembro-me de que eu estava internado na Santa Casa, em Lorena, quando Eto, Haroldo, Paulo Areco (o tesoureiro) e Martins (secretário) chegaram com a notícia: “O dinheiro deu somente para fazer o alicerce. Vamos parar

Canção Nova: uma obra de Deus

a construção!”. Juntando todas as forças, disse: “*Não vamos parar. Vamos continuar*”.

Não me lembro de ter dito algo a mais, porém a resposta foi tão segura que eles saíram do quarto e, ali mesmo, no hospital, reuniram-se mais uma vez. Paulo Areco pediu demissão, afirmando: “Esse padre está louco! Como tesoureiro, não vou segurar esse rabo de foguete”. Eto, então, ficou sem tesoureiro; mas bendito o momento em que eu disse que não iríamos parar. Se tivéssemos parado, hoje não teríamos nada! Deus estava naquilo!

Em seis meses levantamos a casa! Na festa de São João Batista, em junho de 1977, realizamos o primeiro encontro: um Maranathá para moças. Dedé foi a coordenadora. A casa não estava completamente pronta, mas já estava levantada, com beliches, mesas e cadeiras. O restante foi adquirido aos poucos.

A esta altura percebia-se duas fortes características da Canção Nova: *a presença de Maria e a Divina Providência*.

É interessante relatar que um de nossos propósitos era construir a casa sem nunca deixar de pagar os pedreiros. Era aquele sufoco! Mas, graças a Deus, todas as semanas os pedreiros recebiam seu ordenado.

Numa ocasião, tivemos um encontro do qual Lena foi coordenadora. Na capela, pela manhã, falei que, entre outras preces, pediríamos a Deus o dinheiro para o pagamento dos pedreiros. Naquela mesma manhã, os jovens, cientes da situação, fizeram uma coleta entre eles. Ao meio-dia já estávamos

Como começou nossa história

com todo o dinheiro necessário. Recordo-me que Eto pagou os pedreiros, mostrou-me as contas e o pouco dinheiro que havia sobrado. Colocou o dinheiro no bolsinho da camisa, bateu no peito e falou brincando: “Estou rico”. Aquele era o momento de aprender mais uma linda lição.

Nem bem saímos, conversando sobre a construção, um caminhão se aproximou. O motorista, ao nos ver, parou e perguntou se ali era a Canção Nova e disse: “Nesta semana eu fiz um frete e a pessoa que o encomendou pediu-me para vir aqui receber!”. Eto perguntou qual era o valor. E este era exatamente aquele que estava no bolsinho da camisa dele. Toda a construção foi levada assim!

Pusemos um nome na casa: *Canção Nova, a Casa de Maria* – lugar onde as pessoas nascem para uma vida nova. Só podia ser Canção Nova, a Casa de Maria; é nela que nascem os filhos de Deus.

2. Como a Comunidade Canção Nova nasceu

Nunca pretendi “fundar” ou ser “fundador”. De certa maneira, essa idéia até me repugnava. Simplesmente fui sendo dócil à condução de Deus que hoje, vejo, foi “vigorosa”.

Deus me puxou e empurrou muitas e muitas vezes. Penso que fui sempre muito “respeitado” em minha liberdade, porém Deus andava com passos firmes à minha frente. Ele abria caminhos que eu não imaginava, mas pelos quais eu seguia. Se hoje a Canção Nova é uma “fundação”, afirmo que “foi Deus quem a fundou”: Ele tinha desígnios a respeito dela; Ele a plantou, a fez crescer, a direcionou, podou, ampliou, a fez produzir frutos, a fez sinal e ponto de atração. Foi Ele, sempre Ele, tudo Ele, quem fez.

Canção Nova: uma obra de Deus

Admito que fui colocado na “origem” de tudo, na base. Só assim posso aceitar que sou “fundador”. Deus me pôs na origem, na raiz, no coração, no fundamento. Ele me fez fundador.

Revendo minha história, que é a da Canção Nova, vejo-me como um menino que a muito custo consegue acompanhar os passos do pai. Um menino que não entende o que está fazendo, nem para onde está indo, mas vai, porque confia. Vejo que desviei, escorreguei, caí, voltei, corri na frente, me atrasei, mas sempre havia *uma mão forte de Pai*, e o caminho foi sendo trilhado. Acompanhou-me uma *intuição* de que eu não era feito para ser sozinho, e sim que *eu-era-com-outros*.

Pessoas vieram e se foram. Muitas quiseram viver e trabalhar comigo e passaram pela minha vida. Agradeço a Deus por tê-las colocado em meu caminho. Agradeço a elas, pois todas foram importantes. Muitas marcaram minha vida, minha caminhada, mas não eram ainda as pessoas com quem, nos desígnios de Deus, deveria *permanentemente (con) viver e (co) laborar*.

Nascimento de uma Canção Nova para a Igreja

Vários fatos prepararam o *nascimento da Comunidade Canção Nova*, mas defino como momento do “nascimento” o dia em que Dom Antônio, bispo de Lorena na época,

Como a Comunidade Canção Nova nasceu

chamou-me ao seu escritório. Ele estava com o livro da *Evangelii Nuntiandi* (Evangelificação no Mundo Contemporâneo) e começou a falar sobre esse documento, publicado pelo papa Paulo VI em 8 de dezembro de 1975.

Um ano antes, em 1974, houve o sínodo (assembléia de bispos), em seguida, o Papa preparou o texto e o enviou a todos os bispos. Dom Antônio o tinha acabado de ler. Estava muito impressionado e me disse: “Padre Jonas, o que o Papa fala aqui é totalmente verdadeiro. É preciso evangelizar, a hora é de evangelizar”.

Notei que Dom Antônio estava realmente tocado e inspirado. Ele pegou um artigo, já reservado, e leu para mim:

Verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a Ele se entregar (EN 44).

Dom Antônio me disse: “Já que você trabalha com jovens, é mais fácil fazer isso com eles. Comece alguma coisa. Há muito para se fazer, mas temos de começar por alguma coisa. Então, comece por isso”.

Canção Nova: uma obra de Deus

Cada vez que leio esse artigo, fico admirado como tudo aconteceu ao pé da letra. Disse a Dom Antônio que considerava suas palavras como uma inspiração e ainda: “Não sei o que fazer. Vou rezar e lhe trago uma resposta”.

Parei e rezei. Em seguida, voltei com um esquema. Como ele havia citado para mim a palavra *catecumenato*, dei esse nome ao curso que preparamos. Era realmente um curso de catequese, não de catecismo de primeira comunhão, mas um curso de catequese para jovens.

O documento do papa Paulo VI foi publicado em 8 de dezembro de 1975. Não me lembro bem quando dom Antônio teve esta conversa comigo, se no final de 1975 ou no começo de 1976. Graças a Deus, na Semana-Santa, começamos o que chamamos de “Catecumenato”. Foi muito bonito. Ocupamos com palestras toda a quinta-feira Santa, a sexta-feira e também o sábado. O salão do Instituto Salesiano ficou lotado. À noite, fizemos a vigília pascal.

Sáimos do colégio São Joaquim e fomos em procissão até o colégio Santa Teresa, onde aconteceu a vigília durante toda a noite. Foi assim que inauguramos o catecumenato. Durante os anos de 1976 e 1977, houve catecumenato. Os pais, percebendo a transformação dos próprios filhos, também começaram a participar. Aconteceu ao pé da letra: “... *tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a Ele se entregar*” (EN 44).

Como a Comunidade Canção Nova nasceu

Houve um momento em que pensei: tenho que lançar um desafio. Teríamos um catecumenato interno, de um fim de semana inteiro, em Queluz. Viajava de trem de Lorena a Queluz quando no trajeto senti forte certo desafio, mas para mim era absurdo fazê-lo: Quem iria querer deixar sua família, sua casa e seus estudos para morar junto comigo em comunidade? Quem iria dedicar-se ao trabalho que estávamos iniciando?

Era tão absurdo que pensei: vou lançar o desafio. Não irão aceitar. Se aceitarem, é sinal de que o Senhor quer isso mesmo.

Quando cheguei em Queluz fiz o desafio, e uma grande quantidade de jovens aceitou-o, o que significava que realmente já estavam experimentando a necessidade de se entregar àquele Cristo que começavam a descobrir. Na prática, na hora de deixar a família, de interromper os estudos, o trabalho, o namoro, nem todos aqueles que tinham aceitado puderam cumprir o compromisso. Mas começamos, éramos exatamente doze: Luzia, Iracema, Fátima Areco, Irmã Judite, Irmã Lurdinha, Walter, Toninho, Zaqueu, Paulinho, Tina, Irmã Izabel e eu.

No dia 2 de fevereiro de 1978 iniciávamos a Comunidade Canção Nova com nosso primeiro compromisso. A artéria já tinha saído do coração de Deus.

Muitos acontecimentos nos prepararam para este passo: já tínhamos encontros no colégio São Joaquim, ou onde podíamos; pedimos a Deus uma casa, e já tínhamos passado pela casa na cidade de Areias e construído a casa de Queluz;

Canção Nova: uma obra de Deus

a própria Associação Canção Nova já existia. Mas a artéria nasceu mesmo no dia 2 de fevereiro.

Dom Antônio não previa o que estava apontando. O trecho seguinte da *Evangelii Nuntiandi* começava com o título “A utilização dos meios de comunicação”. Ele diz:

No nosso século tão marcado pelos “mass media” ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da fé, não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar. Postos a serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até o infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazer com que a Boa-nova chegue a milhões de pessoas. A Igreja se sentiria culpável diante de seu Senhor, se ela não lançasse mão desses meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela ‘apregoa sobre os terraços’ a mensagem de que ela é depositária. Neles encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões (EN 45).

Quando Dom Antônio me falou do trecho anterior, não reparei que havia esse outro em seguida. Não sabia em que aventura estava me colocando. Pensei que ficaria só naquele

Como a Comunidade Canção Nova nasceu

catecumenato. Tudo isso já aconteceu! Aí estão os meios de comunicação em que atuamos. Tudo nasceu daquele momento, mas principalmente da *Evangelii Nuntiandi*: a Evangelização do Mundo Contemporâneo.

Nascemos de um documento sobre a evangelização e de uma experiência concreta de evangelização. O que fazíamos com aquele catecumenato era uma forte evangelização. Nascemos para isso. Não só para fazer o que já fazíamos – os encontros de jovens –, mas para ousadamente usar os meios de comunicação, que ampliam até o infinito o campo da palavra de Deus, para que seja ouvida, e fazem com que a Boa-nova alcance milhões de pessoas. Que multidões ouçam a palavra de Deus! É o que já está acontecendo conosco, graças a Deus. Nascemos da evangelização e existimos para a evangelização.

Digo a muitos que se juntam a nós: os vasinhos dessa artéria nasceram da evangelização e vivem para ela. Não sei qual foi a forma que Deus lhe deu para evangelizar, mas não fique com medo. Talvez seja como arrecadador que você realiza seu trabalho como intercessor ou intercessora, seu trabalho de presença conosco, seu trabalho em nossas cozinhas e tudo o mais que o Senhor despertou ou despertará em você.

Não podemos ser assim “tão humildes” e nos colocar lá embaixo, dizendo que não somos capazes de nada. Talvez Deus suscite em você grandes coisas para fazer. Não é

Canção Nova: uma obra de Deus

assim que acontece quando se faz operação de varizes? O médico retira uma veia grande que estava estourando, e uma veia menor se tornará a veia mestra no lugar da outra que, por necessidade, foi retirada. Talvez você seja um vasilhinho e acha que não serve para nada, mas Deus pode fazer de você um Davi.

Davi, quando foi ungido, era o menor dos irmãos e a quem nem mesmo Samuel reconheceu. Samuel queria ungir o filho mais velho, pois era o mais bonito, mais forte, mas Deus disse: “Não, Samuel, vá devagar porque os homens vêem a aparência, mas eu vejo o coração”.

Samuel teve de aprender. Não foi nenhum daqueles irmãos que Deus escolheu, mas sim o último, o que nem imaginava que existisse, que Deus mandou ungir. Talvez você seja um “vasilhinho” como Davi, mas é com você que Deus quer agir. Ele pode transformá-lo numa grande artéria.

O nascimento da comunidade mostra que, graças a Deus, já havia muitas pessoas fortemente ligadas à Canção Nova; pessoas que deram seu sangue para que ela passasse a existir. Não poderiam imaginar quanto estavam cooperando para sua existência. Sem eles, a Canção Nova não viria à luz.

Dom Antônio chegou para definir tudo. Ele não imaginava o alcance do que fazia: mas Deus já estava usando algumas pessoas como instrumento. Então nasceu o núcleo Canção Nova, “Comunidade de Vida”, os jovens e eu.

Como a Comunidade Canção Nova nasceu

Atualmente, somos mais de mil espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Não ficou só no núcleo. Muitas pessoas “brotaram” daí e estão atuando muito próximas da Canção Nova. Portanto, hoje somos núcleo e segundo elo (respectivamente, Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança). Deus nos aponta para outras realidades ainda não totalmente claras, mas que pouco a pouco vão se revelando por meio dos vários acontecimentos que marcam nossa história. São fatos que confirmam aquilo que sempre vivemos no passado.

3. Nossa missão é evangelizar

Ao criar uma obra, Deus o faz com uma finalidade, um objetivo, uma missão. Digo de outra forma: Deus tem um objetivo quando cria uma obra, e Ele já o imprime nela ao criá-la. O objetivo faz parte da essência, da natureza da obra: é-lhe natural.

Uma obra realiza a parte do projeto de Deus que lhe é própria ao lado de muitas outras; e todas juntas realizam a totalidade desse projeto.

A missão de uma obra não depende da livre escolha de pessoas, muito menos acontece por acaso. Ela está na obra como semente viva. Como uma planta que cresce, a obra se desenvolve e vai realizando aquilo para que foi criada.

Posso dizer sem medo: a Canção Nova é uma obra-prima de Deus. Ela teve um lugar só seu na mente criadora de nosso Pai. Tem um lugar na vontade ativa do Pai que vai realizando

Canção Nova: uma obra de Deus

continuamente seu projeto até terminá-lo. E tem um lugar no coração do Pai que contempla sua obra em desenvolvimento e se alegra com suas realizações.

Ao pensar na Canção Nova, Deus a pensou *com as pessoas* que, no decorrer dos tempos, haveriam de realizá-la. Deus nos criou Canção Nova. Fomos pensados *juntos*. No decorrer do tempo, surgiríamos um depois do outro, mas já fomos pensados juntos. Fomos concebidos num único ato criador. Fomos criados Canção Nova com o ser Canção Nova, com a missão Canção Nova. Fomos criados *para* a missão. Fomos criados *juntos por causa* da missão. Fomos criados tal qual somos *em vista* da missão.

Cada um de nós é o que é (o próprio ser, a própria identidade) por causa do objetivo de Deus: a missão Canção Nova. Nós, em conjunto, essa criação coletiva de Deus, somos o que somos por causa da missão que Ele destinou à Canção Nova em seu projeto total.

Essa missão vai se realizar por meio de nós, e só por meio de nós. Somos a “empreiteira” que realiza a parte do projeto que lhe cabe. Nela, cada um tem seu lugar específico e seu trabalho próprio. É no desempenho da tarefa de cada um que a missão para a qual o Pai destinou a Canção Nova vai se realizando.

Cada um desenvolve a tarefa que lhe é própria, que é, portanto, essencial na realização da missão. Em outras palavras, a missão só vai se realizar se cada um ocupar seu lugar e realizar

Nossa missão é evangelizar

seu trabalho, aqui e agora. A missão evolui. O agir específico de cada um vai se evidenciando, e a pessoa vai descobrindo e assumindo pouco a pouco. Mas é preciso que cada um, no ponto em que está, assuma e realize bem o trabalho que agora lhe compete. Isso é essencial para que a missão aconteça.

Tudo isso não é mera introdução. Aí estão as bases da vida e da espiritualidade dos que vivem na comunidade, em Cachoeira Paulista, e em nossas frentes de missão.

Cachoeira Paulista é, hoje, a maior e mais importante frente de missão Canção Nova, e também o centro propulsor da missão.

Lá vivemos em função da missão. Lá a realizamos, aperfeiçoamo-nos nessa realização. Lá nos preparamos para empreender novas frentes de missão, para que ela se dê plenamente.

Portanto, estamos em Cachoeira Paulista, assim como em qualquer outro centro do carisma Canção Nova, por causa da missão. Por causa desta, estamos juntos, em comunidade; assumimos e desempenhamos os vários trabalhos; estudamos e nos aperfeiçoamos.

Nossa vida se passa em torno da realização da missão. É uma graça; é um privilégio *investir a vida* nisso. A expressão é forte, mas é esta mesma: investir a vida. O segredo está em empenhá-la plenamente.

Este é o segredo também para a felicidade e realização dos que são chamados a viver a Canção Nova em suas várias frentes de missão.

Gerados para os meios de comunicação

Outra característica da Canção Nova é: *“Fomos gerados para os meios de comunicação”*.

Não sabíamos que nossa existência estava ligada a trabalhar nesses meios, tanto assim, que nos dois primeiros anos de comunidade nos interrogávamos muito. Perguntávamos: por que Deus nos quer vivendo em comunidade? Será que é só para estudar a sua palavra? Para rezar e trabalhar em encontros e fazer palestras?

No final do segundo ano, começaram os sinais de Deus nos encaminhando para os meios de comunicação.

A editora Betânia trabalhava, em alguns encontros, gravando as palestras e duplicando os cassetes para fornecê-los às pessoas no próprio encontro. Aquilo nos encantava! Mas nem imaginávamos que poderíamos vir a fazer isso.

Um dos sinais de Deus aconteceu quando padre Eduardo Dougherty (SJ), voltou dos Estados Unidos, em 1979, com um duplicador de cassetes e nos doou. Colocávamos a fita gravada num lugar e, em três minutos, as palestras eram reproduzidas em duas outras fitas.

Esse aparelho foi, de fato, uma grande doação. Na época, valia por volta de dois mil dólares. Não era pouco dinheiro. Foi realmente um presente de Deus.

A partir de então, observava os rapazes que me acompanhavam nos encontros gravando as palestras e duplicando-as.

Nossa missão é evangelizar

Há palestras daquele tempo ainda gravadas. Fiquei encantado quando um dia, na rádio, no programa “A boa semente”, ouvi uma palestra que realizei em 1980. Na época, fui a São José dos Campos para proferir uma palestra a professores e diretores, a respeito do trabalho com jovens drogados. Ecir, um de nossos jovens, a gravou com os meios disponíveis na época. Era o Senhor nos empurrando para os meios de comunicação.

O Davi (Departamento de Audiovisuais) já espalhou cassetes e fitas de vídeo em todo o Brasil. Com o avanço da tecnologia, hoje podemos ir mais longe, atingir o exterior e alcançar mais pessoas. Já não são mais as fitas cassetes, agora são os CDs, DVDs, livros que levam Jesus às pessoas. São as várias formas que o Senhor utiliza para chegar àqueles que precisam dele. Começamos com as fitas, mas com o tempo percebemos que precisávamos acompanhar os avanços tecnológicos.

Em todo lugar, as pessoas falam, agradecem, pois foi por meio desse material que conheceram a Jesus, que melhoraram seus casamentos, que caminharam e se aprofundaram na fé e na vida cristã.

Nosso primeiro gravador

Depois da doação do duplicador, Dom Cipriano Chagas, um monge beneditino muito amigo nosso, apareceu na comunidade com um gravador de rolo profissional. Ele nos

Canção Nova: uma obra de Deus

disse que recebeu aquele gravador de presente. Deixava-o na Comunidade Emanuel e, toda vez que ia usá-lo sentia: “Esse gravador não é para você, é para a Canção Nova”. Ele ficou intrigado com aquilo, até que um dia resolveu levá-lo para nós.

Chegou justamente na hora da missa. No momento do ofertório, ele colocou o gravador como oferta. Para nós, foi surpreendente receber de presente um gravador profissional. Nem imaginávamos para que serviria.

Logo depois disso, iniciamos nosso primeiro programa de rádio: na rádio Mantiqueira, em Cruzeiro. Pedimos isso num dia de louvor, e Deus nos concedera. Mas, após dois meses e meio, perdemos o programa. Mais tarde, Deus abriu as portas para três programas diferentes: na rádio Cultura de Lorena; na rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista, que hoje é a Canção Nova, e na Mineira do Sul, em Passa-Quatro, Minas Gerais.

Não conseguimos mais ir às rádios para gravar os programas. Começamos a gravá-los em casa, em Queluz, com o gravador que Dom Cipriano nos havia dado e mais alguns aparelhos que recebemos de presente.

Gravávamos na sala de palestras, com canto de passarinhos e latidos de cachorro ao fundo. Os programas eram bem ecológicos, bem ao natural. Deus estava nos “empurrando” para os meios de comunicação mediante fatos bem concretos.

Quando ainda estávamos com o programa na rádio Mantiqueira de Cruzeiro, em 1979, sentia que Deus queria

Nossa missão é evangelizar

algo mais do que aquele programa. Pedi uma palavra de confirmação, e, ao abrir a Bíblia, o Senhor me falou:

“Tu, malhado por mim, grão do meu terreiro, o que ouvi do Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, eu te anunciei” (Is 21,10).

Esta palavra me deu a certeza de que Deus queria ampliar, queria mais programas na rádio. Porém, o que aconteceu foi que perdemos o único programa que tínhamos. Todos choraram, e eu chorei também.

Depois Deus abriu três programas: um de manhã em Lorena, outro ao meio-dia em Passa-Quatro e o terceiro, à tarde, na rádio de Cachoeira Paulista. No ano seguinte, o Senhor já estava nos dando uma rádio. O que Ele queria era isso: *Tu, malhado por mim, grão do meu terreiro, o que ouvi do Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, eu te anunciei.*

A Canção Nova existe para o povo, um povo malhado, pisado como o grão. Nós, que pertencemos à Canção Nova, somos esse povo. Nossas histórias o dizem. Deus nos resgatou e tem nos restaurado. Existimos para o povo. Era Deus nos mostrando, novamente, com sinais, que não queria apenas programas em rádio, mas queria uma rádio.

A Rádio do Senhor

Um senhor da cidade de Cruzeiro, Amauri Portugal, veio com sua esposa me procurar e disse que, orando em sua casa, Deus lhe dera a nítida visão da Canção Nova com torres

Canção Nova: uma obra de Deus

muito altas de rádio. Tinha visto também letras e números que eram justamente a identificação de uma rádio: *rádio Canção Nova, a rádio do Senhor*. Era a certeza do que Deus estava colocando em meu coração, e eu não podia mais duvidar: Ele não queria apenas programas de rádio, mas sim uma rádio.

Como iríamos adquirir uma rádio se nem um duplicador de cassetes podíamos ter? Com que meios? Com que pessoal?

O interessante é que Amauri voltou para acrescentar que não viu apenas torres de rádio, mas também antenas de televisão. Disse: “Já é demais! Agüenta coração!”

A impressora *offset*

Numa reunião no final do ano, em Queluz, discutimos o fato de não termos uma impressora *offset*. Naquele tempo, por causa do catecumenato, fazíamos muitos impressos. Sendo assim, necessitávamos de uma impressora. Reunimo-nos e fomos pedir a Deus. Para o pedido ser bem concreto, disse: “Olha gente, se Deus quer, Ele vai nos dar. Mas precisamos saber se Ele quer mesmo. Vamos sair em oração, e cada um de vocês reze perguntando a Deus se Ele quer nos dar essa *offset*. Se Ele quiser mesmo, nós vamos pedir e é certo que Ele nos dará neste Natal”.

Eles saíram para rezar. Quando voltaram, foi quase unanimidade dizer que Deus queria nos dar a impressora. Mas algo que me tocou fundo foi o que seu Orlando, tesoureiro da Canção Nova naquele tempo, falou: “Quando eu saí para rezar,

Nossa missão é evangelizar

Deus disse logo: ‘A *offset* vocês vão receber. Mas o que eu quero dar é uma rádio”.

Perguntei a seu Orlando se ele já tinha ouvido falar alguma coisa sobre termos uma rádio. Ele respondeu que não. Perguntei se alguém lhe havia falado a respeito disso. Disse que não. Então lhe perguntei: “Como aconteceu isso?”.

Ele respondeu: “Fui rezar e senti claramente Deus dizendo que a *offset* Ele já tinha dado, mas que pedíssemos uma rádio. Porque o que Ele queria dar era uma rádio”. Então, para mim, tudo ficou mais claro ainda.

Seu Joãozinho, presidente da Canção Nova na época, chegou muito assustado e me disse: “Padre, eu quase não dormi esta noite. Se dormi, não descansei. Durante a noite inteira eu trabalhei em sonho. Sonhei que estávamos com uma rádio prontinha para entrar no ar e só faltava um cabo para ligar. Eu andava para baixo e para cima à procura daquele cabo. Andava de carro e a pé, indo e voltando, para conseguir o cabo, e não o encontrava. Acordei de manhã ainda sonhando com o bendito cabo. Não entendi. Estou cansado e não entendi o sonho”.

Mas eu estava entendendo tudo. Não era um simples sonho. Era Deus dizendo que realmente queria uma rádio.

Outras confirmações

Para mim, a mais linda confirmação foi a do padre Sebastião Carneiro, pároco de Queluz. Ele chegou um dia, muito

Canção Nova: uma obra de Deus

sério, dizendo-me: “Padre Jonas, de madrugada Jesus me acordou e falou longamente de duas coisas: da minha Congregação e de uma rádio. Depois, Jesus disse que a respeito da Congregação era comigo: toda a transformação dela. Quanto à rádio, era com o senhor”.

Quando o padre Sebastião acabou de falar, disse: “Meu Deus do Céu! Agora não tem mais escapatória! O Senhor quer mesmo que tenhamos uma rádio”.

O que Jesus falou a ele naquela madrugada foi verdade. Tanto assim que a rádio está aí, e a Congregação dele também passou por uma verdadeira transformação.

A rádio não foi uma escolha minha, nem da Canção Nova, foi uma *imposição* do Senhor.

Naqueles meses, fui a Cachoeira do Campo, em Minas Gerais, para um encontro do Conselho da Renovação Carismática, e lhes contei tudo em detalhes. Ouviram, tiveram um tempo de discernimento e me deram a resposta: “Padre Jonas, vá em frente. Nós estamos com você porque sentimos que é de Deus”.

Nessa ocasião, Dom Cipriano corria o Brasil, fazendo uma campanha pela Comunidade Emanuel, para começarem a revista, depois os livros e a editora Louva a Deus. Dom Cipriano fez essa campanha, e sobrou dinheiro.

Como ele sabia que Deus nunca dá dinheiro a mais, perguntou para o Senhor qual era a finalidade daquele. Assim, como no caso do gravador, Deus colocava no coração dele que o que sobrava da campanha era para a Canção Nova.

Nossa missão é evangelizar

Toda vez que ele ia mexer naquele dinheiro, Deus lhe dizia para não fazê-lo, porque era da Canção Nova.

Quando contei sobre a rádio ao Conselho da Renovação, Dom Cipriano me chamou num cantinho e disse: “Deus já me havia mostrado isso. Então, na hora em que você precisar, há um dinheiro disponível para que a rádio possa acontecer”.

Algo maravilhoso ocorreu: assim que retornei para casa, soube que o Ministério das Comunicações havia aberto a concorrência para uma rádio na cidade de Cruzeiro. Era preciso que eu me apressasse para participar daquela concorrência.

Fui a Cachoeira Paulista para conversar com senhor Caetano, diretor da rádio, para pedir informações. Ele me aconselhou a não entrar na concorrência, porque gastaria tempo e dinheiro. Ele me perguntou: “Por que o senhor não compra essa outra rádio aqui?”. Então perguntei: “Quanto ela custa?”. Ele disse: “Dois milhões”. Ri, e a conversa ficou por ali. Para nós era uma soma impossível.

Depois, Dom Cipriano e a Comunidade Emanuel, em oração, tiveram um discernimento e mandaram para nós uma indicação: “Não é para entrar na concorrência”. Eles nem sabiam do aconselhamento do senhor Caetano: “É para comprar essa rádio de Cachoeira”. Voltei ao senhor Caetano para conversar sobre isso.

Ele só me falou de coisas negativas da rádio: era uma “bomba”, só dava trabalho, não dava lucro nenhum. Pintou um quadro tremendamente negro. Falei a ele: “Não estou aqui

Canção Nova: uma obra de Deus

para comprar uma rádio. O senhor não é gerente da rádio Bandeirantes? Estou aqui como funcionário de Deus. Ele é que quer uma rádio. Estou aqui apenas para fazer o negócio”. O senhor Caetano arregalou os olhos e mudou a conversa, dando-me todas as indicações necessárias. Ele foi a pessoa certa enviada por Deus naquele momento.

A compra da rádio em Cachoeira Paulista

No dia 1º de abril de 1980, o “dia da mentira”, realizávamos *a grande verdade*: compramos a rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista por dois milhões de cruzeiros. A emissora foi adquirida pelos três cotistas: Dom Cipriano, do Rio de Janeiro, Faninho, de Campinas, e Luzia, que se dispuseram a transformar as suas cotas numa fundação. Luzia e eu trabalhamos nos estatutos dessa fundação durante dois anos com a orientação de Marco Antônio Albuquerque, promotor público da época, que após ter feito toda a revisão, deu como instituída a fundação. Era o início do pontificado do papa João Paulo II. O Papa iniciava sua viagem missionária por muitos países quando nos veio este impulso missionário da Canção Nova ser como ele para as nações. Nesse ardor, no dia 30 de junho de 1982, foi instituída a Fundação João Paulo II.

O contrato firmado com João Saad era pagar 1 milhão à vista e cinco parcelas de 200 mil cruzeiros. Naquela hora, o cheque era “gélido”. Pedimos cinco dias para descontá-lo. Dom Cipriano pegou todas as reservas que tinha e – coitado!

Nossa missão é evangelizar

–, teve de correr atrás de muito mais dinheiro ainda. Mas, graças a Deus, antes de cinco dias já havia 1 milhão no banco para descontar o cheque.

Foi uma grande aventura pagar 200 mil por mês! O pior foi o seguinte: no começo, a rádio só tinha 250 watts. Era um “serviço autorizado de alto-falante” que nem chegava bem à cidade vizinha.

Para mudar a potência para 1 kw, era preciso comprar o transmissor, a torre e montar tudo. Gastamos dois milhões e seiscentos mil cruzeiros. A rádio acabou custando quatro milhões e seiscentos mil. Para quem não tinha nada, era um milagre!

Milagre ainda foi a rapidez com que tudo foi feito: em dois meses, tudo foi adquirido e montado. Muita gente ajudou. O trabalho foi todo realizado com mão-de-obra doada.

Como tudo exige sacrifício, dor e coragem, o transmissor chegou, mas, na hora de colocá-lo no ar, não funcionava. O engenheiro o desmontou todo. O Eraldo Matos ajudou a desmontá-lo para ver onde estava o defeito. Eu, ao lado, rezava o terço e orava em línguas, madrugada afora, para que a operação pudesse acontecer.

De madrugada, lá pelas duas da manhã, ele encontrou o defeito. Na hora de soldar uma peça, a solda elétrica escorreu um pouco mais e estava dando curto-circuito. Ele corrigiu a solda e disse: “Será que é isso?”. O único defeito encontrado era aquele. Dissemos: “Pode montar o transmissor na fé”. Ele o montou de novo. O transmissor entrou no ar às 4h da ma-

Canção Nova: uma obra de Deus

nhã e tocou música o resto da madrugada. Naquele dia 25 de maio de 1980, inaugurávamos a rádio, não por nossa vontade, mas porque era o desejo de Deus.

Esta é a característica da Canção Nova: “*Nós existimos para os meios de comunicação*”, não por um projeto nosso, mas porque Deus quer. Todos os fatos nos levaram a isso!

A conversão do professor Lourenço

Nesse tempo, o professor Lourenço Chehab estava no Ministério da Comunicação e ocupava um cargo importante na área técnica.

Fui a Brasília para um grande encontro e pedi uma audiência com ele para o dia seguinte. No início da conversa com o professor, no Ministério das Comunicações, ele me perguntou: “O senhor não é o padre Jonas que estava ontem naquele encontro?”. Respondi que sim. Então a conversa mudou totalmente de rumo. Por mais de meia hora ele falou sobre si mesmo: desde que se casou, há mais de 25 anos, não voltou para a Igreja. Mas, agora, os filhos estavam levando-o de volta, porque freqüentavam um grupo de jovens. Até sua esposa já participava de um grupo de oração, disse-me ele.

No domingo, a esposa e os filhos foram para aquele grande encontro, e ele ficou trabalhando em casa. Durante três fins de semana precisaria trabalhar, mas, contra toda expectativa, terminou tudo às quatro horas. Conferiu o trabalho e

Nossa missão é evangelizar

teve certeza de que o tinha terminado. Então, resolveu ir para o final do encontro.

Quando chegou lá, o estádio estava lotado, mas mesmo assim encontrou uma cadeira vazia ao lado de sua esposa. Ele se lembrava de que era uma cadeira vermelha. Sentou-se e assistiu ao encontro até o fim. Disse-me: “Padre, se a Igreja Católica é o que eu vi ontem naquele encontro, eu volto para a Igreja”. Disse-lhe que podia voltar porque a Igreja Católica era aquilo que ele tinha visto e não outra.

Terminada a audiência, no fim da tarde, fui celebrar uma missa numa das igrejas de Brasília. Elzinha, uma das moças de nossa comunidade, estava comigo. Começou o ato penitencial e, na hora em que abaixei a cabeça dizendo: “Examinemos nossa consciência”, percebi que alguém entrava pelo fundo da igreja. Pensei: “É ou não é? Estou certo ou estou enganado?”. Quando levantei a cabeça, vi o assessor do ministro das Comunicações, o professor Lourenço Chehab, entrando na igreja com uma senhora, possivelmente sua esposa, e dois rapazes, que deveriam ser seus filhos.

No final da missa, conversamos na porta da igreja. Ele me contou que, ao chegar em casa, no final da tarde, falou para sua esposa: “O padre que dirigiu ontem aquele encontro foi conversar comigo no Ministério”. Diante da admiração da esposa, ele relatou toda a conversa daquela tarde. Narrou tudo com detalhes. Sua esposa, que estava acabando de se arrumar, arriscou o convite: “Eu vou à missa. Você não quer ir comigo?”. O professor me confidenciou que aquele convite

Canção Nova: uma obra de Deus

foi o toque de Deus. Ele se lembrou do que havia dito: “Se a Igreja Católica é o que eu vi ontem naquele encontro, eu volto para a Igreja”. Nunca tinha feito isso, mas dessa vez aceitou o convite e a acompanhou. Deus estava andando rápido.

Dois meses depois, eu estava na casa do professor Lourenço e conversamos até as duas da manhã. Ele me perguntou tudo sobre Igreja e religião. Era um homem inteligente e tinha muitos questionamentos. Respondi como pude, o resto Deus fez.

Deus conquistou aquele homem, fazendo uma linda conversão em sua vida. Ele pôde ser instrumento não só para a Canção Nova, mas para muitas rádios da Igreja. Hoje, já temos muitas rádios, como a nossa, espalhadas pelo Brasil. Deus não só trabalhou abrindo portas na área técnica, mas tocou, converteu e transformou um homem-chave para que tudo isso pudesse acontecer.

A gratidão de um homem de Deus

Deus provou; não dá para negar. Ele nos escolheu para trabalhar nos meios de comunicação, para evangelizar por meio deles. Deus seja louvado!

Obrigado, porque pude gravar muitas fitas em áudio e em vídeo. Obrigado, pela rede de rádio e retransmissoras, gravação do DVD, e site. Obrigado, Senhor, porque vivemos ainda da mesma pobreza. Podemos multiplicar o que fazes conosco e levar

Nossa missão é evangelizar

isso para muita gente. O milagre do maná se repete em nossas vidas, Senhor. Tu estás alimentando um povo todo, e nós temos essa graça como aquele menino. Somos os agentes para a multiplicação do alimento para esse povo. Hoje não é mais pão e peixe, hoje é a tua Palavra que, em áudio e em vídeo, vai para tanta gente.

É a tua Palavra que vai pelas ondas da rádio. É a tua Palavra que vai em som e imagem pelas ondas da televisão. Não só aqui, mas por outras rádios que agora estão no ar, por muitas outras que virão e pelo website. Só posso dizer: tu, e somente tu podias fazer essas maravilhas. “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Sl 115,1). Porque a glória é tua. Nós somos os beneficiados e nós somos as maiores testemunhas de que realmente um Deus vivo e operante vive no meio de nós.

Sim, não podemos esconder que um Deus vive em nossa casa; que um Deus onipotente, para quem nada é impossível, vive escondido na pobreza, na simplicidade, até mesmo na riqueza de nossa casa. Muito obrigado por isso, Senhor!

Fica aqui mais um compromisso nosso: não podemos esconder aquilo que nos dá, aquilo que recebemos de ti. Precisamos proclamar sobre os telhados, Senhor. Obrigado, porque já podemos espalhar, por cima dos telhados, o que recebemos das tuas mãos. Realmente teu Evangelho está acontecendo em nossa vida.

Eu te agradeço, Senhor, hoje, por todas as pessoas que puseste em meu caminho para que isso pudesse acontecer. Por cada uma das pessoas que usaste para nos impulsionar e mostrar que

Canção Nova: uma obra de Deus

essa era tua vontade. Por todas as pessoas que puderam ser instrumento para que tudo isso acontecesse. Desde os homens que trabalharam no barro, Senhor, para colocar as torres e a casa dos transmissores, até o assessor do Ministro das Comunicações. Hoje assumimos um compromisso novo: o compromisso de nos gastar em tua obra!

4. Vivemos da providência

Nossa confiança não está em nenhuma empresa ou comércio, nem nos bancos ou na política. Ela está no Senhor: “Sei em quem coloquei minha confiança”.

No início, era difícil viver essa confiança e assumir total dependência. Graças a Deus, tivemos coragem e demos os passos. Hoje, é muito mais fácil, pois temos a história concreta da Canção Nova, anos inteiros vividos assim.

Deus permitiu que o colocássemos à prova, e nós o fizemos. Ele provou maravilhosamente a sua promessa cuidando de nós mais do que dos passarinhos e das flores do campo, quando nos abandonamos à sua vontade.

Não tínhamos nada, apenas a fé, que gerou em nós uma enorme confiança. Ele abençoou-nos com lindas experiências. Como exemplo, cito dois fatos interessantes.

Já tínhamos a rádio. Jonas e Teresinha haviam cedido um pedaço de terreno, onde foi construída a primeira sede da

Canção Nova: uma obra de Deus

nossa rádio. Porém, morávamos em casas na cidade. Era difícil termos uma vida de comunidade, se ficávamos distantes uns dos outros.

Estávamos pedindo a Deus a graça de ter nossas casas. Adquirimos o terreno e queríamos muito construí-las. Senhor Valentin, da cidade de São Paulo, e sua esposa sabiam disso. Ele viajou para o exterior e, assim que voltou, deu-nos os dólares restantes da viagem, dizendo: “Sei que vocês querem muito construir uma casa. Este dinheiro é para a construção. É o mínimo, mas fazemos questão que seja para a casa”.

Guardamos aqueles dólares sagradamente para a construção da casa e, logo depois do Rebanhão – retiro aberto realizado nos dias de carnaval, na cidade de Cruzeiro –, juntamos tudo o que tínhamos, mais os dólares. Eto, Luzia e Luiz Paulo foram para São Paulo comprar os materiais de construção: pias, vasos, material elétrico, azulejo, enfim, todo material de acabamento. O dinheiro só deu para a entrada das prestações. O material ficou guardado em Queluz, na Casa de Maria.

Dois dias depois da compra, estourou o chamado Plano Cruzado. Por causa desse plano econômico, as prestações diminuíram ao invés de aumentarem. Isto foi milagre para nós. No decorrer do ano, fomos pagando o material.

Já tínhamos o mais caro e o mais importante. Então começamos a construção das quatro casas que estão em Cachoeira. Por que fizemos um sobrado? Porque não imaginávamos que Deus nos daria toda a chácara. Como tínhamos apenas

Vivemos da providência

uma faixa do terreno, não era conveniente espalhar mais casas, pois precisaríamos dessas áreas para outras construções.

Apenas um pedreiro e um servente trabalharam dois anos inteiros para levantar a casa. Foi construída com sacrifício, com dinheiro “pingado”. Dois anos depois, o Brasil voltava às crises econômicas normais. Ninguém conseguia comprar nada. Nessa época, começamos a fazer o acabamento. As pessoas ficavam admiradas: “Como é que vocês estão conseguindo?”. Mas Deus tinha guardado, durante dois anos, o material para nós. Tudo foi realmente um presente Dele.

Sempre tivemos necessidade de um carro grande, por causa dos encontros, pois fazíamos viagens, levávamos pessoas para gravar as palestras e todo o material de gravação em áudio e vídeo. Sempre pedimos a Deus esse carro, mas não tínhamos dinheiro. Os anos se passavam, e nada de dinheiro.

Certa vez, um padre alemão veio nos visitar. Ficou conosco uns quinze dias e gostou muito da comunidade e da missão. Ao término da visita disse-nos: “Vocês têm muitas necessidades. Mas percebi que a maior delas é a falta de um carro grande. Vamos fazer um projeto para pedir um carro na Alemanha?”. Ele chamou Luzia, pois era ela quem sempre fazia nossos projetos, e fez o pedido em alemão.

O tempo passou, e a resposta foi negativa. Aquele tipo de carro era muito caro e eles não costumavam fazer ofertas.

Canção Nova: uma obra de Deus

Quando chegou a época do Natal, Deus colocou em meu coração a vontade de nos dar uma caminhonete. Acolhi e disse: “Se o Senhor quer dar, eu estou pedindo”. O interessante é que antes de fazermos o pedido sentimos que Deus quer dar, por isso o fazemos. Ele está disposto a dar, então pedimos.

Os membros da comunidade me perguntavam o que eu gostaria de ganhar de presente de Natal e dizia: “Uma caminhonete D20, cabine dupla, à diesel e carroceria grande para carregar bastante material”. Só não mencionei a cor azul. Eles riram, é claro.

O Natal passou e nada da caminhonete. O Ano Novo se foi e nada. Se as pessoas quisessem rir de mim, como fazem quando meu time perde, teriam muito motivo para isso. Mas eu não estava decepcionado. Tinha dentro de mim uma certeza: Deus queria me dar a caminhonete no Natal.

Naquela época, a minha secretária era Fatinha. Entre as cartas que chegaram pelo correio, uma era do exterior. Fatinha veio correndo me entregá-la. Abri a carta, que tinha todo o aspecto de um cartão de Natal, e pensei: “Quem teria se lembrado de mim no exterior?”. Era realmente um cartão de Natal, mas estranhei a fita adesiva em torno do cartão. Estava bem fechado. Tirei a fita adesiva com cuidado, para não estragar o cartão, e vi um cheque em marcos, a moeda alemã. Disse imediatamente: “É a caminhonete que Deus está nos dando”.

Saí fazendo festa, contando para todo mundo: “Ganhamos a caminhonete”, sem saber quanto valia aquele cheque.

Vivemos da providência

As pessoas voltaram ao escritório para ver o projeto que tínhamos feito com o padre alemão, porém o endereço para onde tinha sido enviado não conferia com o do envelope. Eu, porém, tinha certeza de que era a caminhonete.

Três dias depois recebemos um telegrama do padre alemão. Ele explicava rapidamente que foi passar as férias em sua terra e convidou as pessoas da paróquia para fazer alguma coisa por nós. Eles foram muito generosos em suas ofertas naqueles dias antes do Natal. O padre juntou todas as doações, transformou num cheque e o enviou para nós. Ele não sabia se daria para comprar o carro, mas mandou tudo o que arrecadou.

Com aquele dinheiro, compramos uma caminhonete D20, a diesel, cabine dupla e com carroceria ampla para carregar todo o material para os encontros. A cor foi um acréscimo, mostrando a presença e a intercessão de Nossa Senhora: azul.

Naquele tempo não era fácil comprar um carro assim, pois era muito caro. Mas conseguimos fazer a compra e ainda sobrou um dinheiro. Perguntamos a Deus o motivo de ter sobrado aquele dinheiro. Na hora de fazer o licenciamento é que percebemos o porquê. Gastamos o dinheiro todo. Não deu sequer para abastecer com o diesel pela primeira vez. Foi realmente um presente de Natal!

Canção Nova: uma obra de Deus

Vivemos da providência! A Canção Nova é a linda aventura de viver, nos dias de hoje, a total dependência de Deus. Dependere de Deus é difícil, porque exige de nós dar a Deus o controle de tudo e não mais ter as rédeas da nossa vida, como nos propõe o mundo atual com seu individualismo. Mas temos de saber o que Ele quer de nós.

Muitos não têm a coragem de viver dessa maneira. Por isso, e somente por isso, não experimentam a ação da Providência em suas vidas. Continuo com minha carteira quase sempre vazia e minha conta bancária contém o mínimo para não ser fechada. Pelas minhas mãos passaram milhões, mas eu, graças a Deus, não possuo nada. Não tenho nenhuma propriedade. Empreguei a herança de meus pais no terreno que adquirimos em Cachoeira Paulista. Graças a Deus, não tenho nada. Posso afirmar que minha única propriedade é o Senhor. Ao dizer isso, não estou me vangloriando, mas testemunhando que tudo isso foi necessário, imprescindível, para que hoje tivéssemos tudo o que o Senhor nos dá por acréscimo.

O que fizemos, desde o começo, foi dar um passo no escuro, como o de Pedro quando saiu da barca e andou sobre as águas. Posso testemunhar que, como Pedro, várias vezes tive medo. Muitas vezes, olhei para as ondas e não para o Senhor e afundei. Mas o Senhor estava próximo, estendeu sua mão e disse, olhando-me nos olhos: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” (Mt 14,31b). Hoje, continuo caminhando sobre as águas e constato que esse caminhar na fé, na completa depen-

Vivemos da providência

dência do Senhor, em tudo e por tudo, me é exigido para que a Canção Nova seja o que Deus criou e realize o que quer.

Não é mérito meu, pelo contrário, é minha obrigação. Se eu não viver assim, as coisas não acontecerão. Sei que muitos deram passos na fé. No início, foi muito difícil. Não tínhamos nada sobre o que nos apoiar, a não ser o Senhor e sua promessa. Louvo a Deus por todos que deram e continuam dando esses passos na fé.

Estamos, porém, no agora e não podemos viver do passado. Não basta se apoiar em mim e naquilo que eu vivo, é necessário que cada um dê seu passo e ande na fé. É necessário que cada um permaneça na completa dependência de Deus. É uma exigência que Deus faz a mim, a todos, mas principalmente a cada um de forma pessoal.

5. Providência e reconciliação

Você está conhecendo o histórico da Canção Nova. Está diante das pedras fundamentais, que são nossos princípios de vida. A história e a vida foram nos mostrando que Deus tinha feito a Canção Nova assim.

O objetivo fundamental de nossos encontros, e de tudo o que fazemos, é proporcionar o encontro pessoal das pessoas com Jesus, para que, em seguida, recebam a graça de seu Batismo no Espírito e passem pela experiência do derramamento do Espírito Santo, pela experiência de serem pessoas plenas do Espírito.

Fomos descobrindo essa realidade por meio de nossa história. Deus quis que eu vivesse antes para depois me levar a realizar isso.

Tudo o que fizemos foi mostrar o que Deus queria de nós. Hoje, depois desses anos todos de Comunidade e Associação

Canção Nova: uma obra de Deus

Canção Nova, não temos dúvida nenhuma de que ela existe para promover o encontro pessoal com Cristo e levar as pessoas ao Batismo.

Não vivemos apenas do passado. Os fatos se dão no presente também. Num dia de formação, havia duas meninas na sala quando começamos a rezar. O Senhor falou forte no meu coração que as duas podiam orar em línguas. Elas vieram, ficaram ao meu lado e eu disse a elas: “Vamos orar?”. As duas começaram a orar em línguas. Foi imediato!

Uma delas se pôs a chorar. Perguntei por que estava chorando e ela me respondeu: “Porque Jesus tocou no meu coração”. Eu lhe disse: “É isso mesmo. Quando nos abrimos e oramos desse jeito, a primeira coisa que o Senhor faz é tocar nosso coração. Um dos sinais da presença de Deus são as lágrimas”.

Continuamos e, daí a pouco, a outra começou a chorar. Perguntei-lhe se Jesus estava tocando seu coração também, e ela me disse que sim.

Não podemos perder tempo. Nós existimos para isso. Até diria: “É um abuso!”. De jeito nenhum. Quantas pessoas estão por aí prejudicando nossas crianças? Quantas pessoas, abusivamente, estão levando nossas crianças a experiências terríveis, marcando suas vidas definitivamente? Estamos lhes dando o melhor. Tudo feito na sabedoria de Deus.

Para que a missão da Canção Nova se realizasse, desde o início Deus já mostrava que Ele providenciaria todo o necessário.

Providência e reconciliação

Dependeríamos unicamente da Providência. Não tínhamos meios nem locais para realizar nossos encontros. Tudo foi conseguido pela Providência.

Já falei sobre a primeira casa de encontros em Areias, sobre a construção da casa de Queluz e de como Deus foi manifestando sua providência nas mínimas coisas! Na Canção Nova, tudo se passa na Providência. Não é só na parte econômica, mas em tudo! Até em nossa formação.

Certo dia, depois de uma reunião extenuante, das 14h30 às 18h30, fui atender a uma pessoa da comunidade. Diante do que ela me falou, senti que precisava resolver seu problema. Tinha de tomar decisões sérias. Claro, eu não tinha nenhuma solução. Precisava buscá-la naquela conversa. Não podia deixar a pessoa sem uma resposta.

Não sabia o que lhe responder. O impressionante é que enquanto a pessoa falava, a solução foi se formando como um quadro para mim. Tudo foi se completando e se encaixando. Providencialmente, Deus me deu todo o necessário: como enfrentar e resolver aquela situação.

Terminei a conversa e fui para casa. Estava sem jantar até àquela hora, e já eram quase nove horas da noite. Mas fui jantar cheio de alegria, pelo que havia ocorrido!

Deus me deu a solução: ela foi apresentada e executada. Os frutos viriam. Isso quer dizer: Deus age conosco sempre e em tudo por sua Providência. Se eu quisesse sabedoria humana, não teria, mas Deus a deu. Para nós, a solução vem sempre do Senhor.

Canção Nova: uma obra de Deus

Quando demos o primeiro passo para iniciar a comunidade, morávamos em Lorena, na rua Dom Bosco, 95. Nessa primeira casa tudo era pela Providência. Sentia que precisava dar àqueles jovens uma formação. Várias vezes tentei fazer um esquema de formação, cheguei a traçar alguns, mas o interessante é que não apliquei nenhum deles. Você poderia pensar que foi uma irresponsabilidade. “Por que eu não segui nenhum esquema?”. Porque todos os dias iniciávamos tudo com a missa após o café. Naquela época tínhamos tempo! Deus foi providente também nisso, pois nossas missas sempre duravam cerca de duas horas. Nas missas, o Senhor nos dava todo o rumo de nossa formação: pelas palavras de profecia e de ciência, pelas imagens que surgiam e pelas palavras da Escritura. Éramos ainda muito criança, mas não podemos negar que Ele nos dava indicações claras e precisas. Era só colocá-las em prática.

Hoje, já não posso estar em todos os encontros, conduzindo as formações. Aquilo que Deus fazia comigo, usando-me, hoje ele faz com os próprios membros das nossas casas e das casas das frentes de missão; justamente porque é o Senhor quem nos forma a cada dia e somos apenas instrumentos em suas mãos. Nossa formação continua acontecendo por meio das orientações que Ele mesmo nos dá. Temos o dia em que cada casa se reúne para rezar e estudar nossos documentos, mas na Canção Nova a formação acontece diariamente, tanto no trabalho como nos momentos que reservamos para formação. O Senhor sempre quer falar conosco. Podemos dizer que

Providência e reconciliação

todos os dias tínhamos pelo menos duas horas de formação, ministradas não por mim, mas por Deus, em nossa capela. Quantas vezes o Senhor nos fez passar por duras correções! Era doído o que Ele fazia, mas o acolhíamos.

Também éramos iniciantes na vida comunitária. Antes de viver em comunidade, achávamos que seria muito fácil! Pensávamos que tudo daria certo, porque todos eram de Deus. Gostávamos de estar juntos e orávamos.

Quando nos reuníamos – e éramos doze – era como pegar um saco, colocar gatos e fechar. Éramos literalmente um saco de gatos. Somos e sempre seremos pessoas humanas, com nosso gênio, nosso temperamento, nossa educação, nossos pontos de vista, nossa maneira de ser, por isso, quando começamos a conviver e a partilhar tudo, surgiram os atritos, e saía até faísca.

Veja um exemplo simples: “Eu gosto da jarra nesta posição”, mas vem um e diz: “Não, a jarra nesta posição não dá, tem de ficar é assim”. Vem um terceiro e fala: “Nem isso nem aquilo, a jarra tem de ficar é deste jeito”. Desde situações simples como esta até as mais importantes e significativas, tudo era motivo para desentendimentos.

No início do convívio percebemos que tínhamos diferenças muito grandes. Era preciso nos reconciliar. Essa era a única maneira de sobreviver. Percebemos que precisávamos fazer isso praticamente todos os dias, assim como todos os dias tínhamos que tomar banho.

Canção Nova: uma obra de Deus

Como, infelizmente, não nos reconciliávamos sempre, fomos acumulando desentendimentos. Havia dias em que, mesmo que não quiséssemos, Deus permitia que explodíssemos uns com os outros! Os fatos e acontecimentos nos obrigavam a colocar tudo em comum e às claras. Tínhamos a franqueza de dizer tudo uns aos outros, mesmo que machucasse um pouco. Não havia outro jeito para resolver, era reconciliar-se e perdoar. Muitas vezes chorávamos e recomeçávamos tudo.

Dava a impressão, especialmente para quem não vivia ali, de que éramos todos “sem-vergonha”. Vivíamos nos reconciliando e depois tudo voltava como era antes. Não sei quantas vezes nos reconciliamos e, repetindo-se as situações, tínhamos de nos reconciliar novamente. Então, fomos constatando que o único jeito de estar com as mãos limpas era lavar as mãos sempre. Da mesma forma, o único jeito de estarmos unidos e reconciliados era nos reconciliando continuamente. Portanto, não era “sem-vergonhice”, e sim uma necessidade.

Fomos captando um princípio de vida, básico para nós: “Viver Reconciliados”. Para isso, é preciso viver se reconciliando: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4,26b).

Há mil motivos para nos desentendermos, contudo, que “não se ponha o sol sobre nosso ressentimento”, nossa mágoa, nosso desentendimento. Isso precisa, cada vez mais, ser exercitado, pois se antes éramos apenas doze, e já não era nada fácil, quanto mais hoje, que somos um número muito maior e cada vez mais diversificado. São jovens que chegam de todas as partes do Brasil e até do exterior.

A providência se faz no dia-a-dia

Dependíamos da Providência para tudo, mas a torneira dela era a Reconciliação. Providência e Reconciliação estiveram sempre ligadas. Sem uma, a outra não acontecia.

Quando começamos, éramos doze pessoas, quase todos jovens. Eu não tinha o que dar a eles, nem tinha dinheiro para colocar comida na mesa. O que fazer? Era a Providência quem providenciava tudo. Muitas vezes íamos para a capela, para a missa da manhã, e não havia o que comer na hora do almoço. Isso era freqüente.

Às vezes, não tínhamos nada, mas, ao sair da missa, encontrávamos na mesa do refeitório verduras, arroz, feijão, carne e muitas vezes alimentos prontos: carne assada, peixe etc. Deus provia nossa necessidade. A Providência sempre vinha para aquele dia, para aquele momento.

Morávamos em Queluz quando, numa de nossas missas, Fatinha disse em sua oração: “Senhor, queria tanto comer peixe”. Parece uma infantilidade, mas ela pediu. Quando saímos da capela, encontramos Edmar com um dourado enorme. Ficamos assustados porque Fatinha tinha acabado de pedir peixe.

Ele contou que, passando por Queluz, viu uns pescadores vendendo peixes e comprara um para levar para a casa dele. Mas, assim que comprou, sentiu vontade de levar um para a Canção Nova também. Chegou um pouco antes de terminar a missa, o que já era um lindo sinal.

Canção Nova: uma obra de Deus

Deram a idéia de não fritar logo e fazer um peixe assado. Alguém falou: “Vamos limpar, rechear e deixar na geladeira. Amanhã o levamos para assar na padaria”. Fizeram isso. No dia seguinte, todos estavam esperando o peixe para o almoço. Deu meio-dia, meio-dia e meia, e nada do peixe. Quando o pessoal voltou, trouxe a notícia: “O peixe apodreceu. O homem da padaria fez questão de nos mostrar para depois jogar o peixe fora”.

Ficou a grande interrogação. Quando nos reunimos na oração, antes do almoço, eu tive a graça de dizer para Deus que nunca mais nos esqueceríamos disso. A Providência age no dia. É o pão nosso de cada dia. Se Deus deu o peixe naquele dia, era para, com simplicidade de coração, com alegria, comê-lo daquela maneira. Quisemos enfeitar, e o peixe apodreceu. Nunca mais esqueceremos esse fato. Realmente, Deus agia conosco na Providência.

Em Taubaté, havia um médico, doutor Pedro, que, com muita freqüência, participava conosco da missa. Uma vez por semana ia a Lorena cuidar de seus afazeres de médico e juntava-se a nós. Era muito bom. Ele podia tanto receber muito como podia contribuir bastante em nossas celebrações.

Uma vez, ele almoçou conosco e disse: “Olha, padre, seu pessoal é jovem, precisa de frutas. A mesa de vocês é fraca”. Disse a ele que já era difícil conseguir aquela comida, que diria frutas. Mas ele respondeu: “Vocês não dizem que é Deus quem dá pela Providência? Se é Deus quem dá, então peçam frutas, e Ele as dará”. Concordei e pedimos.

Providência e reconciliação

Nunca tivemos tanta fruta como naquele tempo. Repartíamos com os outros. Havia fruta no café da manhã, no almoço, no lanche da tarde, no jantar. Deus era providente ao extremo.

Houve uma ocasião em que uma moça de Ribeirão Preto apareceu dizendo que em sua cidade havia um plano da prefeitura para ajudar o povo no uso da soja. Seria muito bom se tivéssemos soja, pois ela é muito nutritiva. Supriria a carne que quase não tínhamos.

A jovem mandaria para nós um livrinho de receitas de soja, porém não tínhamos a soja. Assim que recebemos o livrinho, dias depois, Míriam apareceu com um saco de soja. A prefeitura de Cachoeira Paulista estava distribuindo esse alimento, e ela pensou em levar para a Canção Nova, sem saber que havíamos ganhado o livro de receitas.

Comemos soja de todas as maneiras, por vários meses: era bolinho, mingau, pão, bife. Tudo de soja. Graças a Deus, acabei gostando daquilo! Era a Providência. Não tínhamos proteínas, Deus mandava soja. Veja que beleza! Estes são alguns acontecimentos.

Em Queluz, certa manhã, bateram na porta do meu quarto. Era uma das meninas me perguntando se eu não poderia emprestar um pouco de minha pasta de dente. Disse que sim, mas quis saber o porquê. Ela respondeu que a delas havia acabado. Então, não a emprestei, dei. Sabia que a minha acabaria também, pois não era o suficiente para tantas moças. Depois me contaram que já não tinham pasta de dente, nem

Canção Nova: uma obra de Deus

sabonete, nem outros itens de higiene, pois não havia dinheiro para comprá-los.

Como em Queluz se faz a novena de São João Batista, naquela noite eu seria o pregador. Assim, todos da Canção Nova foram para a missa. Fiz a pregação e, chegado o momento do ofertório, sempre acontecia a procissão das oferendas. Eu estava no altar, esperando as ofertas, quando vi o pessoal da Canção Nova rindo na maior alegria. Não sabia o que estava acontecendo e pensei: “Estavam dando vexame”. Quanto mais caminhava a procissão, mais eles riam, gesticulavam, mostravam algo uns para os outros, e eu sem saber o motivo.

Quando a procissão do ofertório chegou, também caí no riso e na emoção. O que eles traziam era uma peneira enorme, cheia de sabonetes, pastas de dente e todo o material de higiene pessoal. Já sabíamos que a oferenda dada no ofertório era para o pregador.

Quando a missa terminou, queríamos saber o que tinha acontecido. Pensei que o pessoal já tinha “dado com a língua nos dentes” e contado aos fiéis da paróquia. Mas não foi isso. Não contaram para ninguém. Eles disseram que cada bairro podia escolher a oferta. Como aquele bairro era pobre, resolveram fazer isso: cada um daria algo barato, como um sabonete, uma pasta de dente, e acabaram juntando aquilo tudo. O povo não imaginava, mas Deus sabia que a necessidade para aquele dia era essa.

Providência e reconciliação

Na comunidade sempre havia uma pessoa encarregada do café da manhã. Uma vez, a menina encarregada, durante a noite, preparou tudo para o dia seguinte e constatou que o pó de café tinha acabado. Então, resolveu fazer chá, mas também havia acabado. Decidiu, portanto, ir ao mato de manhã e pegar capim-santo para prepará-lo.

Na manhã seguinte, quando se levantou, levou o maior susto, pois viu um pacote enorme com vários sacos de café. Ela ficou admirada! Fez o café e enquanto o tomávamos contou-nos o que tinha acontecido. Ninguém sabia dizer a procedência do café. Somente mais tarde ficamos sabendo que foi “arte” de Luís Paulo e do pessoal de Cruzeiro.

Uma torrefação de café de Cruzeiro deu-lhes de presente todo aquele pó. Naquela noite tiveram um grupo de oração e, depois do grupo, pensaram no que iriam fazer com aquilo. O grupo de oração terminou tarde, depois das 10h30 da noite. Então pegaram o carro e foram para Queluz. Luís Paulo tinha a chave de nossa casa, uma vez que trabalhava na construção, entrou no refeitório, colocou o pó de café e foi embora. No dia seguinte, o pó estava lá. Era Deus providenciando para que naquele dia alguém oferecesse o café para a Canção Nova. Ele chegou na hora exata.

Reconciliação e Providência sempre estiveram relacionadas. Começamos a sentir isso desde aquele tempo até hoje. Quando não estamos bem uns com os outros, da torneira da Providência não sai nada. Para nós, é um sinal: se a Providência está faltando, é porque alguma coisa não está bem entre nós.

Narração de Luzia Santiago

Vivendo em Queluz, lembro que fazíamos tudo sempre juntos. Se construíssemos um cômodo, fazíamos juntos. A comunidade “pegava junto no pesado”, tanto as moças como os rapazes.

Houve um dia em que estávamos trabalhando na construção de um cômodo. Enquanto os rapazes faziam a massa, as moças pegavam as lajotas. Fazia tempo que tínhamos pedido para o prefeito da cidade fazer uma terraplanagem, para construirmos o que são hoje alguns aposentos da Canção Nova, em Queluz.

Estávamos trabalhando quando de repente a máquina, que esperávamos há mais de três meses para nos ser emprestada, chegou, e todos se alegraram. Uma das características da Canção Nova é ficar alegre por qualquer motivo. Tudo é motivo para fazermos festa.

Ficamos muito contentes com a chegada da máquina: um enorme trator. Trabalhávamos nas lajotas, enquanto a máquina fazia o serviço dela.

Não demorou meia hora, o moço nos chamou. A máquina estava tombada. Chamamos o Monsenhor Jonas e o moço lhe disse que aquilo nunca havia acontecido com ele. Ele já trabalhava há muitos anos com aquele tipo de máquina. Mal começou o trabalho, que era muito simples, a máquina virou. O moço estava nervoso, pediu desculpas, mas aconteceu, e nós ficamos naquela frustração!

Providência e reconciliação

Monsenhor Jonas desceu e nos chamou para ir à capela. Fomos e começamos a rezar. Ele disse que Deus queria nos falar alguma coisa com esse fato, pois o Senhor não ia nos dar uma máquina que pedíamos há tanto tempo e, sem terminar o trabalho, tombá-la.

Bastou Monsenhor Jonas dizer isso que algumas pessoas começaram a chorar. Quando estamos em sintonia com Deus, ficamos muito sensíveis ao pecado. Ele notou aquilo e disse que tínhamos de colocar os problemas à luz. O Senhor estava nos mostrando que não estávamos bem uns com os outros e por isso a Providência não podia acontecer.

Nesse momento, aconteceu uma reunião na luz: tivemos de viver mais uma vez a graça da reconciliação. Estávamos trabalhando juntos, recebendo todas aquelas graças, mas a reconciliação tinha de acontecer. Foi um dia inteiro de perdão. Muita coisa precisava ser posta às claras. Precisávamos perdoar e pedir perdão. Depois da reconciliação, o trator voltou a trabalhar e fez todo o trabalho.

Gosto quando Monsenhor Jonas fala que o que acontecia antes acontece hoje. Não falamos de uma história passada, falamos do hoje. Quando a rádio ficou fora do ar um dia e meio, fizemos novamente esse exercício de reconciliação.

Esse fato ocorreu muitas vezes. Deus permite que algo se quebre, ou queime... ou alguém de nós vá para o céu, como foi Izabel Cortês. Penso que foi a obra mais dolorosa e mais maravilhosa que o Senhor realizou em nosso meio. Foi preciso

Canção Nova: uma obra de Deus

morrer uma das nossas para nos levantar como comunidade naquela época. Se foi assim com uma máquina, tenho a certeza de que será assim com muitas outras coisas. Sempre o “Viver Reconciliado” e a “Providência” estão muito ligados ao nosso caminho.

A providência e a reconciliação continuam

O caso da rádio, citado por Luzia, aconteceu na quaresma, alguns anos atrás. Nosso regulador de voltagem explodiu e quase incendiou tudo. Tivemos de arrumar o aparelho, pois não tínhamos outro. Por isso, a rádio ficou o dia inteiro fora do ar. Nelsinho chamou o pessoal para ir à capela, e foi o momento para duas coisas: primeiro, de reconciliação entre nós. O pessoal “lavou a alma”. Pediram perdão e se reconciliaram depois de expressar tudo com clareza. Não dá para viver de aparências. Muitas vezes, é preciso falar o que está “entalado”. Não é para ofender, mas a pessoa reteve, guardou aquilo. É necessário colocar tudo para fora, perdoar, reconciliar e abraçar: então, os gestos de carinho terão significado. Segundo, reconciliar-se com Deus. Foi um dia lindo de confissões.

No final da tarde, convidaram-me para fazer a procissão de Nossa Senhora, da rádio ao transmissor, rezando o terço. Terminamos o terço no transmissor. Quando voltamos da procissão, encontramos Márcio, que já havia feito o condicionamento do aparelho, para colocá-lo em funcionamento.

Providência e reconciliação

A rádio entrou no ar um pouco antes das seis horas, e o terço pôde ir ao ar ao vivo, com toda a nossa emoção.

Todos ficaram sentidos pelo fato de a rádio ter ficado fora do ar o dia inteiro. O povo também sentiu. Mas foi o tempo que Deus nos deu para nos reconciliar.

Temos outro fato muito significativo a respeito disso. No início da rádio, no verão de 1984, quando já estávamos com 5 kw de potência, na região em que foi instalado o transmissor, em Cachoeira Paulista, a chuva não dava trégua. Em consequência disso, o rio começou a inundar e a água a subir. No local em que estava o transmissor faltavam apenas três ou quatro centímetros para a água alcançá-lo.

Lembro-me de que Eto foi para lá com outras pessoas. Eles suspenderam o transmissor até a altura máxima. Enquanto isso, a água subia e ameaçava entrar. Quando percebemos que tudo isso não era apenas uma ação natural, reunimo-nos na casa de Saulo para rezar. Assim que iniciamos a oração, logo os desentendimentos que existiam entre nós vieram à tona. Eram coisinhas do dia-a-dia que não foram resolvidas ou discutidas. Lembro que Luzia e eu declaramos que parecíamos ser os únicos responsáveis por todas as coisas da comunidade, e abrimos o jogo. Todos falaram e expuseram tudo. Rezamos uns pelos outros, nos perdoamos e nos reconciliamos.

Faltava muito pouco para a água entrar. A reconciliação aconteceu pela manhã. Naquela tarde, a água desceu mais de

Canção Nova: uma obra de Deus

um palmo, ou seja, quase trinta centímetros. Desceu e não subiu mais.

Se não tivéssemos sido atentos e dóceis, se não tivéssemos aberto o coração e nos reconciliado, a água teria subido, entrado no transmissor e estragado tudo.

Providência e Reconciliação estiveram sempre ligadas em nossa vida. Não só estiveram, mas, tenho certeza que sempre estarão!

6. O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Em Londrina, em 1991, viviam numa mesma casa, bem perto dos transmissores da rádio Alvorada, Ricardo e Eliana, casados, além de dois rapazes e duas moças.

Três quartos, sala, cozinha e um único banheiro. Tudo difícil, apertadinho. Mas moravam todos juntos. Homens e mulheres, casados e solteiros. Eliana estava grávida, prestes a dar à luz!

Com a chegada de Laércio, Glória e Márcia Costa passaram a ser onze na missão em Londrina: dois casais, Ricardo e Eliana, Glória e Laércio; dois rapazes, Alex e Júnior; três moças, Renata, Clara e Márcia Costa; e as duas filhas de Laércio e Glória, Clarissa e Mariana.

Ricardo e Eliana tiveram de se mudar para outro apartamento na cidade, pois não era mais possível, com a vinda

Canção Nova: uma obra de Deus

do bebê, estarem todos na mesma casa. Permaneceram então os dois rapazes, as três moças e Glória e Laércio com as duas filhas!

Esse não é o único caso de convívio entre homens e mulheres, casados e solteiros numa mesma casa. Em uma de nossas primeiras casas, em 1990, na Bahia, aconteceu a mesma coisa: para lá foram Izabel, Elzinha, Valmir e Chiquinho e todos viviam na mesma casa.

Em vários lugares acontece isso. Desde o início, Deus quis que a Canção Nova fosse feita de homens e mulheres, casados e solteiros, sacerdotes e leigos *em sadia convivência*.

Não foi eu quem me sentei a uma mesa e impus este princípio: “Homens e mulheres, casados e solteiros em sadia convivência”. Os fatos foram acontecendo.

Quando houve a inspiração de viver em comunidade, os que deram a resposta eram rapazes e moças. Começamos a viver juntos, e eu não podia impedir que isso acontecesse.

Com somente seis anos de Renovação Carismática Católica, em Lorena já se iniciava uma comunidade de vida. Eu liderava a Renovação em Lorena e em toda a diocese. Então, o fato de eu morar junto com rapazes e moças foi um grande “bafafá”. Foram falar com Dom João, bispo de nossa diocese na época, e disseram que dariam nove meses para nossas moças estarem de nenê no colo. Graças a Deus, isso não aconteceu. Não posso dizer que “dessa água nunca beberei!”, mas posso testemunhar que até hoje nada deste

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

tipo aconteceu. Pelo contrário, temos a beleza do testemunho dessa sadia convivência.

Começamos a viver dessa maneira. Houve muitos disabores, muitas dificuldades. Eu mesmo, muitas vezes, ficava me interrogando, mas sentia que Deus queria que vivêssemos juntos. Se era para vivermos juntos, era para vivermos juntos. Nem eu entendia todo o porquê. Só depois de algum tempo percebi o motivo. Deus estava fazendo algo totalmente novo na Igreja. As congregações sempre tinham sido masculinas ou femininas. Bem distintas!

Dom Bosco, por exemplo, fundou os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, totalmente distintos. São duas congregações com superiores e superiores diferentes. Possuem o mesmo fundador, mas são duas congregações.

Deus aproximava, na Canção Nova, rapazes e moças, homens e mulheres, para viverem juntos. Os outros movimentos que surgiram na Igreja, por exemplo, o dos Focolares, com Chiara Lubich, começaram com moças, depois vieram os rapazes. É um movimento de leigos. Há entre eles organizações distintas dentro do mesmo movimento: as consagradas, os consagrados, as famílias, os sacerdotes.

O novo para a Igreja e para o mundo

Deus fez conosco algo inédito, totalmente novo. Só posso dar graças a Deus.

Canção Nova: uma obra de Deus

Por que fez isso? Primeiro, *como um sinal para o mundo*. No mundo tão sexualizado em que vivemos, um mundo de malícia, homens e mulheres vivendo juntos em sadia convivência é um testemunho, é *um sinal* fora do comum.

Não é um sinal de que somos os bons, mas de que Deus é Deus! De que o Evangelho funciona! É possível, hoje, viver a castidade, a pureza. Temos nossas fragilidades, mas, pela graça de Deus e pela força do Espírito Santo, é possível.

Não é fácil! É preciso contar com pessoas plenas de Deus. É preciso que as pessoas sejam de oração, de escuta da palavra de Deus. É por isso que temos a Eucaristia como centro de nossas vidas.

Não precisaríamos viver juntos, mas Deus quis que vivêssemos, para dizer a todos os homens e a todas as mulheres que é possível viver castamente no século XXI. Foi possível nos anos 80, nos anos 90 e também o será no futuro.

Deus quer provar que é possível viver a pureza, viver sem malícia e em sadia convivência com homens e mulheres.

Só Deus para fazer uma coisa dessas. Isso é muito lindo! Não andamos por aí falando a respeito disso. A Canção Nova acaba sendo um sinal; e sinal existe para não ser preciso falar; por si só ele está indicando. Se as pessoas são surdas, não são cegas. São sensíveis e percebem, mesmo negando.

No dia 2 de fevereiro de 2008, completamos 30 anos de vida. O fato de vivermos assim durante 30 anos prova algo. Esse é o primeiro motivo pelo qual Deus agiu dessa forma.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

O segundo motivo é ainda mais lindo: esta sadia convivência entre homens e mulheres tem formado e educado, de maneira maravilhosa, todos.

Formados uns pelos outros

Logo no início percebemos que a convivência entre homens e mulheres não era fácil. Os temperamentos e os modos de ser do homem e da mulher eram distintos. Não éramos irmãos, nem casados. A convivência foi nos formando e educando no decorrer da vida.

Com o passar do tempo, fomos percebendo como realmente nós, homens, fomos educados pelas mulheres de nossa comunidade e também colaboramos na formação e educação delas. Elas educaram e formaram a mim, Monsenhor Jonas.

Hoje, posso ministrar palestras mostrando que Deus, ao criar o homem e a mulher, os fez complementares. Mas em que sentido? Nós, homens, recebemos de Deus uma série de qualidades e de características masculinas. O próprio Deus nos transmitiu isso. Estas sementes vêm Dele. As mulheres recebem de Deus qualidades e características femininas. O bonito é que elas fecundam nossas qualidades masculinas, e nós fecundamos nelas suas qualidades e características femininas. Essa fecundação acontece na convivência, no dia-a-dia.

Canção Nova: uma obra de Deus

É lado a lado, na mesma vida, na mesma casa, muitas vezes no mesmo serviço, que nós, homens, fecundamos as mulheres, fazendo com que as sementes das características e qualidades femininas, dadas a elas por Deus, possam florescer.

Graças a Deus, as mulheres da comunidade fecundam em nós as nossas qualidades masculinas. Para quê? Para sermos mais homens, e mais homens de Deus; para elas serem mais mulheres, e mais mulheres de Deus. A experiência vivida mostra como isso forma e educa.

Não é fácil! Mas essa convivência é maravilhosamente formadora. Se fizemos uma comparação, é como duas facas, uma amola a outra. Amolamo-nos uns aos outros, ficamos afiados. Muitas vezes, como acontece no amolar das facas, produz-se faísca. Mas esse amolar tira as arestas. Amola e afia para o serviço de Deus.

Digo isso de mim mesmo: depois de 30 anos de comunidade, só posso constatar o quanto necessitava disso. Quando iniciei a Comunidade, já era padre há um bom tempo, já tinha vivido muitos anos em comunidade com os salesianos.

É claro que não planejei fazer essa experiência. Foi depois de viver essa experiência que pude constatar como precisava disso. Devo dizer que não sou a mesma pessoa devido às transformações que aconteceram comigo. Tive a coragem e essa coragem, principalmente para um padre, não é nada fácil.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Mas, graças a Deus, vivi essa experiência. Posso dizer: sou muito mais homem, muito mais homem de Deus; sou muito mais padre, porque tive a coragem de conviver com as mulheres da comunidade.

Fui para o seminário, em Lavrinhas, com 11 anos. Permaneci sete anos sem ir para minha casa. Naquele tempo, havia férias somente dentro do seminário, não íamos para casa. Nossos pais é que vinham nos visitar.

Lembro-me de que eu já era seminarista de batina, como se usava naquele tempo, quando minha mãe, com muita sabedoria, me chamou e disse: “Jonas, você precisa conviver mais com suas irmãs. Você precisa ser mais irmão delas”. Tenho quatro irmãs! Em casa, o mais velho sou eu, depois José Carlos, meu irmão, e, em seguida, as quatro moças.

Ela disse: “Você precisa, mais ainda que José Carlos, tratá-las como irmãs, porque você vem em casa de vez em quando, e no futuro elas precisarão de você e você precisará delas como irmãs. Se você não cultivar isso, mais tarde vocês não vão se sentir irmãos, por causa da distância em que viveram”.

Hoje, vejo a sabedoria de minha mãe. Por quê? O costume naquela época era assim: raríssimas vezes voltava à minha casa. Mas, graças a Deus, convivi profundamente com minhas irmãs.

No início de meu sacerdócio, fui trabalhar com grupos de jovens. Comecei com os chamados Encontros de Juventude. A primeira vez que fiz uma palestra num encontro para moças

Canção Nova: uma obra de Deus

me perdi totalmente. Nunca, na minha vida, havia falado para moças. No seminário, havia dado aulas para rapazes. Depois, como padre, havia feito pregações para homens e mulheres juntos. Mas era a primeira vez que estava fazendo uma palestra, num encontro, só para moças. Suei, já que não tinha prática nenhuma.

Quanta formação havia recebido, mas quanta formação me faltava.

Dou graças a Deus porque ele me colocou na comunidade. Isso era algo novo para mim; novo para a própria Igreja.

Há algum tempo, pude observar um padre bastante novo que vivia como “uma abelha no mel” ao redor de nossa comunidade. Ele se sentia atraído e fazia questão de pedir a nossos rapazes para ler algo de nossas regras de vida. Nossa vida o encantava.

Até os padres sentem como é boa e saudável essa convivência. Como é educativa e formativa! Como nos tornamos mais homens! Mais padres!

A gente se torna mais sensível a Deus, sensível ao povo, por causa da graça da convivência de homens e mulheres em comunidade, às vezes, até na mesma casa.

Luzia e Eto em minha vida

Antes da Canção Nova como instituição jurídica e bem antes da comunidade, Deus colocou Luzia em minha vida.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Não foi algo previsto nem buscado. Pelo contrário, se fosse escolher, escolheria outra pessoa, mas foi ela quem estava ali, desde o início, como *companheira na missão*.

Como já contei, foi por meio dela que surgiu a primeira casa de encontros, em Areias, Fazenda Morada do Sol. Um fazendeiro colocou à nossa disposição, e com contrato firmado em cartório (por iniciativa dele), sua casa de fazenda. Foi algo maravilhoso. Luzia foi o veículo; ela esteve em tudo. Esteve também na organização da casa para torná-la “casa de encontros”; no esquema inspirado do “Maranathá”, encontro de jovens que Deus inspirou para nossa região; no Congresso de jovens e de Renovação que fizemos na época. Luzia e seu carro, um fusquinha – “Francisco” –, iam para cima e para baixo comigo em todas essas andanças.

Ela esteve no primeiro disco que gravei *Canções para orar no Espírito*, no segundo, e, principalmente, na inspiração das músicas e na gravação do *Amor Vencerá*, o melhor disco que fiz! Este é o que mais fala sobre o que eu sou e nossa missão.

Luzia esteve na aquisição do terreno para a Casa de Maria, em Queluz, na planta, e principalmente na construção da casa e de tudo que a envolveu; na criação da Canção Nova como entidade jurídica, o primeiro passo para termos nosso terreno e toda a construção de nossa Casa de Encontros; no planejamento e na realização do Catecumenato; no início da

Canção Nova: uma obra de Deus

comunidade; da casa que tivemos em Lorena; no pedido e na consecução do primeiro programa de rádio; na aparelhagem de som para os grandes encontros; na caminhada corajosa para a rádio e para a Fundação João Paulo II.

Relatei muitos pormenores e devo ter esquecido certamente algum fato importante. Mas o que quis evidenciar é que foi *ela que Deus colocou ao meu lado como companheira na missão*. Não agia sozinho: a missão se realizava junto com ela. Daí o nome “companheira na missão”.

Deus quis que Luzia tivesse uma participação especial em minha formação. Ele lhe dava a coragem de me dizer e fazer coisas que ninguém diria ou faria e de me corrigir tantas vezes. O padre precisava de correção, e as outras pessoas não tinham a coragem dela para agir assim.

Posso dizer que Luzia entrou em minha vida de padre. Ela me ouviu tantas vezes, me viu e me deixou chorar. O início da Renovação e da comunidade foi duro demais: quanto desencontro e quanta incompreensão.

Compreendo, hoje, que Deus lhe deu a fortaleza para que ela fosse meu ombro forte. Muitas vezes, ela nem sabia o que dizer, apenas me deixava ser gente: falar, chorar, desabafar. Pouco a pouco, fui me *degelando*.

Muita coisa estava congelada dentro de mim. Infelizmente! Precisava ser gente, ser homem, ser normal, porque ninguém consegue ser homem de Deus, ser santo, sem antes ser gente, ser normal.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Hoje, graças a Deus, sinto-me muito homem e muito humano. Não sou perfeito, mas sou gente. Tenho base para ser um homem de Deus, para poder ser santo, por causa dessa convivência. Foi uma enorme graça de Deus a presença de Luzia em minha vida.

Vejo, hoje, que havia um chamado, uma vocação. Devo dizer: se não tivéssemos vivido tudo o que vivemos, a comunidade não teria nascido. Tivemos de *viver antes*, para que a comunidade pudesse *viver depois*.

Hoje, tenho a alegria de falar disso com simplicidade! Lembro-me de que Luzia me disse, mais de uma vez, que chegaria o dia em que testemunharíamos publicamente. Pela graça de Deus, podemos testemunhar.

É impossível negar nosso laço de ser e de missão, principalmente em relação à Canção Nova. Deus colocou Luzia como minha companheira na missão.

Somos pequeninos e imperfeitos! Vivemos muito daquilo que Clara e Francisco viveram, daquilo que Teresa D'Ávila e São João da Cruz viveram. Sou pequenininho, Luzia também, mas tivemos essa graça, experimentamos isso, e podemos dizer que somos muito mais gente porque Deus nos deu a graça de enfrentarmos tudo com coragem.

A Canção Nova é a graça do *masculino e do feminino vivendo juntos em sadia convivência*. O que se passou em nossa convivência está se passando na grande comunidade; muitas moças, muitos rapazes, muitos padres, muitos casados o estão

Canção Nova: uma obra de Deus

experimentando. Estamos contribuindo, com isso, à Igreja, não pela força humana, mas pela graça de Deus.

Pelo poder de Deus é possível, nos tempos de hoje, viver essa pureza: a sadia convivência. O resultado é ser mais humano e muito mais homens e mulheres de Deus; muito mais santos por causa da graça dessa convivência.

Esta é uma característica que nos custou muita dor. Você não calcula como foi duro enfrentar tudo isso. Mas os efeitos foram maravilhosos!

Graças a Deus *somos sinal!* Mais ainda, podemos dar uma grande contribuição provando para a Igreja e para o mundo que é possível homens e mulheres, solteiros e casados, leigos e padres, viverem juntos em sadia convivência.

Outra pessoa que Deus pôs para viver e trabalhar comigo foi Eto. Ele esteve nos inícios do trabalho com jovens e com a Renovação, na cidade de Queluz; no começo da casa de encontros, em Areias; e foi ele quem levou à frente o duro trabalho de água, luz, estrada, cozinha, condução. Eto foi o segundo presidente da Associação Canção Nova e entrou numa hora dolorosa e decisiva. Deve-se a ele a doação do terreno para a Casa de Maria, em Queluz; além de ter sido o “braço forte” e o “testa-de-ferro” para a construção da casa e de toda a aventura que a envolveu. A casa existe por sua causa.

A traição que sofreu e a quase falência de seus negócios lhe acarretaram um longo e doloroso tempo de desemprego. Foi um calvário e uma crucifixão.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Como isso coincidiu com sua saída da presidência da Canção Nova, ele esteve um tempo afastado de nossos trabalhos, mas nossos laços continuaram sólidos, apesar do distanciamento.

Eto não esteve próximo a nós no início da comunidade e da rádio. Fomos Luzia e eu que conseguimos para ele um trabalho na Sabesp.

A previsão era que ele trabalhasse na Sabesp, que se iniciava em Queluz, todavia Deus quis que ele fosse trabalhar em Cachoeira Paulista, o que lhe era bem mais difícil: era, porém, a providência de Deus para a Canção Nova.

Pouco depois, com a criação jurídica da Fundação João Paulo II – contra todas as previsões iniciais, pois era para eu ser o presidente –, os fatos levaram a mim e a Luzia a chamar Eto para a presidência. Ele, que de início julgava ser um cargo apenas figurativo, logo se viu novamente envolvido no trabalho, quase heróico, de organizar a administração da obra e impô-la nos novos trilhos de fundação.

Foi uma aventura muito mais árdua e penosa que a construção da Casa de Maria. E Eto, mais uma vez, pagou o preço.

Foi com ele, e só com ele, que as coisas entraram nos eixos. A Fundação João Paulo II, base jurídica para a Canção Nova, só existe por sua causa.

Desde muito tempo Deus me falava, por meio das Escrituras, a respeito do sacerdote e do governador: duas

Canção Nova: uma obra de Deus

figuras imprescindíveis, cada um com seu papel na construção da obra. (Veja o livro do profeta Ageu, principalmente os capítulos 1 e 2).

Depois dos fatos, entendi, com muita clareza, que se eu sou o sacerdote, ele é o governador; se tenho o dom da fundação, se sou o formador, ele é quem administra, governa. O tempo e os fatos mostram como Deus lhe deu amor e dedicação à obra e como o dotou com o dom do governo. Poderia dizer que se dirijo a alma, ele dirige o corpo da Canção Nova. Mas, como alma e corpo são inseparáveis, administrando, ele é parte integrante da condução dessa obra de Deus.

Seria errado pensar que seu trabalho é apenas material. Deus o dotou de sabedoria, prudência e discernimento característicos. Entre os membros da fundação, ele ocupa o lugar de um irmão mais velho de todos e, muitas vezes, de pai.

Cada vez mais sua autoridade é serenamente aceita. Tal autoridade vem do carisma Canção Nova que ele traz em si e que ele trabalha incansavelmente para que se realize de forma concreta.

É uma autoridade que advém do serviço ao carisma e à missão, próprios da Canção Nova. Vem do que ele é e do que faz nessa obra. Ele está, comigo e com Luzia, no coração da Canção Nova. O carisma e a missão nele têm peso!

Não sei definir com palavras toda a sua função. Apenas sei que ele me complementa num campo muito importante e imprescindível. Ocupa um lugar e desempenha uma função que é só dele.

O masculino e o feminino vividos em sadia convivência

Penso que defino bem dizendo que ele é outro *companheiro na missão*.

O fato de, mais tarde, Eto e Luzia terem se casado e, mais ainda, o de providencialmente morarmos na mesma casa apontam novamente para esta característica do dom e da missão que Deus nos confiou: *homens e mulheres, solteiros e casados, padres e leigos, vivendo juntos, em sadia convivência*. É um poderoso sinal de Deus para a Igreja e para o mundo.

7. Não dá mais para voltar!

No Rebanhão de 1989, Orlando, que sucedeu Luís Paulo na coordenação da Equipe de Serviço da RCC, em Cruzeiro, São Paulo, pediu a um senhor, um excelente artista, que pintasse um painel para o fundo do palco. Inspirado, fez uma torre de rádio nos morros da cidade de Cruzeiro e, saindo da torre, o rosto de Cristo. O rosto, bem pequeno, saía da torre e ia crescendo até “explodir” com o rosto de Jesus em um tamanho bem grande.

No sábado à tarde, no começo do Rebanhão, cheguei para a missa. Quando entrei, vi aquele quadro à minha frente, e algo muito lindo aconteceu dentro de mim. Então, disse: “Meu Deus, agora não dá mais para voltar!”. Num relance, vi tudo o que estava ali. O artista não tinha feito uma torre de rádio e sim uma torre de televisão. Da torre de rádio não sai imagem, mas som. Ele desenhou a imagem de um Cristo saindo daquela torre. Repeti: “Não dá mais para voltar!”.

Canção Nova: uma obra de Deus

No início, Deus nos deu inúmeros sinais de que não queria só programas de rádio, mas também uma rádio. Agora Ele vinha trabalhando por dois anos em nosso meio para que entendêssemos que, além da rádio, queria uma televisão.

Apesar dos sinais, tinha medo! Já tínhamos enfrentado muitas dificuldades na rádio, e esse Rebanhão foi logo depois de o transmissor ter se incendiado.

Nessa época, após o incêndio, vimos a glória de Deus! O povo se levantou e não somente substituiu o transmissor queimado, mas conseguimos um transmissor muito melhor que o anterior. A ajuda do povo foi tão grande que colocamos não apenas um, mas quatro transmissores do mesmo tipo, com quatro faixas de ondas diferentes.

Há dois anos, o professor Assis Brasil, uma pessoa que Deus colocou em nosso caminho, insistia para que entrássemos na televisão.

Ele tinha uma casa de férias na subida para Campos do Jordão, em São Paulo. Com frequência, nos fins de semana, ele saía do Rio de Janeiro para passar o final de semana lá. Por acaso, no carro, sintonizou a rádio. Gostou tanto que toda vez a sintonizava quando estava na região.

No primeiro encontro conosco, estava encantado e disse: “Vocês, sem serem uma rádio educativa, a fazem educativa”. Foi então que quis que entrássemos para o Serviço de Integração Nacional de Rádio Educativa (Sinred).

Não dá mais para voltar!

Colaboramos e fizemos programas educativos. Ele começou a insistir para que entrássemos também com uma retransmissora de TV educativa. Tinha medo! Mas naquele Rebanhão, quando vi o painel do fundo do palco, disse: “Não dá mais para voltar!”.

Aconteceu o Rebanhão. Orlando tinha deixado para fazer uma única coleta no último dia.

Houve as despedidas. Orei com o pessoal da cozinha no final do encontro. Orlando me entregou uma nota de um dólar e disse: “Padre, apareceu na sacola. Quando o pessoal foi juntar o dinheiro, um dos encarregados, que a encontrou, não sabia que tipo de nota era e trouxe-a dizendo: ‘Olha, Orlando, que nota esquisita! O que é isto?’”.

Assim que vi a nota de um dólar, ele e eu pensamos a mesma coisa: “Sinto que esta nota é para o começo da televisão”. E disse-lhe: “Quando se entra para a televisão, não se compra nada em dinheiro brasileiro. Para esse tipo de compra, tudo é na base do dólar”. Peguei a nota e escrevi: “*Semente de mostarda da TV Canção Nova que o Senhor vai fazer crescer – Rebanhão/89, na coleta*”. Realmente a nota foi a semente de Deus. Entreguei-a para o Eto.

Não foi fácil instalar a televisão. Demos todos os passos para que, junto ao Dentel (Consultoria de Radiodifusão), pudséssemos entrar com a TV. Mas aconteceu algo que não imaginávamos: faltou um documento. Por isso, tudo ficou parado na mesa de um dos advogados, no Dentel, em São Paulo.

Canção Nova: uma obra de Deus

Não conseguimos auxílio nenhum do exterior. Deus queria que fizéssemos tudo com a notinha de um dólar. Começamos a televisão com nossas câmeras de VHS, aquelas câmeras pequenas usadas para filmagem amadora de festas de casamento, batizado, etc..

Quando chegamos às vésperas da instalação da televisão, pela graça de Deus, havíamos conseguido torre e aparelhagem. A inauguração seria no dia 8 de dezembro de 1989, data em que eu completava 25 anos de sacerdócio. Fomos ao Dentel e constatamos que estava tudo parado. Corremos muito, a fim de atualizar os documentos. Na véspera, o professor Lourenço nos disse: “Pai, vamos fazer de tudo, mas humanamente é impossível”.

O próprio professor continuou: “Já ouvi vocês contarem tantos fatos em que o impossível acontece. Vamos rezar”. Não fui eu quem disse “vamos rezar”, e sim ele. Ainda na véspera lhe telefonei e perguntei como ia tudo. Ele respondeu: “Até agora as coisas estão paradas”. Mas ele voltou a dizer: “Vamos rezar”.

O impossível aconteceu!

Não interrompemos nada. Tudo foi encaminhado como se a televisão fosse ao ar no dia seguinte. As câmeras, a iluminação e todo o necessário para transmitir a missa foram instalados. A primeira transmissão da TV estava marcada para as dez horas da manhã. Quando faltavam dez minutos, chamaram-me ao telefone; era o professor Lourenço, que me

Não dá mais para voltar!

disse: “Coloque a televisão no ar. Não peça explicações, depois explico. Não perca tempo, coloque a TV no ar. Pode confiar! Já consegui a autorização”. Meu pulo de alegria foi tão grande que quase arrebentei o fio do telefone.

A autorização foi dada faltando exatamente dez minutos para o início da missa. Depois vim a saber que realmente as coisas eram humanamente impossíveis, porque os papéis não “andaram”. Era preciso uma autorização. O doutor Marcelo Coutinho telefonou para o professor Lourenço avisando que, em confiança, permitia a entrada da televisão no ar.

Esquentamos os transmissores e, às 10 horas, a televisão estava no ar. O impossível acabava de acontecer!

Encomendamos o transmissor da TV de 1 kw, que só chegou depois da inauguração, que ocorreu com apenas 100 watts: atingia somente a região de Cachoeira Paulista. O transmissor nos custou quarenta mil dólares. Naquela época, eram muitos bilhões em nossa moeda (cruzeiro), para quem tinha somente um dólar.

Outro fato importante: o Brasil passava, então, por uma crise financeira. A empresa que fez o transmissor precisava receber e não colocaria o novo transmissor no ar sem a efetuação do pagamento, pois as peças eram importadas. Cheguei à noite em casa, depois de um encontro, e deram-me a seguinte notícia: “Há um senhor aí, dizendo que não vai embora sem conversar com o senhor. Diz que já passou em Aparecida e agora está aqui e quer conversar”.

Canção Nova: uma obra de Deus

Fui conversar com ele. Disse-me: “Preciso de um lugar onde possa conversar a sós com o senhor. Não posso lhe falar na frente de ninguém”. Levei-o para o escritório da rádio. Contou-me que tinha uma doação a fazer. Foi à Aparecida, mas lá não acreditaram nele. Disseram-lhe que não recebiam esse tipo de doação e que, portanto, fizesse-a para a Canção Nova. Ele queria doar para uma obra de Deus: “Só preciso do recibo. É uma doação grande”.

Quando ele abriu o pacote, o dinheiro dentro dele era justamente a metade dos quarenta mil dólares. Fui atrás do Eto e da Luzia. Naquela época, ainda não eram casados. No caminho, fui explicando a eles o que havia acontecido. A doação era muito grande. Aquele senhor não queria dar maiores explicações, apenas pretendia doar o dinheiro para uma obra de Deus, e precisava de um recibo provando que a doação tinha sido feita. Não podia resolver sozinho: alguém precisava me ajudar naquele momento. Quando chegamos ao escritório, o próprio senhor explicou-lhes.

Passado o primeiro susto, conversamos com ele, com a esposa e com a filha sobre vários assuntos. Estávamos maravilhados diante daquela situação! Após muita conversa, acreditamos. Eto fez o recibo e o entregou a ele. Naquela mesma noite, ele seguiu seu caminho. Não tínhamos nenhum lugar seguro, nem estávamos com a chave do cofre. Levei aquele bolo de dinheiro para o meu quarto. Sonhei a noite inteira com isso!

Não dá mais para voltar!

No dia seguinte, entreguei a Eto aquele monte de notas. Ele foi ao banco e efetuou o depósito. Somente quando o caixa contou todo o dinheiro, pude acreditar que não era falso.

Uma televisão que evangeliza

Sempre quisemos e até tentamos comprar um horário em alguma rede nacional de televisão, porém era muito caro! Fui a um encontro de toda a América Latina (Ecla), e Eto conversou com Márcio Santos, de Araraquara, em São Paulo, sobre vários assuntos: “Márcio, muita gente insiste para que tenhamos um programa de televisão e coloquemos o padre na TV, mas nunca conseguimos”. Então, Márcio disse: “Por que não colocamos esse programa em Araraquara, onde existe uma rede de televisão, a rede Morada do Sol?”

Conversaram comigo, mas eram apenas possibilidades. Porém, quando Deus quer, Ele vai rápido. Terminado o Ecla, fui a Londrina, no Paraná. Márcio já havia telefonado e dito que as coisas estavam em andamento em Araraquara, e que as portas se abririam. Na semana seguinte, encontramos em Bebedouro e lá estava Márcio com o resultado do trabalho que havia feito junto à televisão, incluindo os dados necessários de horários e preços.

Uma semana depois, fomos a Araraquara para fechar o contrato e ter nosso primeiro programa de televisão numa rede. Era uma rede apenas do estado de São Paulo, a “Morada

Canção Nova: uma obra de Deus

do Sol”, que era transmitida desde Araras até São José do Rio Preto e Barretos, bem no coração do estado de São Paulo. Comenta-se que é a região mais próspera, chamada até de “Califórnia do Brasil”. A Renovação lá era muito boa e forte. Então, fomos com a “cara e a coragem”.

Na abertura da rede era exibido nosso programa: “Estou no meio de vós”. Era um programa de quinze minutos todos os dias. Aos domingos, às 8h30 da manhã, durava meia hora.

Estávamos agora não só com nossa pequena TV regional, mas numa rede com a finalidade de pregar a palavra de Deus ao povo. Não fomos para a TV por ir, mas para pregar a palavra. Percebi que nem fui eu quem quis, porque quem mais nos impulsionou foi o povo, que pedia. Notei também que Deus foi me experimentando! Como eu tinha medo! Sabia que o que havíamos começado era apenas uma semente.

O que fizemos, ou seja, ir para essa rede, foi apenas um ensaio. Deus estava nos dando um laboratório, um centro de treinamento, onde aprenderíamos a fazer um programa com o gabarito de uma rede e onde teríamos de nos unir.

Deus estava empenhando toda a Canção Nova nisso. Sustentaríamos esse programa na rede, e ele teria seu preço.

Em São Paulo, conversei com o engenheiro da Jovem Pan e colocamos na rádio um programa diário, de segunda a sábado. O que interessava era evangelizar, mesmo com eles em crise. Era a chance que Deus nos dava para São Paulo inteira ser evangelizada. Mais de catorze milhões de habitantes teriam

Não dá mais para voltar!

a chance de ouvir o programa. Disse na época: “Certamente iremos para o Rio de Janeiro. Teremos alguma rede que chegará até o Sul do Brasil. Logo estaremos com um programa de TV espalhado pelo país. Será um laboratório para nós, um ensaio, um treinamento, para quando entrar a rede católica de TV”.

Algum tempo depois, uma senhora foi à Canção Nova e me deu um envelope dizendo ser uma doação. Foi assim que efetuamos, em dólares, o pagamento do 1º mês de TV. Foi Deus adiantando e dizendo: “*Vocês podem ir tranquilos. O primeiro mês eu pago. Vocês vão pagar o resto*”. De fato, pagamos, mas foi Ele quem nos mandou mês a mês. O dono era Ele.

Quando fomos assinar o contrato, ao atravessar pela avenida, um Fusca apareceu do outro lado em alta velocidade e entrou em nossa preferencial. Ele era mais baixo que nosso carro e ficou todo amassado. Graças a Deus, com o nosso não aconteceu nada. As pessoas da rua ficaram “pasma” e disseram nunca terem visto tal coisa; a batida foi justamente na roda. Evidenciamos a luta espiritual!

Assim que retomamos a viagem, após o acidente, rezamos agradecendo a intervenção de Deus. A luta espiritual que enfrentávamos era evidente, mas era evidente também que Deus estava conosco. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8,31).

Naquele momento de oração, a passagem que Luzia escolheu, na abertura da Bíblia, falava que o povo de Deus ficara

Canção Nova: uma obra de Deus

durante sete dias em oração diante do altar. Imediatamente Eto nos trouxe a decisão: “Entramos numa nova batalha espiritual: a luta vai ser dura e demorada. Vamos começar fazendo isso que a *Bíblia* nos mostra: vamos fazer sete dias de adoração diante do Santíssimo Sacramento”.

Foi o primeiro “Cercos de Jericó” na Canção Nova: sete dias e seis noites de adoração diante do Santíssimo exposto e rezando continuamente o rosário.

A partir daí, começamos a realizar um “Cercos de Jericó” por mês. Não só nossa comunidade, mas o povo reagiu de maneira linda.

Ultimamente, realizamos dois cercos por mês. A obra cresceu. A luta aumentou. A luta na oração precisa aumentar. Entendemos bem: estamos no Combate da Oração.

8. Profissionais de Deus

Não imaginávamos, mas fomos chamados, preparados e enviados para ser *profissionais de Deus*. Como profissionais, fomos sendo adestrados em cada um dos passos do processo da evangelização integral.

Há a chamada pré-evangelização, que é uma preparação da mente e do coração. Existe bastante gente longe do Evangelho; muita gente machucada pela vida, decepcionada com a religião, com a Igreja, com as pessoas e com os movimentos. Há pessoas revoltadas até com Deus.

Para todos esses, somos chamados a realizar um trabalho contínuo de pré-evangelização, pois cabe a nós “não quebrar o caniço já machucado, não apagar o pavio já fraco de chama” (Is 42,3).

Não damos apenas respostas humanas aos seus muitos questionamentos, nem apresentamos soluções simplesmente

Canção Nova: uma obra de Deus

humanas para os seus problemas. São respostas de Deus que lhes damos. São as soluções de Deus que lhes apresentamos, mas em linguagem facilitada para que possam entender e assimilar, em doses que sejam capazes de suportar. É das riquezas do Evangelho que colhemos para ministrar a eles. São ainda migalhas, mas é o alimento que podem suportar agora, e que os prepara para o alimento sólido.

Somos chamados a um trabalho extenso e contínuo de pré-evangelização. Mas não é só.

Há a chamada primeira evangelização ou evangelização fundamental. Somos chamados a nos investir intensamente nela, pois é por meio dela que Jesus é anunciado com o poder do Espírito Santo. Por meio dela é que os corações se abrem e acolhem a salvação de Jesus, rendendo-se ao seu senhorio. Por ela acontece o novo nascimento de que nos fala o Evangelho, o “nacer do alto”, “o nacer do Espírito”. Por ela as pessoas se abrem para receber o derramamento do Espírito Santo e, assim, ser possuídas, conduzidas e formadas pelo Espírito Santo. Essa é a base fundamental para que aconteça o Homem Novo à imagem de Jesus Cristo.

Tocamos aqui num ponto fundamental de nossa vocação: somos chamados à evangelização e especialmente à evangelização fundamental. De nós, o Senhor diz que “Fielmente promoverá o que é de direito, sem amolecer e sem oprimir, até implantar o direito no país” (Is 42,3b-4a).

Profissionais de Deus

Não é pouca coisa. É fascinante constatar que o Senhor confia tanto em nós que nos delega essa porção escolhida de sua missão.

Somos chamados a realizar intensamente a evangelização fundamental. Mas não é só isso.

A meta da evangelização é o *homem novo à imagem de Jesus Cristo*. A primeira evangelização traz à pessoa humana a graça do novo nascimento. Realmente, ela se torna nova criatura. No âmago de seu ser, a vida divina foi infundida. O filho de Deus aconteceu – em embrião, mas aconteceu. O homem, porém, está muito ferido, dilacerado, pois por muito tempo viveu privado de algo que lhe era essencial: o divino.

Isso lhe trouxe um enfraquecimento profundo. Além disso, a vida e o mundo machucaram-no. Tornaram-no um homem ferido, amarrado, preso, entulhado, cheio de medos, inseguranças, freios... Quer ser e não consegue, quer caminhar e não pode. É aí que a evangelização entra num processo; um processo longo, difícil e sofrido.

É a fase da *restauração* do homem, filho de Deus.

Somos chamados também a essa fase da evangelização integral. E não podemos deixar de realizá-la, sob pena de deixar a obra inacabada e até perder tudo o que já conseguimos.

Nessa fase, é mais necessária ainda a ação do Espírito Santo. Mas, como nas outras, ela não se faz sem a cooperação humana.

O processo é duplo

Por um lado, é preciso fazer com que o filho de Deus venha à tona. Dar condições e alimento para que o filho de Deus em germe, naquele que passou pelo novo nascimento, se manifeste, aflore e cresça. É um processo de crescimento. Requer ambiente e alimento.

Por outro lado, é necessário ajudar no processo de cura e libertação do homem ferido, amarrado, preso, bloqueado. Trata-se da aplicação da salvação de Jesus à pessoa na situação concreta em que está. É toda uma ação libertadora que se vai fazendo; um processo duplo e interligado. Para que a cura-salvação aconteça, é preciso que o homem novo aflore e seja assumido; mas, ao mesmo tempo, para que o crescimento desse novo homem caminhe, é imprescindível que a cura se faça. Para que o homem caminhe para a plenitude do Homem Novo à imagem de Jesus Cristo, é preciso que o homem velho avance na direção da cura radical trazida pelo Cristo Salvador.

É um processo longo, duro e sofrido. Acreditamos nele. Vivemos esse processo em nós e investimos o melhor de nós mesmos, para que aqueles que Deus colocou em nossa missão atinjam essa cura radical e a conseqüente plenitude de Homem Novo à imagem de Jesus Cristo.

Somos chamados a nos comprometer por inteiro nessa fase de evangelização que vivemos em nós mesmos. Essa é a

Profissionais de Deus

parte mais linda de nossa missão. Nela trabalhamos em estreita colaboração com a pessoa e com Deus.

Esse processo de cura-salvação é como um parto. A Salvação é de Deus e somente Dele, mas é necessária a dupla cooperação da criatura que nasce e dos “parteiros” que ajudam. Então, somos colaboradores do homem e de Deus. Investimos nossas próprias mãos para que aconteça o nascimento da Nova Criatura. Concluindo: para que tipo de evangelização somos chamados?

Somos chamados a esta tríplice evangelização: a pré-evangelização, a evangelização fundamental e a evangelização-restauração do Homem. Essa é nossa missão. O grande desafio é realizá-la pelos meios de comunicação, para atingir a todos com mais rapidez e eficiência.

Não basta só falar de Deus na rádio e na televisão ou na Internet. É preciso realizar esse processo de evangelização pelos meios de comunicação; é preciso conhecer e penetrar nos segredos de sua linguagem e usá-la na evangelização.

Temos de aprender suas técnicas e praticá-las, com eficiência, na evangelização.

Somos chamados a ser profissionais: profissionais de mídia, profissionais de evangelização, profissionais de Deus.

Lugar privilegiado da missão

Cachoeira Paulista, em São Paulo, é o lugar onde Deus nos colocou para viver de maneira privilegiada a missão de

Canção Nova: uma obra de Deus

evangelizar, de realizar a evangelização em suas três fases pelos meios de comunicação: a mídia.

Digo “de maneira privilegiada” porque em Cachoeira Paulista Deus nos dá hoje a possibilidade desse arsenal de comunicação, para sermos esses profissionais e nos aperfeiçoarmos. É nessa região, hoje, que se formam tais profissionais, enviados como missionários para onde Deus suscitar.

Cachoeira Paulista é o lugar onde se reúnem, em comunidade, os que vivem para realizar essa missão. Nem todos estão diretamente ligados aos meios de comunicação, mas, como uma companhia de pesca, as pessoas se empenham nas mais diferentes tarefas, todas elas necessárias para que a missão de nossa companhia aconteça. Todos se empenham porque sabem que fazem parte da missão. Investem no âmbito profissional porque têm consciência de que o êxito da missão depende da boa realização da parte que cabe a cada um.

Todos se animam mutuamente, porque as diversas partes estão interligadas e dependem umas das outras. Formamos realmente uma companhia. A palavra “companhia” nos ajuda a entender o que somos em Cachoeira Paulista:

- Uma comunidade;
- Uma comunidade de missão;
- Uma comunidade de profissionais;

Profissionais de Deus

– Uma comunidade de evangelização pelos meios de comunicação.

Profissionais

Ser profissional é, antes de tudo, uma atitude interior: assumir-se como profissional, empenhar-se como profissional. Há aqueles que já encontraram seu agir específico e seu campo de ação. É aí que devem caminhar. Seu empenho profissional os levará a ocupar os lugares que lhes cabem e a exercer os trabalhos que lhes são adequados. É no trabalho que irão testar as suas capacidades e experienciar as próprias tendências, encontrando assim uma direção a fim de alcançarem seu agir específico e seu campo de ação.

Somos todos profissionais em contínuo aperfeiçoamento. Essa atitude interior é importante. Não é questão de subir de posto, de ocupar posições e receber títulos. É muito mais: é buscar aperfeiçoar-nos naquilo que somos e no que fazemos. É uma constante busca de capacitação. Para isso é que estudamos, fazemos cursos, lemos. Mas, principalmente, é no próprio exercício da profissão que nos aperfeiçoamos.

A missão nos impulsiona a ser cada vez mais profissionais, e profissionais cada vez mais *competentes*. Seja qual for o lugar que ocupamos, seja qual for o trabalho que exercemos, ele faz parte da missão, e esta requer competência.

Em comunidade

Deus nos criou *juntos* por causa da missão. Trouxe-nos e nos reuniu para ela. Trabalhamos *juntos* na missão. Vivemos *juntos* em vista da missão.

- Somos uma comunidade;
- Comunidade de Vida;
- Comunidade de trabalho.

Vivemos diante de um mistério: não fomos nós que nos escolhemos. Se nos fosse possível escolher, muito provavelmente não nos escolheríamos. Mas estamos diante de um mistério de Deus, que criou cada um de nós e nos destinou para essa missão, que a seu tempo trouxe cada um e nos reuniu. Sabemos que Deus tem outros e, a seu tempo, irá trazê-los e reuni-los a nós. É um lindo mistério, que contemplamos e acolhemos com grande respeito. Apenas verificamos com muita responsabilidade se aqueles que vêm são realmente criados por Deus Canção Nova e por isso trazem em si o dom (Carisma) e a missão.

Somos uma comunidade no mais profundo sentido, porque estamos unidos por aquilo que somos: somos Canção Nova, trazendo em nós o mesmo dom e destinados à mesma missão. São esses laços que nos ligam uns aos outros.

Com freqüência, temos dificuldades e, por vezes, bem grandes. A convivência nem sempre é fácil. Se permanecemos unidos, vivendo e trabalhando juntos, é porque algo mais forte nos segura.

Profissionais de Deus

Mais ainda, em momentos muito dolorosos, em que a situação ficou muito difícil, se somos Canção Nova, constatamos: quem nos segurou foi Deus. Nessa hora, até os laços de ser e de missão se eclipsaram, e quem nos segurou pela mão foi Deus, porque Ele tinha para nós esse lugar e essa missão.

Assim se evidenciam os laços que nos unem e se esclarece como e por que somos comunidade. Somos comunidade porque fomos criados juntos. Somos comunidade porque fomos predestinados para a mesma missão. Independentemente de nossa vontade, fomos *criados, destinados*. A seu tempo, descobrimos e acolhemos isso com liberdade. Mas a designação nos precedeu: fomos designados por Deus. Foi Ele quem nos constituiu juntos, em comunidade.

Vivendo juntos, somos testemunhas uns dos outros da ação de Deus. Acompanhamos a restauração acontecendo, o progresso, o crescimento, o Homem Novo desabrochando. Acompanhamos de perto o processo de cura: a pessoa sendo desvencilhada das amarras, dos freios, dos medos, das inseguranças. Assistimos de perto toda a caminhada de libertação. Percebemos as resistências, os recuos, as paradas, as quedas. Acompanhamos a luta travada em cada um.

Nem sempre entendemos o que se passa no interior da pessoa. Frequentemente, não temos como ajudar. Somos presença, rezamos, respeitamos, amamos. Damos-lhe a chance de viver sozinha o que só ela pode viver: a gestação difícil, o parto doloroso etc.

Canção Nova: uma obra de Deus

Tudo isso nos une muito, nos estreita, nos faz um; então nos igualamos: passamos por esse mesmo processo doloroso de restauração, cada um a seu tempo, à sua maneira, em sua situação concreta. Mas todos passam por esta mesma *páscoa*: a passagem do homem velho para o homem novo; a vitória da vida sobre as forças de morte que existem em nós; a vinda da luz sobre as trevas que ainda nos envolvem.

É uma graça viver isso, e vivê-lo juntos, em comunidade. É fascinante presenciar a ação do Espírito Santo em cada um e reconhecer sua vitória sobre nossas resistências.

Vivemos juntos, em comunidade, algo que é próprio de nossa missão: ajudar as pessoas a alcançar esse processo de restauração, que é a meta de toda a evangelização. Experimentamos em nossa própria carne o que vamos testemunhar e ajudar os outros a viver.

Mais uma vez estamos vivendo, juntos, o que é nossa missão. Isso nos faz realmente irmãos, destrói barreiras, quebra as resistências, vence as diferenças. Isso nos faz compreensivos, a não julgar, a nunca condenar, a entender as nossas reações, nossos medos, nossas resistências. Ajuda-nos a acolher uns aos outros em nossas qualidades, mas também em nossos defeitos; no melhor de nós mesmos, e em nosso pior. Isso melhora, em muito, a qualidade de nossos relacionamentos. Este é o segredo para superar as dificuldades reais que existem entre nós no campo da sensibilidade, acolher-nos na profundidade daquilo que cada um de nós vive.

Profissionais de Deus

Estamos todos num processo doloroso de restauração. Estamos numa batalha interior: o velho e o novo, o pecado e a graça lutam dentro de nós. Estamos necessitados de presença, de compreensão, de acolhida, de oração. Somos todos igualmente pobres, muito pobres, somos todos necessitados, sem exceção.

Isso nos faz humildes, simples; faz-nos dependentes uns dos outros. Derruba as barreiras e nos leva a procurar os outros. Nossa real pobreza é a chave para a vida em comunidade.

Bem-aventurados somos nós que podemos viver juntos esse processo de restauração. É isso que nos leva a ser um só coração e uma só alma; leva-nos a partilhar, a ter tudo em comum.

Em nossa vida de comunidade se repete, continuamente, o milagre da multiplicação dos pães. Em geral, chegamos em casa, depois do dia de serviço, extenuados. No fim de semana, nem se fale. Todos estamos muito necessitados, só que não temos mais o que dar, não temos mais forças. Como então viver em comunidade nessa hora? E isso se repete quase todos os dias.

A primeira tendência seria deixar cair os braços e dizer: não dá, não é possível. Então nos isolar, fechar-nos em nosso canto ou nos ausentar. Todos nos defrontamos sempre com essa tentação.

Mas, graças a Deus, a experiência já nos provou que, pelo fato de estarmos juntos, simplesmente juntos, sem termos o que dar, quase sem forças para nos comunicar, mas estando juntos, lado a lado, o milagre se renova. O Senhor toma nossos

Canção Nova: uma obra de Deus

restos – e muitas vezes é bem menos que restos, são migalhas –, o Senhor toma o que temos e, em suas mãos, o quase nada se multiplica. E todos recebemos, somos alimentados, restaurados, revitalizados.

Esse milagre já faz parte de nosso dia-a-dia. Corremos o risco de não mais perceber, mas ele acontece. Isso porque, apesar de tudo, ousamos viver em comunidade; porque ousamos olhar além das aparências e acreditar. Acontece porque temos a coragem de partilhar, partilhar até os restos, as migalhas.

“Oh, como é bom, como é agradável os irmãos morarem juntos! Pois é lá que o Senhor dá a bênção e a vida para sempre”(Sl 133,1.3b).

Esse salmo fala de nossa realidade: somos irmãos unidos, vivendo juntos. Não fomos nós que escolhemos essa forma de vida. Não fomos nós que nos escolhemos. Foi o Senhor quem nos escolheu e nos uniu. Nós, então, acolhemos essa escolha e aceitamos viver juntos. Como o salmista, experimentamos também que, apesar de tudo, vale a pena. Ali o Senhor derrama a vida, e essa vida que brota do viver juntos nos restaura, nos revitaliza.

Ali o Senhor derrama uma bênção. Constatamos então, por experiência, que a comunidade é o lugar ideal para viver o processo de restauração. É o ambiente propício para que a cura aconteça e avance na direção da cura radical. O viver juntos cria o clima mais favorável para o homem novo aflorar, se desenvolver e crescer até a plenitude.

Profissionais de Deus

É bom olhar de frente o retrato de nossa comunidade: nela estão reunidas pessoas muito diferentes, mas muito parecidas. Trazemos todos o mesmo dom; estamos todos em processo de restauração; fomos destinados para a mesma missão e em sua realização damos, todos, o melhor de nós mesmos.

Que linda nossa família!

Comunidade de trabalho

Trabalhamos em vários departamentos, lado a lado, com muitas pessoas. Estamos aí também diante de um mistério. Não escolhemos as pessoas ao lado de quem trabalhamos. Foi Deus quem as trouxe e as colocou ao nosso lado. A experiência nos mostra que aqueles que não foram trazidos por Deus não permanecem. Os que ficam é porque têm alguma ligação muito íntima conosco.

Entre eles há os que são Canção Nova e ainda não se descobriram. Deus os traz para que, trabalhando conosco na missão, o dom aflore e, então, eles se descubram e se unam a nós plenamente.

Há os que, embora não sejam Canção Nova, acolhem nossa vida, comungam de nosso ideal, se entusiasmam com nossa missão e por isso querem trabalhar conosco.

Há os que vieram porque Deus quer fazer neles uma restauração. Por isso os encaminhou para trabalharem conosco.

Canção Nova: uma obra de Deus

Há ainda os que vieram simplesmente para trabalhar. Aceitam, gostam e permanecem conosco. Executam trabalhos que não podemos executar. Foi para isso que Deus os trouxe. Uma vez que Deus tem um propósito definido para cada um deles, nós os recebemos como companheiros. Com eles vamos viver numa comunidade de trabalho por causa da realização da missão.

Somos uma comunidade de missão, uma companhia de pesca, em que todos os trabalhos convergem para um mesmo objetivo: realizar a evangelização integral pelos meios de comunicação de massa. É uma tarefa complexa e desafiadora, uma verdadeira aventura que só se pode realizar em equipe – e equipe tem de ser muito bem estruturada e coesa.

O desafio é tão grande que só conseguimos enfrentá-lo se formos um só coração e uma só alma, ou como diz o velho adágio: se formos um por todos e todos por um. Isso também é um desafio. Se estivermos apenas justapostos um ao lado do outro, realizando cada qual individualmente seu trabalho, “cada um na sua”, sem entrosamento, sem interação, só perderemos ponto; a missão é que sairá perdendo.

Mesmo que sejamos excelentes profissionais e que cada um faça bem a parte que lhe cabe, se não houver o “um por todos e todos por um”, a companhia não acontece. A consequência é perda no rendimento, na eficiência, na realização do objetivo da obra: a evangelização.

Vivemos esse espírito de equipe, essa comunidade de trabalho na totalidade da obra, pois aí está a companhia,

Profissionais de Deus

mas vivemos também em cada departamento onde o conhecimento, a partilha, a interação, a superação das dificuldades são mais concretos. Cada departamento entra em campo como uma equipe determinada a lutar e vencer.

Espírito de equipe não acontece por si, precisa ser cultivado. Cabe a nós, no trabalho e fora dele, criar clima e condições para que o conhecimento, a partilha, a interação, o entrosamento aconteçam. Nesse ambiente vitalizante, o entusiasmo contagia e todos se tornam mais criativos, abertos, participantes; as qualidades vêm à tona e são postas em ação; as inibições e os medos caem por terra. Cada qual dá o melhor de si. A equipe toda vive um clima de realização e alegria. Essa é a chave para a eficiência. E é isso que queremos dar continuamente ao Senhor.

Nossa espiritualidade no campo de missão

Nossa espiritualidade deve corresponder àquilo que somos. O grande mal é querermos viver uma espiritualidade distinta, o que resulta numa espiritualidade desencarnada. Muitas vezes se torna uma espiritualidade aérea, inconstante e até mesmo enganosa; ela não nos sustenta, não nos vitaliza, porque não corresponde ao que somos, ao que vivemos concretamente, portanto não corresponde ao que temos de enfrentar na luta do cotidiano.

Espiritualidade não é outra coisa senão nosso relacionamento com Deus, expressando-se em atos que realizamos, em

Canção Nova: uma obra de Deus

atitudes que nutrimos, em meios que utilizamos para manter, cultivar, fazer crescer e expressar essa relação.

Nosso relacionamento é aquilo que somos para Deus, é o que fazemos em relação a Ele. Na Canção Nova, especialmente em Cachoeira Paulista, somos operários de Deus. Trabalhamos numa obra que tem uma missão específica, um agir concreto e objetivos a serem atingidos. Deus conta conosco para realizar nosso trabalho suado, a fim de que esse ato se realize e a missão aconteça.

Nossa relação com Deus é uma relação de trabalho, de operário *versus* patrão. Não se assuste, estamos desmitificando e colocando a realidade em termos concretos.

Não resta dúvida de que somos filhos escolhidos e amados. Somos filhos que hoje, como adultos, trabalhamos com o Pai e para o Pai. Fomos escolhidos para essa missão. Digo mais, fomos criados por causa da missão, e chegou a hora da maturidade, quando trabalhamos para que a missão aconteça.

Somos amados, sim, e por isso o Pai confiou em nós ao colocar sob nossa responsabilidade uma “empresa” para evangelizar por meio das mídias. É grande a confiança. Deus tem investido muito e entregue tudo isso em nossas mãos. O sucesso ou fracasso da empresa depende de nós, de nossa responsabilidade, de nosso trabalho.

Nossa relação com Deus é uma relação de missão, de empresa, de trabalho. Somos operários Dele, operários qualificados,

Profissionais de Deus

mas operários. Trabalhamos para Ele. Assim, nossa espiritualidade é a do operário que trabalha para o patrão.

Talvez você ache isso novo. Sim, faz parte do novo que somos chamados a viver. Mas não nos é estranho, é algo que, de certa maneira, já vivemos, e Deus quer que nos aprofundemos nesse novo que Ele nos chama a viver. Será algo rico para nós e poderemos passá-lo para outros.

Nossa espiritualidade é...

Primeiro. A espiritualidade do *trabalho santificado*. Está presente no relacionamento de alguém que trabalha com Deus e para Deus e que, portanto, busca constantemente a vontade daquele para quem trabalha, faz perguntas, busca suas decisões, procura saber seus planos e os próximos passos a dar; enfim, é aquele que trabalha para Deus, busca suas ordens e executa-as com docilidade e alegria.

Nossa espiritualidade está no relacionamento de alguém que, trabalhando para o Senhor, lhe é muito íntimo, se alegra com Ele nos sucessos, sofre com Ele as demoras, os obstáculos, as oposições, suporta as contradições, se entristece com as próprias infidelidades e pecados no trabalho de cada dia. Arrepende-se dos receios e desvios e retoma na alegria da reconciliação. Está no relacionamento de alguém muito íntimo que, mais do que servo, tem a graça de ser amigo e por isso vive às claras, joga aberto.

Canção Nova: uma obra de Deus

Está na relação de quem sabe *para quem* trabalha e *para que* trabalha, e por isso tem a coragem de “dar duro”, suar a camisa, não se contentando com o que já atingiu, mas prosseguindo e se aperfeiçoando. Essa espiritualidade está na relação do servo bom e fiel que não enterra o talento, mas trabalha com ele e o multiplica para o seu Senhor.

É a espiritualidade da alegria, daquele que faz contente seu trabalho, que tem prazer em fazê-lo e por isso se sente satisfeito, realizado.

Resumindo: é a espiritualidade do trabalho, de um trabalho santificado. Não estranhe, é uma verdadeira espiritualidade, pois implica um relacionamento muito estreito com Deus, uma maneira muito concreta de viver com Ele e para Ele. Damos ao Senhor, continuamente, o louvor da atividade, das energias gastas, do tempo consumido, do cansaço, dos frutos conquistados. É uma estreita relação, uma verdadeira espiritualidade.

Nós, na Canção Nova, temos a graça de trabalhar para Deus, numa obra de Deus. Não podemos perder a chance de fazer desse trabalho o que ele é: relacionamento íntimo e concreto com Deus, portanto espiritualidade. Nossa espiritualidade é a do *trabalho santificado*.

Segundo. A espiritualidade da *oração ao ritmo da vida*. A atitude orante que perpassa todo o nosso dia e a nossa atividade; na oração que brota espontânea daquilo que vivemos

Profissionais de Deus

em cada momento. Oramos buscando luzes, inspiração para o que temos de fazer. Escutamos para saber os desejos, as ordens, os propósitos de Deus. Pedimos sua orientação, sua guia. Reclamamos sua presença, sua intervenção nos momentos difíceis, nas decisões complicadas. Rogamos buscando força, coragem.

Gritamos por ele nas horas duras, nos momentos de desânimo, nas situações críticas. Pedimos perdão pelas desatenções, pelos erros. Arrependemo-nos das infidelidades, dos medos, das resistências.

Estouramos de alegria nas horas de sucesso, nas intervenções de Deus na nossa rotina de trabalho. Rezamos pelos outros, por aqueles com quem e para quem trabalhamos, pelos muitos que nos pedem, por aqueles que atendemos ao telefone, para quem escrevemos uma carta, enviamos uma encomenda. Enfim, é um contínuo diálogo com aquele com quem vivemos e para quem trabalhamos. Esse diálogo é *oração*.

Não podemos perder essas infinitas chances de oração; oração *ao ritmo da vida*; oração muito simples, mas muito direta, muito espontânea; oração com poucas palavras, mas com muita vida; oração com marca do que vivemos no momento, do que precisamos, do que buscamos, do que não temos e então pedimos. Não resta dúvida: é a oração certamente mais vivida, mais concreta, mais real, mais direta, mais bem expressa. É verdadeira comunicação em linha direta; portanto, verdadeira oração.

Canção Nova: uma obra de Deus

É a *oração ao ritmo da vida*, forte característica de nossa espiritualidade.

Terceiro. A espiritualidade da *busca dos meios*. Para nos relacionar com Deus temos de lançar mão de meios. Sem eles o relacionamento não acontece porque se trata de um diálogo. É um dar e receber dos dois lados: o humano e o divino, nós e Deus.

Portanto, são necessários *os meios*. Será essencial utilizá-los para que a relação aconteça. Do contrário, ficamos apenas com boas intenções. Graças a Deus, temos muitos meios: a oração pessoal, o diário espiritual e a ruminação da palavra; a adoração ao Santíssimo, o rosário, a oração comunitária, os retiros pessoais, as práticas pessoais de devoção, até mesmo o silêncio e a busca de um isolamento para estar a sós. Tudo isso são meios e já fazem parte de nosso dia-a-dia.

Não se trata de obrigação, mas de alimento necessário. Será coerência de quem é de Deus e precisa cultivar um relacionamento pessoal e profundo com aquele para quem vivemos. Não se trata de entulhar com práticas nossa vida espiritual.

Será sabedoria escolher ora este, ora aquele meio e usá-lo bem, retirando dele tudo o que pode nos oferecer. Os meios estão à nossa disposição. Eles são meios e como tais devem ser usados. O essencial é que, por meio deles, nossa relação com Deus aconteça e se aprofunde.

Profissionais de Deus

Além disso, somos operários de Deus e trabalhamos em sua obra. Os destinatários de nosso trabalho são todas as pessoas que formam o povo de Deus. Ministramos a eles o que mais necessitam: a pré-evangelização, a evangelização fundamental e a evangelização-restauração do homem.

Ministramos continuamente a eles os dons de Deus: a oração, a palavra, a libertação, a cura, enfim, a salvação de Jesus. Para isso também, os meios usados com fidelidade e sabedoria são imprescindíveis. Não dá para improvisar; a responsabilidade com Deus é grande e com o povo também. Não podemos brincar em serviço. Somos trabalhadores de Deus em regime de dedicação integral em favor do povo.

Nossa espiritualidade tem esta característica: a sábia e coerente *busca dos meios*.

Quarto. A espiritualidade dos *tempos fortes*. O trabalho santificado, a oração ao ritmo da vida e a busca dos meios, vividos no dia-a-dia, criam em nós um clima próprio e suscitam uma necessidade interior de tempos fortes; tempos fortes para estar com o Senhor, de receber do Senhor, tempos fortes de relacionamento intenso. São eles que vitalizam todo o restante de nossa espiritualidade. Eles são fontes.

Um tempo forte é a celebração da Eucaristia (você reparou que não falamos da Eucaristia entre os meios? Ela não é um meio). Ela é o ponto alto, cume de nosso dia de dedicação e trabalho. Por isso é importante que seja diária.

Canção Nova: uma obra de Deus

Bem entendido o termo, podemos dizer que concelebramos todos os dias. Mais do que com o sacerdote, celebramos com Jesus, o verdadeiro Celebrante, o grande Evangelizador do Pai, o infatigável Trabalhador de Deus. Concelebramos com os que estão presentes, mas também com os outros de nossa casa. Concelebramos com toda a Canção Nova, com os de nossa frente de trabalho e com todos os de outras frentes.

Misteriosamente, mas de maneira muito real, concelebramos com os que foram criados por Deus para a Canção Nova e ainda não se reuniram a nós. Concelebramos com todos os destinatários de nosso trabalho: essa multidão de pessoas que atingimos todos os dias, a quem estamos ligados e por quem nos sentimos responsáveis.

Não é de uma simples cerimônia que participamos. É infinitamente maior. Todos os dias levamos a Canção Nova à redenção de Jesus. Diariamente, a imergimos na redenção de Jesus, que acontece sempre em cada Eucaristia. É como o sangue que o coração leva ao pulmão e é renovado pelo oxigênio. Diariamente, a Canção Nova é levada ao coração de Jesus e Ele a renova, a cada dia, em sua redenção. Estamos diante do mistério, mas é de grande realidade.

É por isso que necessitamos de Eucaristia. Ela é a fonte da eficácia de nossa missão. Especialmente nós que investimos a vida nesta evangelização, que vai da pré-evangelização à restauração do homem em Cristo, precisamos da Eucaristia. Em cada celebração, levamos a nós mesmos, todo o corpo Canção Nova, os que trabalham conosco, levamos quem

Profissionais de Deus

evangelizamos... à redenção de Jesus que acontece realmente em cada celebração para que, por ela, a restauração se realize, a cura radical seja alcançada e o homem novo à imagem de Jesus Cristo aconteça em cada um.

A Eucaristia é o ponto de chegada e de partida de nossa missão realizada, concretamente, dia a dia. É lugar de encontro, de instrução e discipulado; é momento de oferta e intercessão; é hora privilegiada de redenção pessoal e comunitária; é refeição, em que o alimento é o próprio restaurador e o homem se faz um com o Homem Novo, em cuja imagem está sendo feito. É o momento de profunda identificação com o evangelizador e o missionário do Pai, que nos reenvia a cada novo dia para as tarefas concretas da missão.

A celebração da Eucaristia é nosso tempo forte por excelência.

Existem os tempos fortes programados, e é importante que sejamos sensíveis à necessidade desses tempos e criemos situações para que aconteçam. São nossos retiros pessoais, os retiros de toda a comunidade, os momentos especiais de oração, de estudo, de convivência, de formação. São manhãs, tardes, noites, vigílias, fins de semana programados especialmente; são outras diferentes iniciativas pessoais e por grupos específicos que podemos organizar.

Uma característica da Canção Nova é a criatividade. É preciso usá-la. É importante ousar e tomar iniciativa. A rotina

Canção Nova: uma obra de Deus

mata, leva ao torpor, mina a espiritualidade. Os tempos fortes bem usados são fontes de revitalização, momentos de intenso relacionamento com Deus, instantes privilegiados de encontrar e assimilar o novo que Ele tem para nós.

Existem tempos fortes não-programados cuja iniciativa não é nossa. Eles acontecem. É Deus quem cria as circunstâncias para isso. Esses momentos são muito preciosos. Se o Senhor toma a iniciativa, é porque tem objetivos muito concretos. É hora de graça.

Há momentos em que o Senhor nos *visita* pessoalmente. Há outros em que *Ele visita* um grupo ou toda a comunidade. Temos de ser sensíveis a essas visitas. É sabedoria ceder tempo e espaço ao Senhor. Um momento desses, que se cede à iniciativa do Senhor, vale por dias inteiros de busca e empenho pessoal. É uma graça incalculável. O Senhor usa essas ocasiões para as grandes revelações, as curas profundas, as grandes arrancadas, as rupturas, as guinadas, as desapropriações, as grandes mudanças em nossa vida pessoal ou em grupo.

Nossa espiritualidade é feita do trabalho santificado, da oração ao ritmo da vida, da busca dos meios e também dos tempos fortes. É uma espiritualidade muito simples, mas percebemos, na prática, que tocamos nas fontes de um relacionamento verdadeiro, íntimo, concreto e crescente com Jesus, com o Pai e com o Espírito Santo.

Esse caminho de espiritualidade é um presente de Deus.

9. Maria, é ela quem tudo faz na Canção Nova

Maria é uma presença discreta, mas muito real em nossa vida de operários de Deus. Está muito presente em toda a nossa vida, em todo o nosso trabalho: presença de mãe, de mestra, de educadora. Sentimos mesmo que ela nos forma, educa, impulsiona, orienta, encaminha. Nós a sentimos muito próxima.

Podemos até dizer que ela nos acompanha com sua presença. Está conosco em nossas casas, escritórios, estúdios, oficinas, nos momentos de oração, em comunidade. Sim, ela participa de nossa vida, até mesmo de nosso lazer e descontração. Enfatizo que é uma presença discreta, mas real. Presença de mãe que educa e direciona, mas que não tolhe, não inibe.

Assim, torna-se muito simples e fácil nosso relacionamento com ela. É algo pessoal, direto. Podemos fazer tudo, desabafar, confiar, com a liberdade de ser o que somos diante dela,

Canção Nova: uma obra de Deus

sem medo de perder o afeto. Podemos reagir diante dela, às vezes, como crianças, como imaturos, como pecadores, porque ainda não conseguimos ser diferentes, no entanto não temos medo. Não temos medo de ser castigados, de ser rejeitados.

Esse relacionamento aberto, direto, concreto é nossa melhor forma de oração. Estamos falando com a mãe, então falamos tudo.

Essa forma de nos relacionar é uma maravilhosa chance de viver na luz. Não ocultamos nada a ela: nossos relacionamentos, nossa vida afetiva, nossa sexualidade, nossos sonhos, nossas aspirações, nossas fantasias e desejos loucos, as inclinações ruins que sentimos – não queremos, mas sentimos; enfim, vivemos às claras. Não ocultamos nada porque confiamos e sabemos que não vamos perder seu amor. Pelo contrário, nutrimos a certeza de que ela se põe ao nosso lado, se posiciona a nosso favor, para nos fazer novos a partir do que somos, sem destruir nossa natureza.

Maria sabe como fazer isso. Ela possui o segredo. Nós então nos entregamos.

Ela é a primeira a se responsabilizar pela realização da missão. O Pai confiou a ela o cuidado da Canção Nova. Ela a acolheu e assumiu. Quanto mais nos afinamos à sua maneira de nos conduzir, mais a Canção Nova será, toda ela, a Casa de Maria.

Posso dizer sem medo: “Na Canção Nova foi ela quem fez tudo; nada se fez sem sua participação. É ela quem nos conduzirá à plena realização da missão para a qual o Pai nos criou Canção Nova”.

10. Entramos no tempo da misericórdia

“Meus olhos estarão abertos e os ouvidos atentos à oração feita neste lugar. Pois agora escolhi e santifiquei esta casa dedicada a meu nome para sempre. Meus olhos e meu coração estarão nela todo o tempo” (2Cr 7,15-16).

No dia da festa da Divina Misericórdia – segundo Domingo da Páscoa –, logo pela manhã, o Senhor me deu esta palavra e ela foi trabalhando em mim. Estava em Araras, dando um encontro de PHN. Quando vi que a Canção Nova estava repleta de uma multidão de pessoas, reconheci nisto a confirmação desta palavra.

Durante todo o dia, toda essa realidade foi tomando conta de mim e, quando celebrei a missa, encerrando a festa da Misericórdia, fui movido a proclamar esta palavra e, mais uma vez, consagrar a Canção Nova para que fosse *o lugar da Divina Misericórdia*.

Canção Nova: uma obra de Deus

Onde Jesus poderia exercer toda a extensão da sua Misericórdia e onde as pessoas pudessem, com confiança, trazer todas as suas misérias e aí serem atendidas. Entreguei a Canção Nova a Deus para ser o lugar da Misericórdia e da Confiança. Retirei-me por três dias na nossa casa em Queluz. Li tudo o que Jesus e Nossa Senhora falaram a Santa Faustina Kowalska e o que ela deixou por escrito no seu *diário*.

A certeza que fica em mim é que não apenas construíamos na Canção Nova, em Cachoeira Paulista, o Santuário da Divina Misericórdia – um santuário grande e acolhedor, cujas dimensões mostrem a ilimitada vontade do coração de Jesus de receber nele uma multidão de filhos de seu Pai, especialmente os mais pecadores, os mais miseráveis, os mais desesperados, os que não têm mais com quem contar, a não ser com a Divina Misericórdia –, mas que obedeçamos a vontade de Deus: Ele quer que a Canção Nova toda seja o grande Santuário da Divina Misericórdia.

Sim, a Canção Nova será o grande Santuário. Seremos nós, os membros escolhidos e consagrados da Canção Nova, que acolheremos de braços abertos e estendidos, como os de Jesus Misericordioso, a essas pessoas, com seus pecados, problemas e misérias. Seremos o coração, a face, o olhar, o sorriso de Jesus para recebê-las com amor, infundir-lhes confiança e mergulhá-las no oceano infinito de sua Misericórdia.

Para que isso aconteça, o próprio Senhor quer infundir em nós a sua Divina Misericórdia. Ele quer que a experimentemos

Entramos no tempo da misericórdia

primeiramente e de maneira concreta em nossa vida, para, em seguida, levá-la a muitas pessoas.

Tenha a certeza de que Ele trabalhará em nós. A obra será dele. Muito mais do que um ensino teórico sobre a misericórdia, Ele nos fará experimentá-la. Por um lado, vamos ver todo o caminho da sua Misericórdia em nossa vida. Vamos reconhecer a mão misericordiosa do Senhor agindo concretamente na nossa vida. Veremos que a nossa história de vida foi uma história de Misericórdia, passo a passo. Descobriremos toda obra de restauração que Ele fez e está fazendo em nós. Reconhecemos toda a obra da sua Misericórdia no hoje da nossa vida.

Ao mesmo tempo, experimentando a sua Misericórdia em nós, o Senhor mesmo haverá de nos encher de sentimentos de misericórdia para com os outros. Ele nos dará um coração misericordioso. Sempre misericordioso. Em tudo misericordioso. Será a grande graça para todos nós.

Não se trata simplesmente de propagar a devoção à Divina Misericórdia. É muito mais, experimentaremos a sua Misericórdia em nós, seremos formados pelo Senhor para termos os mesmos sentimentos do seu coração, para com todas as pessoas que Ele colocar em nosso caminho.

Assim, cada um de nós, de forma individual, e todos nós num só corpo, seremos o grande Santuário da Divina Misericórdia, para acolher todos aqueles que o Senhor atrair, e seremos os portadores de sua Misericórdia a todas as pessoas e a todos

Canção Nova: uma obra de Deus

os lugares onde ela precisa chegar. *Esta é uma missão linda que o Senhor nos confia.*

Um tempo novo na Canção Nova

A sensação que tenho é que tudo que vivemos, até agora, foi a preparação para o ponto a que chegamos. Não diminuo em nada toda a beleza do que já vivemos nestes trinta anos e a eficácia que o Senhor nos deu em tudo o que realizamos.

Mas, diante da grandiosidade do que Ele nos apresenta agora, tudo o que ficou para trás parece apenas uma preparação. E precisávamos mesmo de toda esta preparação, porque a missão que Ele nos confia é muito grande. Não me admira que o Senhor tenha nos preparado longamente nestes trinta anos, para chegarmos agora ao objetivo último da Canção Nova. Ele nos criou por causa do fim dos tempos. Ele quis a Canção Nova para preparar o nosso povo para o fim dos tempos, para a sua segunda vinda.

No número 83 do seu *Diário*, Santa Faustina traz o que Jesus mesmo lhe disse a respeito do que significa esta intensificação da sua Misericórdia nesses tempos. Escreve isto:

Antes de vir como justo Juiz, venho como Rei da Misericórdia. Antes de vir o dia da justiça, nos céus será dado aos homens este sinal: Apagar-se-á toda a luz no céu e haverá uma grande escuridão sobre a Terra. Então apa-

Entramos no tempo da misericórdia

recerá o sinal da Cruz no céu, e dos orifícios, onde foram pregadas as mãos e os pés do Salvador sairão grandes luzes, que, por algum tempo, iluminarão a Terra. Isto acontecerá pouco antes do último dia.

No dia 25 de março de 1936, Nossa Senhora também lhe fala, e ela deixou assentado no número 635 do seu *Diário*:

Então, vi Nossa Senhora, que me disse: “Oh! Como é agradável a Deus a alma que segue fielmente a inspiração da sua graça! Eu dei o Salvador ao mundo e, quanto a ti, debes falar ao mundo da sua grande misericórdia, preparando-o para a sua segunda vinda, quando virá não como Salvador misericordioso, mas como justo Juiz. Oh! Quão terrível será esse dia! Está decidido o dia da justiça, o dia da ira de Deus; os próprios Anjos tremem diante dele. Fala às almas dessa grande misericórdia, enquanto é tempo de compaixão. Se tu te calares agora, terás de responder naquele dia terrível por um grande número de almas. Nada receies, sê fiel até o fim, eu me compadeço de ti”.

Volto a dizer que não me admira que o Senhor nos tenha preparado para essa missão porque a Canção Nova – como Deus nos mostrou desde os inícios – foi criada para o fim dos tempos. Assim, fica claro por esta e por outras passagens do

Canção Nova: uma obra de Deus

Diário, onde Jesus mesmo fala a Santa Faustina, que a razão de ser desta intensificação da sua Misericórdia sobre a humanidade é prepará-la para a sua vinda, que se aproxima cada vez mais.

Faço um parêntese aqui: você sabe que em tudo o que o Senhor foi me movendo a falar sobre a sua vinda, eu sempre me baseei na Sagrada Escritura, porque ela é a palavra de Deus e até evitei me basear e citar visões e revelações particulares.

Agora, porém, vejo que é diferente, porque quando a Igreja canoniza um santo, ela automaticamente está aprovando os seus escritos, porque antes de canonizá-lo são seriamente examinados. O *Diário de Madre Faustina* foi severamente vasculhado, ainda antes de começar a sua causa de beatificação, que só foi iniciada depois da sua aprovação. Portanto, trata-se de um escrito aprovado pela Igreja em que tudo nele corresponde à verdade.

Fechando esse parêntese, concluo: não tenho dúvida alguma de que aquilo que Santa Faustina deixou escrito no seu *Diário*, no número 625, refere-se também a nós: “À noite, quando eu rezava, disse-me Nossa Senhora: ‘Vossa vida deve ser semelhante à minha: silenciosa e oculta, continuamente unida a Deus, em súplica pela humanidade e a preparar o mundo para a segunda vinda de Deus’”.

O Senhor quer que também vivamos assim, para preparar o mundo para a sua segunda vinda: *vossa vida deve ser semelhante à minha: silenciosa e oculta, continuamente unida a*

Entramos no tempo da misericórdia

Deus, em súplica pela humanidade e a preparar o mundo para a segunda vinda de Deus. Posso afirmar que o Senhor, num extremo de confiança, diz à Canção Nova: “Prepara esta pobre humanidade para a minha segunda vinda. É por isso que eu quero que leves a ela toda a riqueza da minha infinita Misericórdia: para prepará-la para a minha segunda vinda!”

Jesus diz a respeito da Polônia o que está no número 1732: *Amo a Polônia de maneira especial e, se ela for obediente à minha vontade, eu a elevarei em poder e santidade. Dela sairá a centelha que preparará o mundo para a minha vinda derradeira.*

Muitos interpretam que esta “centelha” era o papa João Paulo II. Seja como for, posso afirmar, com todo o peso da responsabilidade que isso acarreta, que Jesus diz a mesma coisa a nós na Canção Nova: *“Amo a Canção Nova de maneira especial e se ela for obediente à minha vontade, eu a elevarei em poder e santidade. Ela preparará o mundo para a minha vinda derradeira!”.*

No comunicado que enviei a todos antes da reunião do conselho dizia: “Sinto que o Senhor vai dar uma nova guinada na Canção Nova”. Confesso que fiquei desapontado quando soube que as rádios de São Paulo, Rio de Janeiro e a FM de Sorocaba não se mantiveram no ar, mas reconheci nisto a vontade de Deus para este momento, pois pensava que *a grande guinada* aconteceria com estas rádios.

A sensação da “grande guinada” continuou presente em mim. Agora vejo que chegamos à realização daquilo que Deus

Canção Nova: uma obra de Deus

me inspirava: *entramos no tempo da Divina Misericórdia*. Estamos no limiar de *um tempo novo na Canção Nova*.

Chegamos à plenitude da nossa missão

As próprias rádios que virão – creio – a seu tempo, e todos esses meios de comunicação que Deus nos deu e nos dará, enfim, toda a rede que está se estendendo também para outros países, tudo isso é para levar às nações e até aos confins da terra esta Divina Misericórdia, que quer atingir a todos, sem distinção.

Veja, Deus nos deu meios de comunicação de massa. Enquanto outros usam deles para massificar, roubando a dignidade dos filhos de Deus – não só a dignidade de filhos, mas a própria dignidade humana –, somos convocados para usar todos esses meios potentes da moderna comunicação para atingi-los em cheio com a Divina Misericórdia e devolver-lhes a dignidade humana e a dignidade de filhos de Deus.

Não é à toa que Deus nos deu esses meios poderosos, que podem elevar quase ao infinito as possibilidades de comunicar este anúncio. Ele nos quer atingindo multidões, mas, ao mesmo tempo, pessoa por pessoa. O Senhor nos quer atingindo cada um, individualmente, penetrando-lhes a consciência e o coração com esta graça avassaladora da Divina Misericórdia, capaz de transformá-los em homens e mulheres novos, e conseguir de cada um deles uma adesão e um compromisso realmente pessoal.

Entramos no tempo da misericórdia

O Senhor nos quer realizando o que o papa Paulo VI proclamou na *Evangelii Nuntiandi*. Ele nos quer comunicando às multidões, nos quer falando a cada coração. Este é o segredo para fazer homens e mulheres novos para um mundo novo, através dos meios de comunicação de massa. Chegamos à plenitude da nossa missão.

Nada disso nos assusta, porque tudo isso já vínhamos realizando nesses trinta anos, na Canção Nova. A novidade é que a nossa missão assume agora uma nova dimensão. Atingimos a plenitude.

Os entendidos dizem que, enquanto o fundador está vivo, a fundação continua “em fundação”. Alegro-me por isso. Confirma-se o que dizíamos: “na Canção Nova tudo é definido, mas nada é definitivo”. Deus não nos deixa na rotina. De tempos em tempos, Ele nos traz coisas novas, vai desdobrando o que Ele mesmo criou. Aponta-nos novas realidades e conduz-nos por rumos novos, antes não imagináveis por nós. “Isto é obra de Deus: admirável aos nossos olhos!”. Graças a Deus, não perdemos a capacidade de nos maravilhar diante de sua obra, que é a Canção Nova. Realmente, ela se mostra sempre nova no correr dos tempos. Não temos como parar. Não temos como envelhecer. Somos e seremos sempre Canção Nova.

Casa do sacrifício

Posso, agora, retornar para o começo, para a palavra que o Senhor me deu no início daquele dia: “Meus olhos estarão

Canção Nova: uma obra de Deus

abertos e os ouvidos atentos à oração feita neste lugar. Pois agora escolhi e santifiquei esta casa dedicada a meu nome para sempre. Meus olhos e meu coração estarão nela todo o tempo” (2Cr 7,15-16).

Esse é o centro da mensagem, mas ela começa no versículo 11. Salomão termina a construção do templo e está para inaugurá-lo, consagrando-o ao Senhor. Naquela noite, o Senhor lhe aparece e lhe diz: “Ouvi tua oração e escolhi este lugar como casa para receber os sacrifícios” (v. 12).

Naquele tempo, eram todos aqueles sacrifícios que eles ofertavam a Deus. Hoje, é o único sacrifício de Cristo, realizado na cruz e renovado em cada celebração da missa.

Isto vem confirmar a Canção Nova como Território Eucarístico. Mais do que a nossa espiritualidade, toda a nossa vida se centraliza na Eucaristia. Tudo o que fazemos converge para a Eucaristia e tudo o que somos enviados a realizar ainda parte dela.

A redenção que levamos às inúmeras pessoas, todos os dias, é aquela que se realizou na cruz e que, ao mesmo tempo, se renova em cada Eucaristia. Somos portadores desta redenção, da qual também participamos todos os dias.

Quando vamos para a adoração ao Santíssimo Sacramento, levamos conosco este povo imenso pelos quais somos responsáveis. Quando nos achegamos ao pé da cruz todos os dias, às quinze horas – a hora da redenção –, e rezamos invocando a Divina Misericórdia sobre nós e sobre o mundo

Entramos no tempo da misericórdia

inteiro, levamos conosco todo esse povo. A Canção Nova é realmente a *Casa do Sacrifício*.

Porém, sinto que há mais coisas a serem descobertas nesta expressão “Casa do Sacrifício”. Ela fala dos nossos sacrifícios, das nossas dores, de todos os sofrimentos que a própria missão nos acarreta.

Percebo que Deus nos quer levar a assumir e viver aquilo que São Paulo expressa como experiência pessoal: “Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós e completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo em favor do seu Corpo que é a Igreja” (Cl 1,24).

Temos experimentado muitos sofrimentos: tanto individualmente como nas nossas frentes de Missão. Temos experimentado o “completar na nossa carne o que falta às tribulações de Cristo”. O que nos faltava, certamente, e o Senhor nos quer ver assumindo agora, é o “alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós”.

É a alegria no sofrimento. É o acolher de coração, e com alegria, os sofrimentos que nos atingem, sabendo que eles são necessários para a realização da missão. Nós sofremos por aqueles a quem somos enviados, para que a graça os atinja com os frutos da redenção de Cristo.

O papa Pio XII dizia na sua encíclica sobre o Corpo Místico de Cristo, que a salvação de muitos *depende* – e o verbo é esse – dos sofrimentos, das orações e dos *sacrifícios*, voluntariamente aceitos, pelos outros membros do corpo de Cristo.

Canção Nova: uma obra de Deus

O próprio papa Pio XII nos mostra que isso é um mistério que não conseguimos compreender como e por que é assim. Mas a realidade é essa: a salvação de muitos *depende* das nossas orações e dos nossos sofrimentos voluntariamente acolhidos.

Talvez nos faltasse esta compreensão: o nosso sofrimento é elemento essencial para que a salvação aconteça concretamente na vida daqueles para os quais trabalhamos. Daí alegrar-se no sofrimento suportado por causa deles será uma conseqüência.

O próprio São Paulo vai nos dizer: “[...]sem derramamento de sangue não existe perdão” (Hb 9,22). O nosso suor, nossa lágrima e nosso próprio sangue são necessários para a salvação daqueles a quem somos enviados. Por isso assumimos com alegria todo esse sofrimento.

Fica claro para mim que assumir agora como “ministério” o levar a muitos a insondável riqueza da Misericórdia Divina implica em sofrimentos e tribulações, sim, porém, assumidos com alegria. O segredo e o desafio agora são: *alegria no sofrimento*.

Escolhi este lugar

O Senhor nos diz que não somente escolheu a Canção Nova, mas que escolheu um lugar concreto. O território que ocupamos, não é apenas o de Cachoeira Paulista, mas o de qualquer frente de missão – mesmo que seja uma casa, que não é nossa, mas é alugada, como é o caso de Lorena e de

Entramos no tempo da misericórdia

Roma –, este lugar que ocupamos é o território que o Senhor escolheu para exercer a sua misericórdia e espalhá-la por toda a parte, até os confins da terra, para que ninguém fique sem ser atingido pela sua Divina Misericórdia.

“Meus olhos estarão abertos e os ouvidos atentos à oração feita neste lugar. Pois agora escolhi e santifiquei esta casa dedicada a meu nome para sempre. Meus olhos e meu coração estarão nela todo o tempo” (2Cr 7,15-16).

Isto me faz recordar de tudo que escrevi no documento “Canção Nova: lugar da ação e da presença de Deus”, e que hoje está no livro *Nossos Documentos*.

Começo dizendo: “Promessa de Deus para a Canção Nova: ‘É este o meu repouso para sempre; aqui vou morar, porque o desejei’ (Sl 132,14)”. Todos os fatos, até hoje, nos demonstram, que Deus realmente fez a sua escolha e tem sido fiel e coerente com a escolha que Ele fez. Escolhi este lugar.

A palavra “templo” vem de um verbo grego que quer dizer “recortar”. Templo, portanto, é um recorte. Os antigos concebiam assim: Deus recorta um pedaço do céu e esse recorte Ele faz descer à terra e aí o fixa.

Nesse recorte, nesse “pedaço” que Ele recortou do céu e fixou na terra, Ele estabelece a sua presença. Esse pedaço do céu na terra é o lugar da sua presença. Ele realiza aí tudo o que Ele realiza no céu. Esse pedacinho do céu se torna o lugar da presença e da ação de Deus. Então, Ele faz sentir a sua presença e opera as suas maravilhas.

Canção Nova: uma obra de Deus

É isso que o Senhor quer fazer na Canção Nova, o lugar que Ele escolheu. A escolha foi Dele. Foi Ele quem tomou a iniciativa. Nós apenas reconhecemos, aceitamos com gratidão e assumimos com responsabilidade. É uma graça imensa. Mas é também uma imensa responsabilidade.

O próprio Jacó reconhece: “Sem dúvida o Senhor está neste lugar, e eu não sabia.” Cheio de pavor, acrescentou: “Como é terrível este lugar! Isto aqui só pode ser a casa de Deus e a porta do céu” (Gn 28,16-17). Sim, o Senhor quer fazer da Canção Nova *a casa de Deus*. Ele quer fazer de cada casa uma *porta do céu*.

Recordo-me também de tudo que escrevi no documento, que está logo em seguida no nosso livro, à página 91: “A Eficácia Sobrenatural da Canção Nova”. O Senhor quer fazer da Canção Nova um instrumento. Ele quer se estabelecer no seu território para exercer todas as riquezas da sua misericórdia. Ele quer levá-la até os confins da terra.

“Meus olhos estarão abertos e os ouvidos atentos à oração feita neste lugar” (2Cr 7,15). O Senhor quer dar uma eficácia sobrenatural a *este lugar*, como deu aos grandes santuários, que Ele mesmo estabeleceu, como Lourdes, Fátima, Lanciano. Ele garante que seus olhos estarão abertos e seus ouvidos atentos à oração feita *neste lugar*. E continua: “agora escolhi e santifiquei esta casa dedicada a meu nome para sempre” (2Cr 7,16). E nós pedimos ao Senhor que seja realmente para sempre. Que a Canção Nova seja de fato “a casa dedicada ao seu nome”, e uma

Entramos no tempo da misericórdia

vez que Ele a escolheu, que Ele a santifique cada vez mais, para que ela realize até o fim a missão que o Senhor lhe confiou.

E o Senhor conclui, repetindo mais uma vez: “Meus olhos e meu coração estarão nela todo o tempo” (2Cr 7,16b). Que assim seja! Que seus olhos estejam nela o tempo todo. Que seu coração nela esteja para que todos aí o encontrem e experimentem as riquezas insondáveis da sua Misericórdia.

A Casa da Misericórdia

Há o outro lado da moeda. O Senhor quer que aqueles que experimentaram a sua misericórdia usem de misericórdia para com os outros. Depois de contar a parábola do bom samaritano, para responder ao doutor da lei o que é amar o próximo como a si mesmo, Jesus lhe diz: “Vai, e faze tu o mesmo”.

Percebo que o Senhor quer que a Canção Nova, aqui em Cachoeira Paulista, e, em seguida, em cada uma das nossas frentes de Missão, seja a *Casa da Misericórdia* para todos os necessitados.

Os nossos portugueses instituíram e trouxeram para o Brasil as “Santas Casas de Misericórdia”. Na origem, ela era uma instituição que dependia da providência, do nosso jeito. Eles não tinham recursos próprios e não dependiam de verbas do governo. As Santas Casas eram administradas por pessoas que tinham a coragem de pedir. Arrecadavam as doações e assim conseguiam dar um atendimento de qualidade para

Canção Nova: uma obra de Deus

os mais pobres, que não tinham nenhuma possibilidade, mas eram atendidos com a dignidade devida a um filho de Deus.

Deus quer que as casas da Canção Nova se tornem Santas Casas de Misericórdia. Que partilhemos com os pobres mais pobres os recursos que arrecadamos. Alguém podia dizer: “Mas isso é loucura! Nós não temos o necessário, nem mesmo para fazer frente aos gastos que temos com rádio e televisão. Como é que vamos atender aos mais pobres?”.

E nós respondemos: “é aí justamente que se aplica o princípio bíblico do “dai e dar-se-vos-á”. Se partilharmos com os pobres aquilo que recebemos, também nos será dado, e cada vez mais. Assim, teremos o suficiente para enfrentar os enormes gastos com os meios de comunicação e para atender também aos mais necessitados.

Se tivermos medo de repartir com eles o que recebemos, os recursos que arrecadarmos serão sempre insuficientes e não conseguiremos nem mesmo saldar as nossas dívidas.

É o princípio evangélico vivido concretamente: quando se dá, se recebe; quando não se dá, não se recebe. Quanto mais se dá, mais se recebe; quanto menos se dá, menos se recebe. Alguém podia dizer que isso não seria leal com os nossos colaboradores, porque eles realizam suas doações para sustentarmos a nossa missão de evangelizar pelos meios de comunicação.

Respondo, porém, que quando os nossos doadores souberem que estamos nos empenhando em socorrer a

Entramos no tempo da misericórdia

pobreza, eles doarão com maior generosidade. No fundo, é isso que eles esperam.

Por outro lado, a nossa missão é evangelizar, e o evangelho se realiza na caridade vivida em gestos concretos.

Assim como temos a graça de levar “um Deus vivo e vivido”, teremos a graça de levar um Evangelho vivo e vivido, em gestos concretos de amor aos mais pobres, porque deles é o Reino dos Céus.

Deus quer esta guinada em toda Canção Nova. A Canção Nova vai ser a *Casa dos Pobres*. Estaremos realizando, desde agora, o que teremos necessariamente de realizar nos tempos difíceis que virão. E já se aproximam. Estaremos partilhando com os pobres o que Deus nos dá.

Só posso concluir dizendo: *entramos no tempo da Divina Misericórdia*. Entramos agora numa aventura: enquanto construimos, aqui em Cachoeira Paulista, o Santuário da Divina Misericórdia, o Senhor estará construindo em nós tudo isso. Desse modo, terminada a construção do santuário, estaremos prontos para viver o tempo da misericórdia, até que o Senhor venha.

Vinde! Vinde logo, Senhor Jesus!

11. Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

Nosso primeiro chamado é ser comunidade. Esta é nossa força. Seremos fortes, se formos unidos. O Senhor nos revelou essa verdade. Por isso, onde quer que estejamos, precisamos ser um “forno quente”, uma comunidade unida, um espaço que revele a grandeza e o poder de Deus. Para tal, são indispensáveis a presença, a ação, a docilidade e a abertura ao Espírito Santo. Para sermos quentes e unidos, precisamos principalmente querer e ter têmpera.

Duas são as condições que nos auxiliam a constituir nossa têmpera: a primeira é a ação do Espírito, que nos faz passar pela água, pelo óleo e pelo fogo; a segunda é a nossa decisão, uma vez que a vida é feita de decisões. Há diferentes momentos em que a pessoa precisa se decidir. A decisão é pessoal e ninguém pode fazer uma escolha no lugar de outra. Ela nasce da

Canção Nova: uma obra de Deus

vontade própria somada ao discernimento, ou seja, a avaliação das condições, possibilidades e conseqüências da nossa decisão segundo a nossa vontade. Mas, além desses dois passos concretos, ainda será preciso haver motivação interior, para superar os desafios que vamos encontrar, porque é certo que eles surgirão. Todavia, se soubermos onde queremos chegar, estaremos dispostos a pagar qualquer preço.

Até mesmo as empresas, já há muito tempo, perceberam a necessidade de motivar suas equipes de trabalho. A motivação é um estímulo interior que reacende os interesses, os objetivos e a causa primeira que nos faz decidir por algo. Por isso, vários investimentos são feitos em cursos de motivação pessoal e profissional, a fim de resgatar o objetivo, a meta dos profissionais. Estes são formados, qualificados, mas se não há objetivos a serem alcançados na função que desempenham se perdem facilmente.

Portanto, são necessárias basicamente três coisas para se ter têmpera: decisão, motivação e a ação do Espírito Santo. Algumas pessoas se abrem com facilidade à ação do Espírito Santo, outras sentem mais dificuldade. Para que haja a abertura e entrega total, é preciso quebrar as resistências que muitas vezes não reconhecemos. Diante da sua decisão, é preciso pedir a Deus a graça de perseverar e ser o tempo todo motivado, assumindo a sua decisão.

É preciso vibrar pela sua vocação, pelo seu compromisso assumido, pelo seu trabalho, pela sua família, pela sua missão. Quantas pessoas desistiram de sua família, de seu

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

trabalho, da sua vocação... O que lhes deve ter faltado? Faltou a elas, não a graça, nem a presença do Espírito Santo ou o carisma ou a missão, mas sim decisão e constante motivação, que renova a cada dia a missão.

Tenho ensinado aos meus filhos, nesses mais de trinta anos, que é importantíssimo, logo ao se levantar, dizer: “Bom dia, Espírito Santo, o que vamos fazer juntos hoje?”. Porque, na verdade, a nossa ação é conjunta, e é preciso que seja assim. Não dá para *ser* sem o Espírito Santo. Deus fez obra conjunta. Não conseguiríamos nada com as nossas próprias forças, pois certamente fracassaríamos. É pela presença do Espírito Santo que nos levantamos, retomamos, continuamos, nos firmamos, resistimos e superamos. Vamos conquistando força e têmpera por meio da motivação que se renova todos os dias. Por isso, vamos rezar juntos: “Bom dia, Espírito Santo! O que vamos fazer juntos hoje? Eu quero ter têmpera para superar os desafios deste dia”.

Pode parecer uma oração simples, mas faça a experiência rezando no seu quarto, no chuveiro, andando pela rua ou onde você estiver. É possível transformar os atos cotidianos em oração.

Ser Comunidade, nosso primeiro chamado

A vida comunitária tem suas riquezas. Nela descobrimos nossas verdades e tudo o que é bom em nós, e poderia permanecer escondido, é manifestado. No entanto, essas

Canção Nova: uma obra de Deus

riquezas vêm acompanhadas de nossas misérias. Diante disso, é preciso tomar uma decisão: qual o homem que devemos fortalecer? O homem velho ou o homem novo. Se decidirmos pelo homem novo, a comunidade contribuirá, proporcionando um ambiente favorável, e será um forno quente para conservar esta decisão.

Você precisa ser quente e a sua casa também. E como somos nós quem causa o aquecimento e o fogo da nossa casa, é preciso que este fogo esteja em cada um de nós, porque Deus não nos fez sozinhos.

O nosso primeiro chamado é ser comunidade, mas nem todos são feitos para viver no núcleo de uma comunidade. Isso é um grande desafio. Temos que morrer para nós mesmos para conviver em comunidade, na mesma frente de missão, na mesma casa. É um contínuo morrer para si mesmo, morrer para nossa própria vontade, suportar uns aos outros. Na verdade, carregamos uns aos outros.

Na Canção Nova, é essencial que exista o núcleo da Comunidade de Vida e seus membros consagrados. Sem essa base de apoio, o projeto “Carisma Canção Nova”, que Deus sonhou e criou, não funciona. É como o sistema solar. O Sol é uma bola de fogo, uma linda estrela, a maior de todas, porém mais belo que ele são todos os planetas e os satélites que estão ao seu redor. É necessário que a Comunidade de Vida seja como o Sol, com planetas girando ao seu redor, planetas que podem ser comparados à Comunidade de Aliança, aos amigos, aos engajados e aos grupos que hoje se organizam nos

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

lugares em que não há casas da comunidade. Todos juntos constituem uma força conjugada.

Todavia, nem todos estão capacitados ou se capacitam para uma vida no núcleo da comunidade, pois são muitas as exigências da vida comunitária. É preciso se deixar moldar, ser flexível, abrir mão de suas vontades, ser resiliente. Quanto a esta última exigência, podemos explicá-la melhor. Resiliência é a capacidade de flexibilidade, de enfrentar tudo, de afrontar tudo, de agüentar firme a tudo, de sofrer, de passar por situações duras, difíceis, mas depois voltar à sua originalidade e tornar-se mais forte. É como os cotonetes, você os flexiona, torce, mas eles não quebram, resistem, pois possuem resiliência. Você torceu, torceu, torceu, e ele volta ao normal.

A resiliência torna as pessoas cada vez mais fortes. Este é o sentido quando eu digo: “Agüenta firme, meu filho, agüenta firme, minha filha!” Nem todos, infelizmente, aplicam essa resiliência, no sentido literal da palavra, ao enfrentar as dificuldades, os problemas, as resistências, as decepções e as dores. É preciso enfrentar tudo e, até mesmo, afrontar sem medo. A pessoa que tem o Espírito Santo sofre, se dobra, mas volta, e volta mais forte. Dobrar-se, em vez de enfraquecer, torna a pessoa mais forte. Para viver em comunidade precisamos ser torcidos e retorcidos continuamente.

Quem não se deixa ser quebrado, desanima. É importante partilhar as experiências vividas. Dessa forma, ajudamos uns aos outros e, com o tempo, percebemos que tudo passa. Como diz Santa Teresa: “A quem tem Deus nada falta,

Canção Nova: uma obra de Deus

a paciência tudo alcança, só Deus basta”. Tanto é assim que: onde estão os grandes problemas que você enfrentou no ano passado? Onde estão as situações que pareciam impossíveis de serem resolvidas e insuperáveis? Onde estão as grandes dificuldades pelas quais passou há três meses? Onde foram parar as expressões “não agüento mais”, “vou ter que largar tudo”. Onde estão as dificuldades vividas há um mês ou até a semana passada? Tudo passa, por isso não podemos desanimar, nem cair na tentação de pensar que as situações difíceis não têm solução. Precisamos assumir aquilo que o anjo Gabriel anunciou à Virgem Maria: “[...] pois para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).

Se você é chamado à Comunidade de Vida, permaneça nela, aconteça o que acontecer. Porém, sou obrigado a dizer que nem todos, infelizmente, conseguem permanecer. Está tudo perdido? Não. Eis algo muito importante: nada se perde, mesmo quando percebemos as nossas fraquezas e as fraquezas dos outros, porque nessa questão de erros todos somos iguais, todos carregamos nas costas um saco com os nossos defeitos, as nossas fragilidades e até mesmo os nossos pecados e temperamento. O interessante é que o saco é de plástico transparente e está à vista de todos. Desse modo, vemos os defeitos de todo mundo, mas os nossos não. Graças a Deus, Ele nos fez assim.

Vemos muitos defeitos na comunidade, mas não os nossos, e, às vezes, não encontramos pessoas firmes que nos

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

mostrem. Ao ver tantos erros, fragilidades, falhas naquilo que você chama de comunidade, mas que, na verdade, são os defeitos de cada um, posso afirmar, como na Igreja, porque a Canção Nova é uma célula da Igreja.

A Igreja é Santa! Ela veio do céu, de Deus. A cabeça da Igreja é Jesus e a alma da Igreja é o Espírito Santo. Ela recebeu meios de santidade, mas é uma Igreja Santa composta de homens pecadores. Dom Alberto corrige a expressão, dizendo: “Uma Igreja Santa e pecadora está errado, porque ela não é pecadora. Ela é uma Igreja Santa, mas que admite nela homens e mulheres pecadores, para deixarem de ser pecadores e se tornarem santos, na santidade da Igreja”.

Ouso dizer que a Canção Nova é uma célula da Igreja. A Canção Nova é assim: ela é santa, veio do céu, não veio do Monsenhor Jonas. Apenas tive a inspiração, o impulso do Espírito Santo em realizar. Como Maria, tive que dizer: “Como se fará isto?” Muitas vezes, perguntei a Deus: “Mas como se fará isto? Como vamos sair desta situação?”. Ainda hoje isso acontece.

Existem erros na comunidade, e é impossível não vê-los, mas não precisamos fraquejar por causa disso, pois ela é santa. O carisma é realmente carisma, igual a todos os carismas do Espírito Santo. Perdoem-me a expressão: é um “carismão”, que nos dá a capacidade de evangelizar até os confins da Terra.

A missão da Canção Nova é santa e ela está afinada com a missão da Igreja, como vimos no Evangelho: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!” (Mc 16,15).

Canção Nova: uma obra de Deus

O interessante são as palavras “a toda criatura”. Comentários bíblicos dizem que inclusive a natureza precisa ser evangelizada. Como nós, seres humanos, somos profundamente evangelizados, portanto, evangélicos, evangelhos vivos, devemos transmitir isso às outras criaturas. Sou incapaz de compreender sozinho como se faz isso, mas está na Bíblia. Então, a missão da Canção Nova é a mesma da Igreja. A certeza que o Senhor nos dá está na mesma passagem do Evangelho de São Mateus: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20b). Quer dizer, até a minha volta eu estarei convosco. E o Senhor está na Canção Nova até a consumação dos séculos, porque fomos feitos para anunciar e preparar as pessoas para a segunda e definitiva vinda de Jesus.

Portanto, o Senhor Jesus está conosco, permanece conosco. Quando fracassamos, Ele não sai da barca. Quando aparecem as tempestades, e quantas tempestades a Canção Nova já viveu, superamos tudo, graças a Deus, uma vez que o Senhor não saiu do barco. Por isso, ame, ame profundamente a comunidade, como Cristo ama a sua Igreja, que é Santa, mas feita de homens e mulheres pecadores, cheios de defeitos, de falhas. Mas o Senhor vê o interior da pessoa e não desiste de nenhum de nós. Pode-se talvez desistir da comunidade e desistir do Senhor, porque carregar a cruz com Ele não é simples. Ele é infinito em misericórdia, mas para aquele que colocou a mão no arado e voltou para trás o Senhor disse: “Não é digno de mim”. Oro a Deus para que isso não aconteça com ninguém.

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

Não temos o direito de, por causa dos defeitos dos outros, cruzar os braços, largar o arado e voltar atrás. Existe uma música que fala sobre isso: aquele que é muito mais forte e fiel, não chamou você à toa.

Canção Nova uma única família

Sempre busquei um modo de definir a estrutura da Canção Nova, pois ao longo desses mais de trinta anos muitas mudanças aconteceram. Começamos com poucos membros em Queluz e hoje já somos mais de mil consagrados espalhados pelo mundo, fecundando o carisma em outras pessoas. Muitos se descobrem Canção Nova, mas não podem ingressar na Comunidade de Vida, pois já constituíram família, têm filhos. Logo, constituem o que chamamos de Comunidade de Aliança.

Somos uma comunidade, uma única Comunidade de Aliança e Vida. Até coloco a palavra Aliança antes de Vida, pois a inspiração foi esta: perceber que verdadeiramente os que são da Comunidade Canção Nova na forma de Aliança são realmente Canção Nova do jeito que Deus quer. E eles precisam assumir isso. Muitos estão dando demonstrações, assumindo as Frentes de Missão.

Enfatizo que a Comunidade de Vida é essencial, uma vez que ela perpetua o carisma. Ela é o sal de toda essa grande comunidade, que hoje se espalha como uma grande família

Canção Nova: uma obra de Deus

Canção Nova. A Comunidade de Vida é a luz que ilumina, mostra, aponta, como um farol à beira-mar.

A Comunidade de Vida é guia e fermento, e precisa ser firme e de têmpera, pois ela é o sal. Jesus disse: “se o sal perde a sua força não presta para mais nada, a não ser para ser jogado fora e ser pisado pelos homens”. Então, porque somos sal, luz e fermento, somos essenciais.

No entanto, a beleza não está na bola de fogo que é o Sol, como já mencionei, mas sim nos planetas, ou seja, na Comunidade de Aliança. Ela está inserida na realidade do mundo, é o nosso braço alargado, que pode ir, estar e atuar em lugares que não somos capazes de ir e de sermos presença. A Canção Nova não é o único meio, mas somos um meio eleito e privilegiado por Deus.

Sempre me impressionou o que Paulo VI diz no *Evangelii Nuntiandi* e como ele exalta os meios de comunicação, dizendo que por eles podemos chegar ao infinito, levar o Evangelho a toda criatura, ao mundo inteiro: “não só o uso dos meios é eficaz. É preciso também a presença, pessoa a pessoa, tu a tu, corpo a corpo”. Deus nos dá essa possibilidade por meio da Comunidade de Aliança. Porque somos como um arco-íris, com cores variadas, e o que torna lindo o arco-íris é exatamente a variação das cores, pois se fosse de uma única cor, não teria graça. Nós, que estamos na forma de Comunidade de Vida, temos uma cor. Os que estão na Comunidade de Aliança têm outra cor. Mas não olhemos para os nomes, se

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

for preciso, Deus dará os nomes. Os engajados possuem uma cor, os compromissados têm outra, os amigos outra, os nossos benfeitores outra. E os que vestem a camisa conosco, de tantas formas, têm outra cor. Hoje somos uma grande família. O Canonista que nos orientou em nosso Reconhecimento Pontifício me disse: “Monsenhor Jonas, o senhor não percebeu que a Canção Nova não é mais uma comunidade, ela é realmente um movimento”. Fui obrigado a concordar com ele e, cada vez mais, estou tomando consciência de que nos tornamos um grande movimento, e que somos responsáveis por ele. Quantas pessoas de países diferentes aspiram e querem ser Canção Nova.

Diante de tudo isso, algo lindo está nascendo nesse movimento Canção Nova, os Núcleos Canção Nova: pessoas que amam esta obra, que conhecem, que a apreciam, que não estão na comunidade, mas se dispõem a trabalhar por ela. Nos lugares em que os meios de comunicação são inacessíveis e não há missionários, estas pessoas fazem tudo com o próprio dinheiro, ou seja, a Fundação não investe em nada. São pessoas que lutam de todas as formas por mais retransmissoras e que elas funcionem bem, para que a rede Canção Nova cresça. Elas se responsabilizam por tudo gratuitamente, pedindo uma única coisa em troca: formação. Elas querem ser formadas ao estilo Canção Nova, sem a pretensão de serem Canção Nova, na verdade, querem, mas talvez não saibam disso. Muitas já recebem todos os meses uma formação comunitária.

Canção Nova: uma obra de Deus

Hoje, temos vários núcleos da Canção Nova, que, mesmo sem casa de missão, estão retomando os trabalhos em Vacarias, Bauru e Nova Esperança. Outros casos, como o de Gravatá e Itabuna, a Comunidade de Aliança e os engajados assumiram toda missão.

E quais são as missões que estão prosperando? São aquelas que têm uma forte Comunidade Canção Nova na forma de Aliança, engajados, amigos... Essas pessoas são instrumento de Deus para a missão prosperar com sucesso. Essa é a nossa grande família, por isso digo novamente: “Ninguém pode afrouxar!”.

Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito. Com efeito, o corpo não é feito de um membro apenas, mas de muitos membros. Se o pé disser: “Eu não sou mão, portanto não pertenço ao corpo”, nem por isso deixa de pertencer ao corpo. E se o ouvido disser: “Eu não sou olho, portanto não pertenço ao corpo”, nem por isso deixará de pertencer ao corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se o corpo todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? (1Cor 12,12-17).

Canção Nova nos seus vários estados de vida e pertença

A verdade é que somos um corpo em que cada membro tem a sua função definida, e, exercendo bem essa função, contribuirá para a harmonia do todo. Se o fígado não mais produzisse a bÍlis, modificaria o funcionamento de todo o organismo. Assim somos nós na comunidade, uns são chamados à Comunidade de Vida, outros à Comunidade de Aliança, amigos, engajados etc. É preciso que cada um desempenhe a função a qual Deus o chamou. Isso o fará verdadeiramente Canção Nova. Florir onde Deus o plantou.

12. Sou serva do Evangelho (Testemunho de Luzia)

Como jovem, casei-me no dia 26 de setembro de 1972, ficando viúva com quarenta dias de casada.

Morávamos num lugar onde, à tarde, parecia não existir uma “viva alma”. Apenas via os blocos de apartamentos. Os homens, nesse horário, deveriam estar na base aérea.

Costumava passear na calçada e, numa dessas tardes, falei para Deus: “Senhor, minha maior sede hoje é ser para os outros. Não sei como isso se dará nesse deserto de apartamentos, onde não vejo ninguém, mas me ofereço e me consagro aqui e agora”.

Foi como se eu me dobrasse diante de Deus. E continuei: “Minha vida não me pertence, é sua”. Fiz muitas orações de consagração e de entrega naquelas calçadas. Dizia: “Senhor, faça-me para seu povo”.

Canção Nova: uma obra de Deus

Naquela época, eu ainda não era capaz de entender. Logo em seguida, Nonô, meu marido, morreu, e foi por meio dessa morte que conheci a Deus verdadeiramente.

Acredito que as maiores conversões vêm por meio da dor. Minha conversão foi mesmo para valer. Nonô morreu em novembro de 1972 e, no mês de janeiro seguinte, já sentia que minha vida não era para ser jogada fora. Estava com 23 anos e sentia que devia me entregar totalmente a Deus. Para mim, Deus se fazia presente nas pessoas, no povo. Por isso prestei vestibular para serviço social e comecei a estudar em Taubaté.

Em maio, fiz meu primeiro encontro de jovens. Lembro-me de que fui encaminhada por Dona Geni, de Lorena. Sempre falo dela com carinho. Naquela época, eu era catequista e, quando fiquei viúva, para que não ficasse desocupada, ela me ofereceu uma vaga no jardim de infância, como voluntária.

Fui encaminhada por ela àquele encontro de jovens em maio de 1973. Foi lá que conheci padre Jonas (hoje, Monsenhor Jonas). Acredito que tenha começado naquele momento minha história no serviço do Senhor.

Era uma viúva muito jovem, por isso as senhoras de Lorena me procuravam e diziam: “Lu, você tem de se casar. Você é jovem. Onde já se viu isso?”. Sinto que toda a minha caminhada foi uma briga entre “o que Deus queria de mim” e o que as pessoas “achavam que era bom para mim”.

Sou serva do Evangelho

Isso sempre foi uma batalha, um desafio muito grande. Por ser jovem e viúva, não acreditavam muito em mim. Lu: viúva, jovem, carente. Então, sempre passei por essa caminhada difícil, de descrédito das pessoas.

Apesar de nunca ter sido ambiciosa, havia dentro de mim a evidência de que eu iria muito longe e que não podia parar por causa do que as pessoas pensavam de mim. Acho que foi também por isso que o Senhor me escolheu para começar o serviço com Pe. Jonas.

Naquele tempo, estava iniciando a Renovação Carismática Católica em nossa diocese. Não havia muitas pessoas disponíveis. Os mais antigos se lembram disso: eu tinha um carrinho (um fusca branco – o Francisco) sempre disponível. Fazia faculdade à noite e trabalhava, mas estava sempre disponível.

Lembro-me bem da primeira vez que entrei numa estrada de rodagem. Padre Jonas telefonou para minha casa e disse: “Lu, estou indo confessar em Bananal esta noite. Você poderia me levar?”. Era uma noite muito escura, mas respondi que o levaria.

Fui com padre Jonas e, na volta, veio conosco padre Sebastião, da cidade de Queluz. Já era mais de uma hora da manhã e, apesar de ser a primeira vez, deu tudo certo, graças a Deus. Tornei-me, assim, uma ótima motorista; ia para todo o lado, pois não havia mais quem o fizesse.

Canção Nova: uma obra de Deus

Começou a partir daí minha cruz. Por quê? Jovem, viúva, viajando com o padre pra lá e pra cá. As pessoas me achavam sem juízo. Mas dentro de mim algo dizia que eu precisava ir em frente, falassem o que falassem.

Isso foi muito importante em minha vida. Várias vezes papai e mamãe chegavam até mim e diziam: “Minha filha, o importante é o que você está fazendo. Vá em frente!”. Eles nunca duvidaram de mim. Sempre me acolheram do fundo do coração.

Convivendo com padre Jonas, que sempre foi um homem de profunda oração, aprendi a rezar. O que sou hoje, posso dizer que foi porque estive ali, “aos pés” dele. Não é isso que diz o livro do Sirácida?: “Ao contrário, freqüenta quem é temente a Deus, todo aquele que souberes que observa os mandamentos” (Eclo 37,15).

Tive a graça de estar “na soleira” de padre Jonas. Mas, ao mesmo tempo, carreguei uma cruz por causa da incompreensão.

Com isso, graças a Deus, o próprio Senhor levava-me para o amadurecimento na fé. Ninguém amadurece na brincadeira. Deus não dá vida fácil para ninguém. Não pensemos que, ao começarmos o serviço do Senhor, será tudo colorido e bonito. Pelo contrário: “Filho, se te apresentas para servir a Deus, [...] prepara tua alma para a provação” (Eclo 2,1).

Só hoje percebo isso. No passado, muitas vezes passei por crises de autopiedade: “Eu sou a coitadinha, ninguém

Sou serva do Evangelho

gosta de mim, ninguém me compreende”. Passei também por muitas crises de rejeição.

Graças a Deus, não sinto mais que sou agressiva. Tenho paz dentro de mim. Mas houve época em minha vida em que eu era muito agressiva com as pessoas. Era uma forma de extravasar toda a rejeição que vinha dos outros.

Aos poucos comecei a entender. Na Comunidade Canção Nova, fui entendendo que essa rejeição tinha de ser curada. Minhas virtudes, meus talentos, minhas riquezas tinham de ser expostos. Se estava a serviço do Senhor, tinha de estar com os olhos nisso e não naquilo de que as pessoas não gostavam. Esse tempo demorou, foi doloroso, difícil. Machuquei muita gente e fui machucada.

História escrita com a vida

Posso dizer e atestar o que padre Jonas falou: tudo o que somos hoje, na Canção Nova, é resultado da vida. Primeiro, algo foi vivido por nós e, em seguida, tornou-se uma regra de vida. Tudo foi a partir da nossa vivência.

O *viver reconciliado* é, para mim, a caminhada mais dura e mais bonita da Canção Nova, mesmo naqueles momentos mais difíceis em que temos vontade de largar tudo.

Houve momentos, em Queluz, em que arrumei as malas e disse que ia embora da Canção Nova. Depois, com as

Canção Nova: uma obra de Deus

malas prontas, voltei e as desfiz dizendo que ia ficar. Digo sempre ao padre Jonas que muitos ficaram porque eram bem recebidos e bem acolhidos; mas digo que fiquei por teimosia. Penso que Deus ama essa minha teimosia.

Dizem que há um santo que não foi aceito no seminário. Ele chegou um dia para Deus e falou: “Senhor, sei que ninguém me aceitou, mas vou ficar aqui porque, aceite ou não, eu estou aqui”. Foi isso que o santificou. Essa teimosia dele com Deus era o que o fazia seguir em frente. Acredito que comigo tem sido sempre assim.

Uma palavra que marcou nossa vida foi esta: “Não será com a força nem com o poder e sim com o meu espírito” (Zc 4,6b).

No início da Canção Nova, perguntávamos: “Para que o Senhor nos reuniu?”. Ele não reuniu jovens, moças e rapazes só para vivermos juntos, havia um objetivo.

Então, o que fizemos? Morando na rua Dom Bosco, nº 95, em Lorena, achamos que Deus nos queria trabalhando com drogados. Começamos, junto com o padre Mauro, esse trabalho. Atendíamos moças drogadas, prostitutas e as levávamos para nossa casa. Lá elas dormiam, eram cuidadas e aconselhadas. Achávamos lindo! Começamos a pensar que Deus fosse nos levar por esse caminho: instalar uma casa de recuperação para drogados!

Aconteceu que, logo em seguida, começamos a sentir o insucesso. Aquele trabalho não era para nós. Graças a Deus,

Sou serva do Evangelho

tivemos alguns resultados bons, mas percebemos que era um projeto da nossa cabeça. Como naquela época começavam a surgir as obras de recuperação de drogados na Renovação Carismática Católica, pensamos em fazer também uma obra de recuperação na Canção Nova. Começamos. Mas logo fomos percebendo que não éramos chamados para esse tipo de trabalho.

Aprendemos com isso que a Canção Nova, como qualquer obra de Deus, não é um projeto humano. Não somos nós que escolhemos. Não foi padre Jonas quem reuniu o time e disse: “Vamos trabalhar com isto”.

Fizemos um projeto muito bem elaborado de evangelização na Serra da Bocaina e o apresentamos ao nosso bispo. Graças a Deus, ele nos pediu que esperássemos. Também esse era um projeto nosso. Não tinha ainda chegado o projeto de Deus.

O que quero dizer com isso é que a Canção Nova é um dom de Deus. Ela não foi um projeto da cabeça do padre Jonas.

Ele mesmo disse que não fazia projeto para a nossa formação, muito menos planejava sobre o que realizaríamos. O próprio Senhor é que foi nos conduzindo a partir dos acontecimentos. Planejamos até fazer uma casa de recuperação, mas esse tipo de trabalho Deus já destinara para outros chamados a esse ministério e não a nós.

Deus foi orientando-nos, pelos fatos, ao nosso carisma, ao nosso chamado para os meios de comunicação social.

Canção Nova: uma obra de Deus

Nisto inclui-se algo que é muito importante: na Canção Nova sempre está o “sim, não e espere” em todas as coisas. Há momentos em que Deus nos responde imediatamente: é o “sim”. Noutros, Ele nos faz suportar sua demora: é o “espere”. Mas há também aqueles em que Ele nos diz: “Não”, que, por ser forte, sofreremos; mas é preciso acolher também o “não” de Deus.

Assim, chegamos à conclusão de que nossa história, da Canção Nova, nosso dia-a-dia, é o viver do Evangelho. E é muito simples. Vivemos a essência do Evangelho. Estamos aprendendo a encarná-lo em nossa vida individual e comunitária.

Muitas vezes é duro sentir Deus dizendo “não”, é incompreensível e nos revoltamos. Pobre padre Jonas, ele sofre conosco, porque ele vê mais longe e, se não enxerga, pelo menos crê. Nós, não: nossa visão é curta.

Por andarmos atrás e orarmos menos, ou por não sermos aquelas pessoas contemplativas e de profunda escuta, muitas vezes não entendemos o plano e nos revoltamos. Fraquejamos e facilmente desanimamos. Mas os que acreditam que *não é pelo poder nem pela violência que se cumprirá essa missão vão adiante.*

Há uma passagem bíblica que, para mim, retrata a Canção Nova.

Eliseu estava diante de uma situação muito difícil com seu servo, porque seus inimigos já estavam preparados; ele tinha a certeza da vitória. Veja só o que aconteceu:

Sou serva do Evangelho

Levantando-se ao amanhecer, o criado do homem de Deus saiu e viu o exército cercando a cidade, e os cavalos e os carros, e comunicou-lhe: “Ai, meu senhor, o que faremos?” Ele respondeu: “Não tenhas medo. Os que estão conosco são em maior número do que os que estão com eles”. Eliseu orou: “Senhor, abre-lhe os olhos, para que veja”. E o Senhor abriu os olhos do criado, de modo que ele viu a montanha cheia de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu (2Rs 6,15-17).

Nós temos caminhado assim. Muitas vezes padre Jonas vê a vitória. Ele sabe que nossos inimigos são muitos e fortes. Quando falo de inimigo é o inimigo mesmo: o demônio, que não quer a realização desta obra.

É preciso que com o Pe. Jonas os nossos olhos se abram e tenhamos a visão da fé.

Formada e amadurecida na fé

Deus tem me formado no dom da fé, porque vivo atenta e tenho sido testemunha dos acontecimentos. Sei que Ele tem aberto meus olhos a ponto de ver o inimigo vencido e anunciar que a batalha já está ganha pelo Senhor.

Lembro-me quando, em 1980, adquirimos a rádio. Padre Jonas chegou à capelinha de Queluz, cidade onde morávamos, celebrou a missa e disse: “Agora temos de pagar as

Canção Nova: uma obra de Deus

nossas dívidas e ainda trabalhar no aumento de potência da rádio. Vamos ter de enviar alguém para fazer campanha. Estou aqui com um plano, 'A Campanha dos Vinte Mil Cruzeiros.' Alguém dos nossos sairá para fazer a Campanha pelo sul de Minas, Vale do Paraíba e, se for preciso, até o Rio Grande, São Paulo, por aí afora”.

E ele acrescentou: “Essa pessoa é você, Luzia”.

Sair agora para pedir é fácil porque, graças a Deus, a Canção Nova é conhecida. Mas, naquela época, aqueles que acompanharam e viram sabem que era muito difícil!

Comecei por Guaratinguetá. Telefonei para Dona Cida. Primeiro chorei, dei “uma de vítima”, dizendo que sempre era eu.

Cheguei à casa de Dona Cida e pedi que me ajudasse: ela foi sempre uma pessoa muito ativa e trabalhava demais pela Canção Nova. Disse-me que conseguiríamos; fez uma lista e começamos por Guaratinguetá mesmo.

Dona Cida fez uma relação de pessoas desconhecidas por mim. Mesmo assim fomos. Estava muito contente, estimulada pelo entusiasmo de minha companheira.

Visitamos primeiro um comerciante. Entramos na loja, que era muito bonita, toda carpetada, e começamos a falar. Quando contei tudo ao dono da loja, ele me olhou bem e disse: “Menina, por que você não vai trabalhar?”. Ainda tentei ter um diálogo, uma conversa amável, mas ele voltou a dizer: “Não tenho tempo a perder”.

Sou serva do Evangelho

Você pode imaginar como saí daquela loja. Retornei à casa de Dona Cida, rezei, chorei e tirei uma palavra. Esta palavra direciona minha vida até hoje: “Simão respondeu: ‘Mestre, trabalhamos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, pela tua palavra, lançarei as redes’” (Lc 5,5).

É a palavra de Deus que nos convence, nos cura e impulsiona para a missão. Conservo-a ainda hoje no meu escritório. “Mas, pela tua palavra, lançarei as redes” (Lc 5,5b).

Naquele dia, logo de início, recebemos um “não”. Hávamos começado pelos ricos, mas fui enganada pelo pensamento humano: fui pela lógica.

Dona Cida pediu que eu dormisse em sua casa, já que no dia seguinte bateríamos na porta do “povinho da Renovação”.

Graças a Deus, ali começou uma grande vitória. Mais do que o dinheiro que entrou, foi uma vitória para o meu coração.

De lá segui para o sul de Minas, onde fui recebida por Tetê e Ana na cidade de São Lourenço. Eles me levaram até um gerente de banco que, ao me receber, pôs-se a criticar o padre Jonas: “Esse tal de padre Jonas Abib é um explorador. Já ouvi falar sobre ele. Só sabe ‘sugar’ dinheiro dos outros...”. Só que desta vez aquilo não me abalou. Sorri e tive ainda a coragem de conversar e falar de Deus para ele.

Depois de três dias de campanha, aquele mesmo gerente mandou me chamar e disse: “Aqui está o seu dinheiro. Não é

Canção Nova: uma obra de Deus

um empréstimo, é uma doação”. Vinte mil naquela época valia muito. Agradei-lhe e saí cheia de alegria e coragem.

Assim eu fui. Corri por este Brasil inteiro, pedindo. Sempre recebi o nome de “pidona”, mas sabia que não estava pedindo para mim. Graças a Deus, não precisava, contudo pedia ao Senhor.

Hoje, continuo pedindo para o Senhor e sinto grande alegria nisto! Não tenho mais vergonha! Sei que a obra não é minha, mas sim Dele: “*Lança a rede*”. Os grandes feitos e milagres têm acontecido. Depois de mim, vieram outros que fazem até melhor que eu; todos juntos somos testemunhas do cumprimento da palavra.

Os milagres acontecem de todas as maneiras. As coisas materiais vêm com muita rapidez. Até demoram um pouquinho, mas, quando confiamos e pedimos um transmissor que queima, um terreno, uma mesa, joga-se uma medalhinha, ora-se, confia-se e logo se realizam.

Na comunidade, principalmente, temos percebido que os milagres de Deus realizados em nossas vidas são muito maiores do que os que Ele faz com aparelhos e terrenos.

A diferença é que nos aparelhos é “zás-trás”. Já em nossas vidas temos de sofrer a demora de Deus. Isto é que é duro! Você tem de confiar que a batalha não é sua. Longe de seus olhos, está acontecendo aquilo que você não vê: Deus está realizando. Para mim, essa é a maior dureza na vida de comunidade.

Comunidade: obra de santificação

No dia-a-dia, você se depara com a realidade, com os fatos, que quase sempre são duros: o defeito de uma pessoa, a peça que quebrou, alguém que não fez o que você esperava. É a dureza na vida de comunidade! É uma obra de santificação!

Para mim, esta é a maior graça de quem vive na Canção Nova. Porque a obra de Deus em nossa vida é muito mais demorada do que Ele fazer funcionar um aparelho. Se você não tiver a visão das coisas do alto, o olhar naquilo que não se vê, você acaba “passando”, isto é, saindo da comunidade. É preciso crer que Deus faz e realiza mesmo sem você entender.

Tenho a certeza de que muitos que já “passaram” pela Canção Nova e foram embora, saíram porque não tiveram a paciência de ver a transformação dos irmãos, de uma situação ou de sua própria transformação, a superação de um problema.

É duro conviver com os fatos desagradáveis do dia-a-dia. Numa empresa, você cumpre sua carga horária e vai embora. Mas na comunidade não é assim; apesar de se separar o profissional do comunitário, tudo se passa no mesmo ambiente. Você fica o dia inteiro com problemas difíceis para resolver. Passar por essa prova, todos os dias, é uma obra de santificação. Mas é a mais bela obra do mundo.

Dou graças ao Senhor pela Canção Nova em minha vida, porque vejo nela uma obra de santificação. Vejo, a cada dia, a graça de arrepende-me dos meus pecados: os grandes e

Canção Nova: uma obra de Deus

também os pequenininhos. Penso até que meus irmãos me acham “sem-vergonha”, porque a toda hora estou pedindo perdão. Acho que eles pensam que não mudo de vida.

Mas é assim: não há outro caminho. Aprendemos a ser exigentes conosco. Não aquela exigência de ficar apontando o dedo para as próprias culpas. É a exigência do próprio Espírito que nos leva a uma contínua purificação.

Padre Jonas sempre nos fala: “A Canção Nova é feita para contribuir na renovação da Igreja. Não se trata de orgulho. Mas a Canção Nova traz o novo”.

Veja bem, padre Jonas precisou se desligar de sua congregação porque o Senhor colocava em seu coração algo novo que surgia. Foi muito duro, porque ele amava os salesianos! Lá tinha tudo, todas as seguranças, mas mesmo assim foi morrer com jovens que não tinham nada para oferecer.

Foi um novo desafio para ele: dar a oportunidade para que moças e rapazes iniciassem uma vida em comum. Naquela época era muito difícil!

Quando formamos a comunidade, em Lorena, muitas pessoas deram-nos nove meses para ficarmos grávidas. Os seminaristas passavam por ali e mudavam de calçada, porque “a rua Dom Bosco virou um prostíbulo”, diziam.

Ouvimos tudo isso e nossos pais também. Recordo-me de quantas pessoas, até muito justas, procuravam papai e mãe. Porém, padre Jonas nunca disse que voltaríamos atrás, porque isso não era de Deus. Ele ousou, porque já sentia que,

Sou serva do Evangelho

em nosso carisma, Deus queria homens e mulheres vivendo juntos, em sadia convivência, o que era novo para a Igreja.

Ele trabalhou nos documentos para oficializar a Canção Nova diante da Igreja, fato que ocorreu no dia 10 de março de 1995, com a APF (Associação Pública de Fiés). Não existia uma obra, uma congregação que tivesse homens e mulheres vivendo em comunidade como nós. Vários bispos disseram que ele escolheu o mais difícil. Escolheu, acreditou e está levando adiante, certo de que essa é a vontade do Pai .

A Canção Nova foi suscitada por Deus para trazer *o novo!*

Há algo que devo dizer: casei-me pela segunda vez, em 12 de maio de 1990, com Eto. Algum tempo depois de ter se separado de Amelinha, ele sentia que precisava de um acompanhamento e de confissão. Ia sempre a Aparecida confessar-se.

Lá, numa de suas confissões, contou sua história a um padre, que lhe perguntou se não conhecia o livro *Casamentos que nunca deveriam ter existido* (Pe. Jésus Hortal). Eto disse que não, e o padre o aconselhou a lê-lo, porque o casamento dele estava numa daquelas situações. Eto fez isso e começou o processo de nulidade de seu casamento.

O processo já estava caminhando quando padre Jonas disse para mim: “Lu, será que dá para você ajudar o Eto, revendo o processo dele e corrigindo o português? Ele não tem conseguido redigir bem”. Foi o que fiz.

Canção Nova: uma obra de Deus

Já conhecia Eto havia muitos anos e também Amelinha. Mas naquele momento entrei na história dele, no homem Eto, em tudo que tinha vivido como pessoa, como aspiração profunda. Comecei a entender e a querer conhecer mais. Passei a orar pela situação e por ele.

Após um tempo, ele entregou o processo e consagrou-o a Nossa Senhora, dizendo: “Seja feita a vontade de Deus, por meio de Maria. Que ela seja a advogada”. Continuei a ajudá-lo.

Dentro de meu coração, tinha dito ao Senhor que seria como a profetisa Ana. Em minha inocência e ingenuidade de querer me espelhar em alguém do Evangelho, identifiquei-me com ela: eternamente viúva no Templo do Senhor. Achava aquilo muito bonito, tanto é que fiquei dezessete anos viúva, pois não embarquei na primeira aventura que apareceu. Conheci moços bons, e padre Jonas brincava comigo dizendo que seria um “casamentão”. Mas ele conhecia bem o desejo que existia dentro de mim: ser fiel à vontade de Deus.

Porém, começou a nascer em mim um sentimento inexplicável por Eto. Não falei para ele nem para o padre Jonas. Apenas orei. Aquilo não era algo que vinha de sua aparência física ou de sua inteligência. Ao contrário, muita coisa era contraditória. Ele também começou a sentir o mesmo e contou ao Pe. Jonas. O padre disse que era muito sério: “Mas, com Lu ou sem Lu, a vontade de Deus vai se manifestar por meio da Igreja”. Disse que era para ele esperar, porque Deus daria a resposta por meio da decisão do Tribunal Eclesiástico, que é sempre muito sério.

Sou serva do Evangelho

Eto esperou quatro anos. Na Festa da Assunção de Maria, no dia 15 de agosto de 1989, o Tribunal Eclesiástico promulgou a nulidade. Ela advogou mesmo! Nesse tempo, Pe. Jonas nos acompanhou e viu quantas lutas enfrentei: por ser justamente Eto, por não querer, por não ter planos de casamento em meu coração. Achava que era muito mais fácil continuar viúva, pois já havia superado muitas coisas! Mas, quando Deus quer, sua vontade se cumpre.

Quando resolvemos enfrentar isso publicamente, padre Jonas nos disse: “Mais uma vez a Canção Nova faz aflorar o novo. Quantos casais estão aí, quantas pessoas infelizes, desquitadas, separadas, que não vêem uma esperança. Mas a Igreja é mãe, é misericórdia. Então, ela oferece uma porta”. E ainda: “Lu, mais uma vez você vai ser sacrificada! Mas enfrente porque, como você é conhecida e a Canção Nova também, e ela leva sempre o novo, muita gente será despertada pela vida de vocês. O casamento de vocês não será pela carne, porque conheço vocês dois, será pelo Espírito, para a edificação de muitos. Será um ponto de contradição. Haverá aqueles que, pela misericórdia de Deus, acolherão vocês, mas haverá os que jamais irão acolher. Rezem porque, se o Senhor os escolheu, não podem dizer não”.

Viver a evidência de Deus

Desde muito jovem, o Senhor pôs em meu coração que eu seria conduzida por sua evidência: não seria compreendida, mas seguiria em frente. Graças a Deus, nunca duvidei.

Canção Nova: uma obra de Deus

Sei que passei por tudo isso porque felizmente encontrei um homem de Deus em minha vida. Pe. Jonas é um homem de constante oração e tem me ensinado muito. Mesmo em momentos de grandes cruzes é na oração que tenho buscado forças.

Quantas vezes escuto pessoas falarem a respeito da Canção Nova, de mim e do Eto, e de muitas outras coisas... Mas Deus mesmo colocava em meu coração: "Não se guie por aquilo que as pessoas dizem. Guie-se unicamente pela minha evidência".

Quando, em Lorena, o pessoal "malhava" a Canção Nova, fui a dom João. Ele sempre foi meu confessor, desde pequena. Só depois é que busquei outros confessores, por falta de oportunidade. Disse-me: "Minha filha, se é de Deus, vai permanecer". Como Gamaliel, diante da prisão dos apóstolos, disse ao Sinédrio: "se este projeto ou esta atividade é de origem humana, será destruída. Mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los. Não aconteça que vos encontreis combatendo contra Deus!" (At 5,38-39).

Há momentos de contradição; não compreendemos. É preciso passar pela cruz também para que o novo venha, para que seja gerada essa Igreja cheia de vida, plena do Espírito.

Não devemos ter medo de viver o novo! Não devemos ter medo de ir em frente – mesmo que o mundo grite o contrário –, quando temos certeza de que é a vontade de Deus. Não é por teimosia, por vaidade ou ambição. Mas, se há outros ao

Sou serva do Evangelho

seu lado (aí está o valor da comunidade, do discernimento juntos), você pode ir em frente: pois a obra é do Senhor.

Uma palavra que tem me marcado, e também a Canção Nova, é a do livro de Joel. Ela acompanhou a Canção Nova durante muitos anos, e eu a tomei também para minha vida. É importante termos palavras que são evidências para nós:

Transmiti esta ordem entre as nações: “Preparai uma guerra santa! Vinde, avançai, guerreiros todos! Transformai os arados em espadas, as foices em lanças... O covarde, diga a si mesmo: ‘Sou valente!’ Correi, vinde todas, nações vizinhas, reuni-vos lá. Manda, Senhor, teus guerreiros! (Jl 4,9-11).

Em 1990, vivi uma situação muito difícil na Canção Nova. Experimentei o *viver reconciliado* como nunca havia acontecido até então.

Estávamos em preparação para uma espécie de “capítulo” da Canção Nova. Foi feita uma reunião, bem democrática, para decidir quem faria parte desse capítulo. Capítulo é uma reunião dos anciãos para ver tudo o que já se viveu e o que ainda será vivido.

Nessa reunião fizeram votações e meu nome não entrou. Por situações internas eu não fui incluída.

Fiquei muito revoltada porque, desde o primeiro dia, em 1974, quando fizemos a instituição da Associação Canção

Canção Nova: uma obra de Deus

Nova, eu estava lá. Foi um momento de “morte” para mim. Senti o quanto estava apegada à Canção Nova e à sua história. Eu a tinha como minha, pois a tinha gerado. Não aceitava a idéia de estar há tantos anos na comunidade e ter ficado de fora, enquanto outras pessoas, muito mais novas de casa, eram escolhidas.

Procurei pelo Pe. Jonas, fui até as meninas mais antigas que foram votadas e em quem eu tinha confiança, perguntando por que eu não tinha entrado. Não entendia, mas elas me diziam: “Lu, houve votação. Você não foi votada”.

Pe. Jonas me dizia: “Lu, meu coração doeu. Ficou partido. Você acha que se eu pudesse não escolheria você? Você que sempre esteve comigo? Mas, minha filha, fizemos uma votação de forma democrática”.

Fui tomada de grande angústia, o chão sumiu debaixo de meus pés. Mas então comecei a me render diante de Deus. Nessa rendição, o Senhor me falou: *“Eu faço cair todos os muros de sua vida, todas as suas seguranças e apoios”*.

Caminhando na chácara, tive uma imagem: estava num lugar todo cercado de muros muito grandes, e, naquele momento, todos os muros caíam. O Senhor me disse: *“Minha filha, você não é serva do padre Jonas. Você não é serva da Canção Nova, do Capítulo (da Comunidade). Você é serva de meu Evangelho”*.

Não consigo descrever bem o que aconteceu comigo. Só sei que saí dali chorando, louvando a Deus. Fui até o Pe. Jonas confessar-me, render-me diante de Deus, com uma alegria

Sou serva do Evangelho

interior muito grande. Deus estava me libertando. Fui correndo porque só tinha um desejo: confessar-me, render-me diante de Deus, perdoar a todos.

Após confessar-me, eu disse: “Pe. Jonas, a partir de hoje sou serva do Evangelho, não colocarei mais meu apoio nas pessoas. Mesmo que algum dia saia da Canção Nova, por algum motivo, não há muros para mim. Porque só o Evangelho é importante. Em qualquer lugar ou paróquia em que eu estiver, só importa o anúncio do Evangelho, servir a Deus. É isso que nos faz livres. É isso que nos faz guerreiros. Amar e servir a Deus nos irmãos em qualquer lugar”.

Ali ele tirou uma Palavra que comecei a viver: “Não esmoreçamos na prática do bem, pois no devido tempo colharemos o fruto, se não desanimarmos” (Gl 6,9).

Foi necessário passar por toda essa purificação e muitas outras rupturas para aprender a não pôr minha confiança em apoios humanos. Só fiquei com o essencial: “O zelo por tua casa me há de devorar” (Jo 2,17).

A partir desse fato, sinto que levantei vôo. Não existe para mim, hoje, qualquer coisa a que eu esteja apegada. Sinto que cresci muito com isso: na rádio, na TV, em meus trabalhos, orando pelo povo, viajando, dando a vida na comunidade.

Hoje, sinto que sou Canção Nova por dom, por carisma! Não estou apegada a ela ou às pessoas. Amo as pessoas, mas sei que meu amor, em primeiro lugar, é para Jesus. Sou serva do Evangelho. Por isso digo: a Canção Nova e o Evangelho

Canção Nova: uma obra de Deus

são a mesma coisa! Estamos a caminho! É uma obra de santificação! “Manda, Senhor, teus guerreiros!” (Jl 4,11b).

Nesta obra, como em qualquer obra do Senhor, é preciso ser valente. Nada pode nos barrar. Nem nossos pecados, nem os pecados de nossos irmãos, nem as decepções, nem os sofrimentos: “*Mesmo enfermos, somos guerreiros*”.

Vem, Senhor Jesus! Toca-nos com tuas mãos santas. Tu criaste cada um de nós para uma obra admirável, um plano maravilhoso. O Senhor tem realizado tantas maravilhas em cada um de nós! Toca-nos agora, Senhor! Maranathá – “Vem, Senhor Jesus!”

ANEXOS

O Reconhecimento Pontifício da Canção Nova

O que significa?

A missão Canção Nova se encontra não apenas no âmbito do território nacional, mas também no além-fronteiras. Esta internacionalização da comunidade mostrou o quanto ela está madura para dar início ao processo de seu reconhecimento junto à Santa Sé, tendo em vista que esta Obra de Deus já contribui com a evangelização em vários países.

Ser reconhecida como uma Associação Internacional de Fiéis significa estar a serviço da Igreja no mundo inteiro. Este ato comprova que a Santa Sé atesta a comunhão da Canção Nova com a Igreja e declara que ela realiza a sua missão com o sucessor de Pedro e os sucessores dos apóstolos, os bispos.

Canção Nova: uma obra de Deus

O reconhecimento canônico de uma associação significa também que a respectiva autoridade eclesial (bispo diocesano, conferência episcopal, Santa Sé) tomou conhecimento oficial da existência de uma associação de fiéis por meio dos estatutos que lhe foram apresentados – cf. cânon 299, §3: “Nenhuma associação privada de fiéis é reconhecida na Igreja, a não ser que seus estatutos sejam revisados pela autoridade competente”.

Tal autoridade, após examinar os estatutos da associação para constatar se o seu conteúdo segue a doutrina, a disciplina e a integridade dos costumes, se pronunciará sobre a autenticidade cristã-eclesial ou não dessa associação. Em caso positivo, os estatutos são reconhecidos (ou aprovados) e a associação é oficialmente acolhida pela Igreja como um dom de Deus.

Reconhecimento das associações privadas de fiéis

As associações privadas se constituem a partir de um acordo privado entre um grupo de fiéis que, em um ato livre, desejam juntos alcançar algumas finalidades próprias da missão eclesial. Para que uma associação possa ser reconhecida como tal pela Igreja, são necessárias basicamente duas coisas: que a sua finalidade esteja de acordo com o cânon 298, §1, e que seus estatutos sejam aprovados pela autoridade eclesial competente. Veja o que diz o cânon 298, §1:

Reconhecimento Pontifício da Canção Nova

“Na Igreja existem associações, distintas dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica, nas quais os fiéis, clérigos ou leigos, ou conjuntamente clérigos e leigos, se empenham, mediante esforço comum, para fomentar uma vida mais perfeita, ou para promover o culto público ou a doutrina cristã, ou para outras obras de apostolado, isto é, iniciativas de evangelização, exercício de obras de piedade ou caridade, e animação da ordem temporal com espírito cristão”.

Critérios

A Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, n. 30, indica cinco critérios dos quais a autoridade eclesial competente pode se servir para verificar a eclesialidade dos carismas dos novos movimentos e das novas comunidades. Em síntese, apresentamos aqui esses cinco itens. Confira:

1º - O primado dado à vocação de cada cristão à santidade, manifestado nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade. Nesse sentido, toda e qualquer agregação de fiéis leigos é chamada a ser sempre e cada vez mais instrumento de santidade na Igreja, favorecendo e encorajando “uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé”.

2º - A responsabilidade em professar a fé católica, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja

Canção Nova: uma obra de Deus

e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta. Por isso, toda a agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral.

3º - O testemunho de comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o bispo, “princípio visível e fundamento da unidade” da Igreja particular, e na “estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja”. A comunhão com o Papa e com o bispo é chamada a exprimir-se na disponibilidade leal em aceitar os seus ensinamentos doutrinários e orientações pastorais. A comunhão eclesial exige, além disso, que se reconheça a legítima pluralidade das formas agregativas dos fiéis leigos na Igreja e, simultaneamente, a disponibilidade para a sua recíproca colaboração.

4º - A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja, que é “a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências, de modo a conseguir permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes”. Nesta linha, exige-se de todas as formas agregativas de fiéis leigos, e de cada uma delas, um entusiasmo missionário que as torne, sempre e cada vez mais, sujeitas a uma nova evangelização.

5º - O empenho de uma presença na sociedade humana, que, à luz da doutrina social da Igreja, se coloque a serviço da dignidade integral do homem. Assim, as agregações dos fiéis leigos devem converter-se em correntes vivas de participação

Reconhecimento Pontifício da Canção Nova

e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade.

Tais critérios são levados em consideração pela Santa Sé para o reconhecimento pontifício de uma associação de fiéis.

Estatutos

Os Estatutos são o conjunto de normas e regras que disciplinam o funcionamento e o crescimento de uma associação. Uma vez aprovados, eles só podem ser modificados com a permissão da autoridade eclesiástica que os ratificou. Por também possuírem a função de proteger e garantir a eclesialidade do carisma de uma associação de fiéis, eles devem traduzir as riquezas próprias deste [carisma] em forma de normas.

Caso seja necessário, a associação deverá redigir um diretório (regulamento interno), cuja função é ajudar os membros a compreender e a realizar as normas dos Estatutos, aplicando-as à vida da associação. O diretório não precisa ser aprovado pela autoridade eclesiástica; contudo, não pode entrar em contradição com as normas dos referidos Estatutos.

O Estatuto é a carta de identidade de uma associação. Como já afirmamos, ele é aprovado *ad experimentum*, ou seja, durante um período de cinco anos. O Conselho Pontifício para os Leigos procurará constatar se, de fato, as normas contidas nesse documento traduzem a riqueza do carisma Canção Nova e também procurará perceber se os membros da

Canção Nova: uma obra de Deus

comunidade estão sendo fiéis na realização dessas normas. É um tempo também oportuno para que a comunidade possa fazer a sua verificação, de modo a constatar se esta é ou não sua carta de identidade.

O que muda?

O Reconhecimento Pontifício da Canção Nova significa que a sua missão estará a serviço não somente da Igreja local (arquidiocese ou diocese), mas a serviço da Igreja no mundo inteiro. Mas o que muda? Por um lado, não muda muito no sentido do que os missionários devem buscar em Deus, que é a graça de permanecer fiéis ao carisma confiado a eles pelo próprio Senhor. Por outro lado, muda muita coisa: o reconhecimento deve ser visto como um convite à responsabilidade pelo dom confiado por Deus, o qual deve servir para a edificação da Igreja e para o bem do mundo.

O Reconhecimento Pontifício serve como garantia de que determinada agregação de fiéis é um membro vivo da Igreja de Cristo e que possui um carisma próprio, participando, em comunhão com todo o corpo eclesial, da única missão que a Igreja recebeu de Cristo.

Certamente se abre para a Comunidade Canção Nova um tempo muito fecundo de maturidade eclesial e de expansão internacional, no qual precisará mais do que nunca mostrar o ardente amor que Deus colocou nos corações de seus membros pela Igreja Católica.

Relação com a hierarquia da Igreja

Bento XVI, o sucessor de Pedro, reconhecerá a Canção Nova como Igreja.

No Reconhecimento Pontifício da Canção Nova ocorrerem dois atos contemporaneamente. Em primeiro lugar, a comunidade passa de uma associação de fiéis de direito diocesano para uma associação internacional de direito pontifício, ou seja, ela é reconhecida como um dom de Deus, um carisma útil e necessário para o bem da Igreja e do mundo. Um carisma cuja missão é uma graça não somente para uma diocese ou uma Conferência Episcopal, mas para a catolicidade, para a Igreja Universal. Um carisma que passa a participar do ministério apostólico do Santo Padre. Inaugura-se, portanto, um tempo novo da relação entre esta agregação eclesial e a Igreja Universal.

O segundo ato a ser destacado é a aprovação dos estatutos da Comunidade Canção Nova por parte da Santa Sé. Cabe, de modo particular aos Pastores da Igreja, a missão de discernir os carismas suscitados pelo Espírito para que, de fato, sejam dons para a edificação da Igreja. Os Pastores devem, portanto, regular o direito de associação dos fiéis, segundo a legislação canônica em vigor, e não segundo suas preferências ou gostos pessoais.

O saudoso papa João Paulo II, ao falar aos membros dos movimentos eclesiais e das novas comunidades na famosa vigília de Pentecostes (1998), motivou essas novas agregações

Canção Nova: uma obra de Deus

eclesiais, afirmando a importância de garantir a autenticidade do carisma e a sua proteção. “É fundamental que cada movimento se submeta ao discernimento da autoridade eclesial competente. Por isso, nenhum carisma é dispensado do referir-se e da submissão dos pastores da Igreja”.

Outro texto que descreve a missão dos membros da hierarquia eclesial em relação ao apostolado dos leigos e leigas encontra-se no decreto do Concílio Vaticano II *Apostolicam Actuositatem*, n. 24: “Compete à hierarquia fomentar o apostolado dos leigos, fornecer os princípios e os auxílios espirituais, ordenar para o bem comum da Igreja o exercício do mesmo apostolado, e vigiar para que se conservem a doutrina e a ordem”.

É importante saber que o processo do reconhecimento pontifício segue, em geral, as seguintes etapas:

– Após a entrega do estatuto e o pedido da aprovação da comunidade por parte do fundador ao Conselho Pontifício para os Leigos, este mesmo dicastério submete o estatuto à análise de alguns canonistas;

– Assim que receber parecer positivo, o estatuto é entregue à Congregação para a Doutrina da Fé, cuja responsabilidade é também verificar a ortodoxia do estatuto canônico da associação de fiéis, ou seja, se o estatuto está de acordo com a integridade da fé e da moral, como também da disciplina da Santa Igreja Católica;

– No decorrer do processo, pode ser que uma determinada instância peça ao fundador a modificação de um ou mais

Reconhecimento Pontifício da Canção Nova

pontos do estatuto, caso exista algo que não esteja de acordo com as exigências da Santa Sé e/ou não esteja de acordo com a legislação comum (por exemplo, direitos dos membros que não estão sendo devidamente contemplados no estatuto; ou indevida concentração de poder nos órgãos de governo);

– Feitas as devidas correções e após parecer positivo da Congregação para a Doutrina da Fé, a associação de fiéis deve aguardar o decreto da Santa Sé, declarando-a Associação Privada Internacional de Fiéis. Mesmo com tal reconhecimento, o estatuto será aprovado em caráter experimental, *ad experimentum*, ou seja, por certo período de tempo.

Brasão

O brasão da Canção Nova pretende, em um único símbolo, tornar presentes os elementos fundamentais da vida e da espiritualidade da Associação de Fiéis, que recebe agora o Reconhecimento Pontifício. Ele tem a forma, tradicional na heráldica, de um cálice. Ladeado pelos símbolos eucarísticos, o trigo e a uva (folhas de parreira) querem acentuar a nota primeira e principal de sua espiritualidade: a eucaristia.

“A Canção Nova é um território eucarístico”, afirma Monsenhor Jonas Abib. Os estatutos da comunidade, capítulo dois, também apontam esta tendência: “O caminho espiritual da Canção Nova é alimentado pela Eucaristia reconhecida na celebração e na adoração cotidiana como fonte e vértice de toda a vida”.

Canção Nova: uma obra de Deus

O brasão apresenta um escudo azul, partido em prata (branco), sobre o qual se sobrepõe a cruz heráldica simples, em ouro. A área superior do escudo (em heráldica a mais nobre) traz uma estrela em azul no ângulo esquerdo (à direita de quem olha) e, na parte inferior, foi colocado o símbolo tradicional da Canção Nova.



Brasão oficial da Comunidade Canção Nova

A posição central ocupada pela cruz recorda a centralidade absoluta de Jesus Cristo e do mistério da Redenção na vida e missão desta Obra de Deus – é da cruz que brotam todas as graças, das quais a comunidade pretende ser testemunha e portadora. Associando-se a Jesus no mistério de sua cruz, a Canção Nova quer testemunhar a realeza do Ressuscitado

Reconhecimento Pontifício da Canção Nova

(representada pela cor dourada), para que nele todos possam ter vida em abundância.

O azul e a prata são cores tradicionalmente associadas à Santíssima Virgem, Mãe e Mestre da Canção Nova. O azul recorda também “as águas mais profundas”, às quais o Servo de Deus, papa João Paulo II, fazendo eco às palavras do Senhor (Lc 5,4), impulsionava os fiéis rumo a uma nova evangelização. O próprio escudo lembra discretamente a proa de um barco que avança em alto-mar: “Não dá mais pra voltar, o barco está em alto-mar; (...) o mar é Deus, e o barco sou eu”.

A simbologia mariana está também presente na estrela. Com efeito, segundo uma etimologia tradicional recordada por São Bernardo, o nome Maria significa “estrela”, sendo a Virgem comumente invocada como “Estrela que guia no alto-mar” (*Stella Maris*) e “Estrela da manhã” (na Ladainha lauretana). Recorda ainda, de um modo especial, o título “Estrela da Evangelização”, com o qual o papa Paulo VI designou a Virgem na encíclica *Evangelii Nuntiandi*, obra que inspirou a fundação da Canção Nova.

O brasão apresenta, por fim, o conhecido e amado símbolo da Canção Nova: as mãos postas em oração, a pomba do Espírito e o violão, que expressam o desejo de seus membros de cantar para o Senhor um cântico novo, uma canção nova. Na faixa colocada abaixo aparece o distintivo (em linguagem heráldica, o mote) e a palavra inspiradora da comunidade, escrita em latim: *Euntes ergo evangelizare* (Ide (pois) evangelizar).

Canção Nova: uma obra de Deus

O lema inspira-se nas palavras de Jesus, conclusivas do Evangelho de São Mateus (28,19), e alude à encíclica *Evangelii Nuntiandi*, como já mencionado, obra inspiradora da Canção Nova. Apresenta também o número dos anos da fundação (1978) e do reconhecimento pontifício (2008) da associação.

Pe. Wagner Ferreira

Palavra do Fundador

O reconhecimento pontifício da Canção Nova é, para mim, um ponto de chegada maravilhoso. Deus é sempre providente, pois a aprovação dos nossos estatutos acontece exatamente quando completamos 30 anos de história. Jesus Cristo viveu 30 anos de uma vida simples, como qualquer outro homem, mas, quando chegou a essa idade, foi batizado no Espírito Santo, nas águas do Rio Jordão, e começou a sua missão.

Deus está enviando a Canção Nova, agora, para a sua missão pública. Pergunto a Maria: “O que Deus fará agora?”. O Senhor já fez tanto por nós, já foram tantas as graças e vitórias alcançadas, mas como sempre Ele nunca mostrou a grandeza da obra que deseja fazer. Posso afirmar apenas que estou com o coração alegre e à disposição do Senhor.

Outro fato interessante da providência de Deus é o reconhecimento acontecer na primavera. Na Canção Nova, a

Canção Nova: uma obra de Deus

primavera é marcada como o tempo das surpresas, e é a própria história que comprova isso. Tudo se renova para nós nessa época e é isso que esperamos do reconhecimento. Deus é fiel e fará em nós uma grande renovação, nos dará ainda mais ardor para a nova evangelização.

Não serviremos unicamente ao Brasil, porque a Igreja nos aprova e nos abre as portas para o mundo. É uma alegria muito grande para o nosso coração, mas é também muita responsabilidade para toda a família Canção Nova. Evangelizar, no mundo de hoje, é a grande necessidade da Igreja.

No início da comunidade, não podíamos imaginar tudo o que Deus faria conosco a partir daquele momento, mas começamos com determinação e generosidade. Quando se semeia vida, os resultados são imprevisíveis. Foi o que aconteceu conosco. Deus precisava de uma companhia de pesca para pescar homens. Com a mesma convicção de Pedro, dizíamos ao Senhor: “Firmados na tua palavra, nós lançaremos as redes”.

Não sou ainda tudo o que Deus quer que eu seja, mas não sou mais o mesmo. Busco diariamente, no poder do Espírito Santo, a força para realizar a missão, que é a Canção Nova. O reconhecimento não é apenas nosso [membros da comunidade], e sim de toda a família Canção Nova. Essa conquista, essa vitória, pertence a você que nos acompanha e nos ajuda.

A Canção Nova é uma graça, e graça é acontecimento que vem do céu. Embora eu esteja na sua base, foi Deus quem

Palavra do Fundador

quis, foi uma iniciativa dele. Nossa missão é proporcionar aos homens uma experiência com o Senhor, e isso acontece através dos meios de comunicação e dos encontros.

O que a Canção Nova tem de mais forte são os meios de comunicação. O restante são estruturas que qualquer comunidade poderia ter. Temos a graça de possuir os meios que Deus nos deu e comunicar um Senhor vivo e vivenciado por nós. É o presente que o mundo mais almeja, porque isso corresponde à sua maior necessidade.

Monsenhor Jonas Abib

Palavra da Co-fundadora

Vivemos um novo tempo. Foram 30 anos de evangelização. Como uma criança, começamos engatinhando e, depois de um tempo, a caminhar sozinhos. Até agora tudo foi como um ensaio, uma preparação; daqui para frente, o Senhor nos chama à maturidade no carisma Canção Nova. Podemos dizer que é agora, com o reconhecimento pontifício dos nossos estatutos, que iniciamos a nossa missão.

A Canção Nova foi engatinhando com muita luta, raça, coragem e lágrimas. Esse reconhecimento é como o pai que solta a mão da criança para que ela possa avançar, correr e ser livre. Essa aprovação é uma grande porta que Deus abriu para nós. Se até hoje estávamos pelos ares do mundo inteiro por meio do Sistema Canção Nova de Comunicação, agora estaremos também, com nossos missionários, em todos os cantos com o selo da Igreja.

Canção Nova: uma obra de Deus

Não sei definir como me sinto diante dessa nova realidade. Ora me vem a sensação de que sou uma menina que não é capaz de compreender toda a grandeza do Senhor, ora me sinto como se estivesse anestesiada. Estamos assumindo uma responsabilidade muito grande, pois esse reconhecimento do Santo Padre é Deus dizendo: “A Canção Nova é uma obra minha”.

Não vamos mais precisar brigar pelo nosso espaço, uma vez que seremos guiados pelo sopro do Espírito Santo. Com o reconhecimento, a Igreja nos dá liberdade para evangelizar em todos os lugares para onde formos convidados ou aonde Deus nos conduzir. Não mediremos esforços para levar a Palavra de Deus a todos os confins da terra.

Nossas missões tendem a crescer ainda mais agora, pois a messe é muito grande. Onde houver possibilidade técnica e recursos financeiros, seguiremos para lá. Não existem fronteiras para a Canção Nova. Em tempos tão difíceis, nos quais Deus está sendo abolido das mentes dos homens, a comunidade [Canção Nova] precisa levar Jesus Cristo a todas as nações. E é exatamente isso que faremos. Como gosto de dizer: “Vamos em frente porque atrás de nós há muita gente para conhecer, amar e seguir o Senhor”.

Para concluir, quero apresentar uma pequena história que resume tudo o que citei aqui:

Um escritor caminhava por uma praia quando avistou alguém que, em forma de dança, pegava estrelas-do-

Palavra da Co-fundadora

mar, uma a uma, e as jogava de volta nas águas. Curioso, fez uma pergunta:

– Por que fazes isso?

O homem respondeu:

– Estou jogando estrelas de volta ao mar.

O escritor, equivocando, continua:

– Mas como, com milhares de estrelas, e você querendo salvar algumas?

O homem, em silêncio, abaixou-se tomando uma estrela nas mãos e, com mão forte, jogou-a no mar dizendo:

– Para esta fez diferença!

O escritor ficou tão impressionado que não dormiu naquela noite. No dia seguinte estava ali, com aquele homem, jogando estrelas no mar. Já não era apenas um, mas dois.

Uma visão sem ação é apenas um sonho; uma ação sem visão é apenas um passatempo; mas uma visão com ação pode mudar o mundo! Mais do que salvar estrelas-do-mar, há milhares de irmãos esperando por nós da Canção Nova. Como consagrados na missão de evangelizar, queremos ser incansáveis, porque a Igreja nos ensina que basta começar, porque Jesus, como o primeiro, nos dá a lição: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura” (Mc 16,15).

Luzia Santiago

Decreto do Reconhecimento

(Documento oficial da aprovação)

Segunda-feira, 3 de novembro de 2008.

A Comunidade Canção Nova foi fundada em 2 de fevereiro de 1978 por Monsenhor Jonas Abib, sacerdote da diocese de Lorena (SP), empenhado na Pastoral Juvenil sobre o convite dirigido, dois anos antes, pelo seu ordinário, Sua Excelência Dom Antônio Afonso de Miranda. O bispo, de fato, estava fortemente tocado pelo conteúdo da exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* do servo de Deus João Paulo VI, em particular pela última parte, do número 44. Observa-se que as condições atuais tornam cada vez mais urgentes o ensinamento catequético sob a forma de um catecumenato para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem, pouco a

Canção Nova: uma obra de Deus

pouco, o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de doar-se a Ele.

Essa agregação de fiéis nasce, portanto, da necessidade de evangelizar e encorajar o aprofundamento da fé, favorecendo a redescoberta do sacramento do Batismo, via privilegiada para o encontro com Jesus Cristo por meio da promoção de diversas atividades formativas destinadas a jovens e adultos. Entre os instrumentos de evangelização, a Canção Nova privilegia os meios de comunicação social, mas se vale também de muitos outros meios que favorecem a participação na missão da Igreja. Como se lê no estatuto, a Canção Nova se propõe à formação de homens e mulheres novos capazes de trabalhar para um mundo novo mediante o empenho na evangelização da sociedade contemporânea, segundo as perspectivas indicadas pela exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, artigo 3.

A Canção Nova foi reconhecida como Associação Diocesana de Fiéis no dia 10 de março de 1995 por sua excelência Dom João Hipólito de Moraes, então Bispo de Lorena (SP). O Concílio Ecumênico Vaticano II, como também o magistério pós-conciliar, deram especial atenção às formas agregativas de participação na vida da Igreja, manifestando, nos seus afazeres, uma profunda estima e consideração.

Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Atus Estate*, número 18,19 e 20, e também exortação apostólica pós-sinodal *Christi Fidelis Laici*, número 29. Do mesmo modo, no início do terceiro milênio, o Servo de Deus papa João Paulo II quis sublinhar a importância de promover as várias realidades

Decreto do Reconhecimento

agregativas, seja nas formas mais tradicionais como também nas novas formas, nos novos movimentos eclesiais, que continuam a dar à Igreja uma vivacidade, que é dom de Deus, e constituem uma autêntica primavera do espírito. Isto está na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, número 46. O Santo Padre Bento XVI se referiu aos movimentos eclesiais definindo-os como lugares de fé, nos quais os jovens e adultos experimentam um modelo de vida na fé como oportunidade para a vida de hoje.

Por tudo o que dissemos, visto a instância solicitada por Monsenhor Jonas Abib, com a qual, na qualidade de fundador e presidente da Comunidade Canção Nova, solicita a esse dicastério o reconhecimento jurídico dessa agregação de fiéis como Associação Privada Internacional de Fiéis e a aprovação de seu estatuto. Em consideração às cartas de recomendação de bispos que testemunham a fé saudável dos membros da comunidade, ouvido o sentido de comunhão eclesial como também seu impulso evangelizador, atestada a difusão da comunidade em diversos países do mundo, considerando oportuno reconhecer a Comunidade Canção Nova e aprovar o seu estatuto. Sendo acolhida as suas observações, avançadas neste dicastério, visto o artigo 134 da Constituição Apostólica *Pastor Bonus* e o cânon 2, do código de Direito Canônico, o Pontifício Conselho para os leigos decreta:

1º - O reconhecimento da Comunidade Canção Nova como Associação Privada de Fiéis, com personalidade jurídica, segundo os cânons 298, 311 e 321 a 329, do Código de Direito Canônico.

Canção Nova: uma obra de Deus

2º - A aprovação do estatuto dessa agregação devidamente autenticada pelo dicastério e depositado nos seus arquivos por um período *ad experimentum* de 5 anos dado no Vaticano, no dia 12 de outubro de 2008, solenidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil.

Cardeal Stanislaw Rilko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos e o secretário *Joseh Clemens*

Homilia de Dom Odilo Scherer

Domigo, 2 de novembro de 2008.

Estamos reunidos aqui com muita alegria, muita fé e esperança para dar o nosso apoio ao Monsenhor Jonas e a toda Comunidade Canção Nova. Saúdo também os queridos irmãos e irmãs da Canção Nova e as demais pessoas que vieram para celebrar conosco este momento de fé.

Estamos, portanto, reunidos para um momento muito especial nesta igreja dedicada ao apóstolo Santo André, na cidade de Roma, com a Comunidade Canção Nova, seu fundador, Monsenhor Jonas Abib, e os demais membros da comunidade. Com eles, Eto [Wellington Jardim], Luzia e demais amigos abrindo as celebrações do Reconhecimento Pontifício da Comunidade Canção Nova. Para todos esse reconhecimento é um momento de ação de graças a Deus, um pedido

Canção Nova: uma obra de Deus

de bênçãos especiais para essa comunidade, para que Deus ilumine seus passos e a faça frutificar abundantemente para a vida da Igreja. Que Deus possa confirmar o carisma dessa nova comunidade de vida cristã.

A Igreja, através do Reconhecimento Pontifício, reconhece e confirma a validade dessa proposta de vida eclesial. Ao mesmo tempo, reconhece que seu carisma é um dom do Espírito Santo para os membros da comunidade e também para toda a Igreja. *A Igreja vê, na Canção Nova, um caminho de santidade, uma autêntica expressão de vida cristã eclesial e uma eficaz instituição para ajudar a Igreja a cumprir bem a sua missão.*

Nós, que acompanhamos a Canção Nova pelo Brasil há mais tempo, podemos testemunhar quanto é positiva a atuação dessa comunidade, quantos bons frutos já tem produzido na vida e na missão da Igreja, em particular na vida de tantas pessoas por ela ligadas ou atingidas de alguma forma. Damos graças a Deus pelos muitos jovens que se ligam à comunidade, e nela encontram uma proposta de vida, de consagração a Deus e à missão do Evangelho. Damos graças também a tantas famílias que se ligam à Canção Nova e pelas vocações sacerdotais e religiosas que vão brotando no seio da comunidade e nas famílias por elas congregadas. Nós nos alegramos pelo carisma particular da Canção Nova, que é o anúncio da Palavra de Deus através dos meios de comunicação social, para, desta forma, dar uma contribuição específica e significativa à missão e à vida da Igreja.

Homilia de Dom Odilo Scherer

A instituição, portanto, da Canção Nova representa um passo importante para a vida da Igreja, para a evangelização.

Monsenhor Jonas um dia me segredou que a intuição da Canção Nova nasceu com o *Evangelii Nuntiandi*, em 1975, depois do Sínodo sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Lendo a exortação apostólica pós-sinodal, sentiu que ali havia um apelo todo especial para que se utilizassem, devidamente, os meios de comunicação social na obra evangelizadora. Foi, então, que ele sentiu um impulso interior para convidar um grupo de jovens a fazer caminho com ele e se dedicar, por um tempo, consagrando inteiramente sua vida a essa missão. Depois, essa experiência foi avante, foi crescendo, e é aquilo que conhecemos. A Igreja, hoje, vem aprová-la como uma instituição válida, que pode ter um grande fruto para a vida da Igreja.

Deus, portanto, abençoou esta iniciativa que floresceu ao longo de 30 anos. Hoje, damos graças pelo caminho já percorrido e pelo reconhecimento que a Igreja dá ao carisma de vida eclesial, que tem um grande significado atual da Igreja.

Estamos aqui, logo depois de um outro Sínodo que tratou da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Novamente neste Sínodo, ressoou muito forte o apelo para que se utilizasse bem os meios de comunicação social para fazer chegar a Palavra de Deus a todos, para que ela possa estar presente em todos os lares, mas também ao alcance daqueles que não podem tê-la escrita; que ela possa ser

Canção Nova: uma obra de Deus

comunicada de muitas formas pelo anúncio direto, pelas celebrações, pelos testemunhos de vida a partir daquilo que produz a Palavra de Deus quando ela é bem acolhida. Apelo, portanto, feito pelo papa Bento XVI para que a Igreja toda se coloque sob a Palavra de Deus, a acolha novamente com alegria e a partilhe, abundantemente, com a humanidade, assim como se partilha a água com quem tem sede e o pão com quem está faminto. Esse Sínodo também manifestou um vivo apreço pelas comunidades novas da Igreja, como é o caso da Canção Nova; comunidades novas que podem fazer muito para a acolhida, o testemunho renovado, alegre e generoso da proclamação da Palavra de Deus a todos. A insistência, enfim, do Sínodo para que a Palavra chegue como boa notícia a todos, seja através do contato pessoal, de testemunhos de vida sobre a Palavra de Deus, mas também testemunhada, anunciada, proclamada através dos meios de comunicação. Celebramos essa Santa Missa agradecendo a Deus e pedindo para que ele continue a iluminar o caminho da Canção Nova.

Hoje, dia 2 de novembro, celebramos a comemoração dos fiéis defuntos. Lembramos de todos os membros falecidos da Comunidade Canção Nova, mas também de nossas famílias e de todas as pessoas a nós ligadas. Lembramos que aqueles que faleceram estão nas mãos de Deus, por isso, o Dia de Finados, embora possa ser, para muitos, um dia de saudades e lembranças tristes, é, no entanto, um dia em que a Igreja proclama a esperança na vida eterna. Finados lembra,

Homilia de Dom Odilo Scherer

com fé e esperança, aqueles que partiram na dimensão da nossa fé na ressurreição. Rezamos, é verdade, pelos falecidos, e pedimos para que Deus os acolha na sua casa, no seu reino. Ao mesmo tempo, manifestamos, no mundo que muito precisa ouvir, esta mensagem de esperança na vida eterna. O mundo que tenta se saciar somente de bens nesta vida e, por vezes, perdeu o horizonte da vida eterna, na promessa de Deus.

O Evangelho das bem-aventuranças mostra o caminho dos discípulos de Jesus Cristo, da vida nova segundo o Reino de Deus, anunciado por Jesus e tornado presente no meio do mundo por Ele. As bem-aventuranças mostram como deve ser a escolha de Deus como o Absoluto na vida e mostra como constrói a vida quem põe a sua esperança nele.

Há um momento em que podemos fazer muito por nós mesmos, mas chega um momento em que alcançamos o fim de tudo aquilo que podemos fazer por nós mesmos e pelos outros. Se, neste momento, faltar a dimensão da esperança no Deus da vida, então ela terá sido simplesmente uma grande ilusão; porque não há pessoa que morra sem ter alguma coisa que gostaria de ter realizado, sem ter sonhos ainda por viver, sem ter, no fundo do coração, muitas interrogações sobre a felicidade que buscou durante a vida toda e não encontrou. Na dimensão da fé, professamos que Deus é o bem supremo da vida, por isso mesmo a esperança daqueles que crêem na vida eterna. Isso está no coração da mensagem no Evangelho do bom anúncio da vida cristã.

Canção Nova: uma obra de Deus

Construir sobre Deus, esta é a grande mensagem que poderíamos anunciar neste dia de hoje, quando lembramos dos mortos ou da morte, que poderia ser um pensamento duro e triste; por isso mesmo alguns evitam pensar nisso no dia de hoje. Lembrando os nossos falecidos, lembramos do Deus da vida, na promessa da vida eterna. A vida dos justos está nas mãos de Deus e nada de ruim lhes poderá acontecer.

A segunda leitura fala da Nova Jerusalém, da cidade dos redimidos, que Deus constrói e para a qual prepara para todos aqueles que nele esperam. Para ela, também nós, dirigimos passo a passo, onde a morte não existirá mais; na qual Deus fará novas todas as coisas.

A Canção Nova tem como carisma o anúncio da Boa-Nova, do cântico novo dos redimidos; por isso mesmo da esperança cristã para o mundo através dos meios de comunicação para todos, pois, muitas vezes, os meios de comunicação se prestam somente para alimentar a esperança em sonhos de consumo, que terminam onde termina o dinheiro e a saúde. Por isso, hoje, muitas vezes, inebriados pelos bens dessa vida, as pessoas perdem a noção da esperança e da vida eterna. Deste modo, toda a tensão é voltada apenas para aquilo que é deste mundo. *A perspectiva da cidade celeste e da vida eterna é “Boa-Nova”, é “canção nova” para a humanidade, é horizonte novo para a vida da humanidade.*

Que Deus, portanto, abençoe a Comunidade Canção Nova, a inspire, a conduza por meio daqueles que a coordenam e moderam a sua organização. Que o Senhor dê perseverança a todos

Homilia de Dom Odilo Scherer

os seus membros e faça produzir muitos frutos para a vida da Igreja. Aos falecidos da Comunidade Canção Nova, que Deus os acolha na Nova Jerusalém, na cidade celeste, e dê a todos a graça da vida eterna. Possam todos entoar, com alegria, com os santos e os anjos de Deus, o cântico novo dos redimidos.

Assim seja.

Homilia Dom Stanislaw Rylko

Segunda-feira, 3 de novembro de 2008.

Este é o dia que fez o SENHOR; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele”.

Hoje é uma data muito importante para a Canção Nova: depois de um atento discernimento, a Igreja – através do Pontifício Conselho para os Leigos – concedeu-lhe o sigilo precioso do reconhecimento como Associação Internacional de Fiéis de Direito Privado, aprovando ao mesmo tempo os estatutos *ad experimentum* por cinco anos. Um dom que suscita justamente em todos vocês a alegria e a gratidão ao Senhor e à Igreja, mãe e mestra que acolhe com amor os filhos e filhas.

A história da sua comunidade se insere num vasto panorama daquela “nova estação de agregação” dos fiéis leigos

Canção Nova: uma obra de Deus

(cf. *Christifideles laici*, n. 29), que é fruto precioso do Concílio Vaticano II. Em uma época em que o mundo lança vários e difíceis desafios na missão da Igreja, o Espírito Santo inter-vém com tempestividade, suscitando carismas que estão na origem de uma pluralidade dos movimentos eclesiais e novas comunidades, os quais o servo de Deus, João Paulo II, definia como “dons do Espírito e esperança para a Igreja e para a humanidade inteira” e nos quais Bento XVI ressalta “as sempre novas manifestações do Espírito na vida da Igreja”.

Quantas pessoas, justamente por meio dessas realidades, encontraram a Cristo e mudaram suas vidas. Quantos homens e mulheres do nosso tempo descobriram a beleza de ser cristão. Quantos frutos de autêntica santidade de vida estes geraram.

Quanto impulso apostólico e quanta fantasia missionária conseguiram derramar nos jovens e adultos! Um terreno particularmente fecundo para o nascimento e o crescimento dos novos carismas é, sem dúvida, a América Latina, de modo especial o Brasil. Retornando de Aparecida, Bento XVI dizia: “Vivemos, pelo menos penso, que redescobrir a grande herança do Concílio [...] com as experiências que tivemos e que trouxeram muitos frutos em tantos movimentos, tantas novas comunidades religiosas”. “No Brasil”, dizia o Papa, “quando cheguei, tinha consciência de como se expandem as seitas [...], mas também vi que, neste país, quase todos os dias, nasce uma nova comunidade religiosa, nasce um novo movimento, não somente crescem as seitas. Cresce a Igreja

Homilia Dom Stanislaw Rylko

com novas realidades cheias de vitalidade, não para superar as estatísticas, esta é uma esperança falsa; a estatística não é a nossa divinização, mas estas crescem nas almas e criam a alegria da fé. Criam a presença do Evangelho, gerando assim um verdadeiro desenvolvimento do mundo e da sociedade” (*L'osservatorio Romano*, 26 de julho de 2007). A experiência de vocês se insere, portanto, no vasto contexto da vida da Igreja universal, e o Espírito Santo continua a enriquecer com muitos dons carismáticos. Um sinal de grande esperança.

Neste dia especial, estou certo de que a Canção Nova percorre com grata memória a sua história. A memória das origens não pode ser deixada de lado na vida das novas realidades agregativas nascidas na Igreja. Que retornem à sua nascente como na nascente de um rio, ali a água é sempre mais pura, sempre mais limpa, “o mesmo é para os movimentos eclesiais e para as Novas Comunidades: é por meio da origem destas que se demonstram melhor a natureza e a beleza dos carismas do qual nasceram e continuamente renascem.

Da memória viva das próprias origens trazem força para confirmarem a própria identidade: quem somos na Igreja? Qual é a nossa vocação? Qual é a nossa missão? Hoje, com certeza, é tempo propício para recordar o nascimento da sua comunidade. Início humilde e tímido, movido, porém, por uma grande paixão missionária: anunciar a Boa-Nova “até os confins da Terra”, com os meios de comunicação social. Quanta surpresa ao ver o pequeno grão de mostarda transformar-se em uma grande árvore. Quanta estrada lhes fez

Canção Nova: uma obra de Deus

o Senhor dos tempos de uma pequena cabana da primeira emissora radiofônica... que agora foi substituída por um imponente centro televisivo com sedes em vários países, por obras sociais para os mais pobres e marginalizados, escolas para as crianças e também tantas outras atividades... Quem poderia imaginar? Tudo isso nasceu de um ideal: que a Palavra de Deus fosse anunciada a todas as gentes... Retornando, hoje, à fonte do carisma missionário de vocês, recolho com renovado senso de gratuidade e de responsabilidade, porque esse tesouro que o Senhor lhes confiou deve ser protegido com grande solicitude.

Manter um carisma, como sabem, quer dizer vivê-lo com fidelidade até o fim, com alegria e entusiasmo, sem se deixar levar pela mentalidade do mundo. E significa também colocar o carisma a serviço da missão da Igreja com generosidade e empenho. Somente assim, de fato, o passar do tempo não vai perturbar a vivacidade e a genuinidade do início.

Olhando para a história da comunidade, hoje desejo agradecer em nome da Igreja por tudo aquilo que vocês fazem no serviço da sua missão no Brasil e em outros países, pelo entusiasmo de vocês na obra da evangelização.

A Igreja tem necessidade de vocês e conta com vocês. Por isso, não têm que considerar o ato de entrega do reconhecimento por parte do Pontifício Conselho para os Leigos como um objetivo, ao qual a chegada dá lugar a um merecido momento de repouso. Isso marca, ao contrário, um novo início. Neste dia, estou certo, o servo de Deus, João Paulo II, iria

Homilia Dom Stanislaw Rylko

referir-se a vocês com as mesmas palavras que pronunciou na Praça de São Pedro no dia 30 de maio de 1998, durante o seu inesquecível encontro com os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Hoje, diante de vocês, se abre uma nova etapa, aquela maturidade eclesial [...]. A Igreja espera de vocês frutos maduros de comunhão e empenho.

A “maturidade eclesial” se exprime, enfim, na profunda comunhão entre irmãos e irmãs na fé e no amor fraterno. Na primeira leitura, São Paulo dirige aos cristãos de Filipos um apelo que diz respeito a todos nós: “Nada façais por ambição ou vanglória, mas, com humildade, cada um considere os outros como superiores a si e não cuide somente do que é seu, mas também do que é dos outros” (Fl 2,3-4). Caríssimos, quantas obras missionárias são obscurecidas ou até mesmo cheias de orgulho e da vanglória dos apóstolos... Lá, onde cada dom da nossa vida, que nos vem do alto, chama-nos mais uma vez a um empenho. A tarefa que a Igreja dá a vocês, hoje, é justamente o seguimento da maturidade eclesial.

Neste novo início da vida da sua comunidade gostaria de lhes desejar os meus parabéns, partindo do próprio nome que escolheram, *Canção Nova*: “Cantai ao Senhor um cântico novo” (Sl 96, 1), exorta o salmista. E é um programa de vida cristã muito preciso. Santo Agostinho comenta assim as palavras do Salmo: “O homem novo sabe qual é o canto novo”. O cantar é expressão de alegria e, se pensarmos com um pouco mais de atenção, é também expressão de amor. Portanto, aquele que sabe amar a nova vida conhece também um canto

Canção Nova: uma obra de Deus

novo... Isso diz o canto. Você canta, certamente canta, e eu escuto. Mas a vida jamais pode testemunhar contra a palavra.

Cantem com a voz, cantem com a boca, cantem com o coração, cantem com um comportamento reto, sem dúvida, vocês cantam aquilo que vocês amam. Procurem os seus louvores para cantar. O cantor, ele mesmo, é o louvor ao qual se deve cantar. Querem louvar a Deus? Vocês são o louvor que deve ser dito. E vocês serão um louvor se viverem de modo reto (cf. Salmo 34). Essa arte de cantar ao Senhor um canto novo seguiu de modo profundo muitos santos, dentre eles, Martinho de Porres, santo latino-americano, cuja memória litúrgica se recorda hoje.

Rezemos, então, para que ele interceda pela sua comunidade junto a Deus. “Pai rico de misericórdia, a fim de que o seu belo nome “Canção Nova”, canto novo, se torne verdadeiramente uma realidade cotidiana e programa de vida de cada um e de cada uma de vocês. Assim seja”.

Homilia de Dom Claudio Hummes

Terça-feira, 4 de novembro de 2008.

Estamos aqui na grande Basílica de São Paulo Fora dos Muros. São Paulo está enterrado aqui, foi martirizado aqui perto; o grande apóstolo, o grande evangelizador, aquele que levou o cristianismo para todo o mundo conhecido naquela época. São Paulo, que sempre nos emociona e nos inspira, nos empurra para a missão. Ele que dizia “Ai de mim, se eu não evangelizar” e deu a sua vida por isso. Essa Basílica é considerada a mais bela das quatro Basílicas de Roma.

Nesse Ano Paulino, em que toda a Igreja quer, de novo, inspirar, animar e encorajar para ir em missão, para pregar a Palavra de Deus a todas as criaturas, mas, de modo especial, aos seres humanos. Pregá-la, de novo, àqueles que foram batizados,

Canção Nova: uma obra de Deus

mas não foram suficientemente evangelizados e, por isso, não participam da comunidade eclesial; também a todos aqueles que jamais foram batizados ou evangelizados. A todos eles São Paulo convida; na verdade, é o Espírito Santo quem faz isso. Ele que é a alma de toda missão, de toda evangelização.

Ouvimos Jesus Cristo dizendo, no Evangelho, a todos os apóstolos: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura”. Vocês estão sendo aprovados pelo Papa, mas com esta conotação muito forte de que vocês são um dom para a Igreja Universal, não somente para o Brasil.

O campo de trabalho de vocês é o mundo inteiro. Monseñor Jonas, a Igreja hoje põe para essa comunidade, de modo oficial, como campo de trabalho e vivência do Evangelho, o mundo inteiro. Portanto, isso não é apenas um ponto de chegada, mas, sobretudo, um ponto de partida para vocês, para todo o mundo. Já tivemos a alegria de ver outra comunidade do Brasil ser aprovada no ano passado, a Shalom. Outras, provavelmente, virão. O Papa está, portanto, olhando para essa iniciativa do Espírito Santo de inspirar homens e mulheres, no nosso Brasil, para se associarem em grandes comunidades com o propósito firme e forte de querer viver o Evangelho plenamente, também com os carismas extraordinários que, muitas vezes, não são dados a todos – nem será dado a todos –, mas se alguém não recebeu um carisma extraordinário, nem por isso é menos transformado e renovado pelo Espírito Santo. Não se considere como alguém que ainda não chegou, porque o Espírito Santo dá esse dom a alguns para o bem de

Homilia de Dom Claudio Hummes

todos, para o bem da Igreja; não para honrá-los ou fazê-los maiores do que os outros, mas para que estejam a serviço da Igreja e do bem de todos.

O Espírito Santo está realizando essas maravilhas no Brasil e no mundo todo. Quantas comunidades novas, no mundo, suscitadas pelo Espírito Santo e os papas que estão se pronunciando. Sempre me lembro, porque me impressionou muito, da Vigília de Pentecostes de 1998. Eu estava em Roma por outros motivos e tinha ouvido que o Papa se reuniria com as novas comunidades e os movimentos na Praça de São Pedro. Foi algo impressionante. O Papa dizia: “Vocês são testemunhas do batismo no Espírito Santo”. Fui até lá também e vi algo impressionante. Ele dizia: “Aqui, vocês são testemunhas da efusão do Espírito Santo sobre os nossos tempos. Aquilo que o Conselho implorava, que houvesse um novo Pentecostes, está acontecendo aqui de novo”, dizia João Paulo II. Ele pedia que o Espírito Santo descesse mais uma vez sobre todos e sobre toda a Igreja; ele queria estimular esses movimentos todos a estarem muito juntos com a Igreja e se identificarem muito com ela. Em nome dessa Igreja, ir pelo mundo afora em missão. O Papa dizia que esses novos movimentos e comunidades trouxeram um grande impulso missionário; não apenas impulsionando uns aos outros, mas eles mesmos indo em missão. Não apenas cuidando de si mesmos, num círculo fechado, porque sabemos que, quando vivemos num círculo fechado, um “probleminha” vira um “problema”. Mas quando nos interessamos pelos outros para levar o Evangelho a eles e

Canção Nova: uma obra de Deus

conduzi-los a Jesus Cristo, os nossos problemas desaparecem, porque a missão não cria problemas, ela os resolve. No entanto, é preciso decidir-se a não olhar para si mesmo, mas para esse grande mundo que Jesus Cristo quer salvar. Ele precisa dos nossos pés, da nossa voz; Ele precisa de nós. É claro que Ele, espiritualmente, trabalha os corações humanos, mas São Paulo já dizia que a fé nasce da pregação. Mas como vão crer, se não há quem lhes pregue?

Hoje, vocês estão, na verdade, retomando, com maior vigor; partindo de novo; recomeçando uma grande missão universal. Isso vai dar força e saúde ao Monsenhor Jonas. Por isso, vamos celebrar, com muita alegria, com essa forte intenção de, realmente, recomeçar. São Francisco de Assis, no fim de sua vida, dizia: “Ainda não fiz nada, tenho que começar de novo”. Não devemos ficar olhando para aquilo que foi feito.

Vocês, meus caros, sejam perseverantes no seu carisma inicial, não o percam. Sejam sempre renovados nesse carisma, porque é ele que dá identidade a vocês, os mantém fortes e unidos, e outros se agregarão, porque vocês são fiéis ao carisma inicial. Essa experiência do Espírito Santo, essa forte experiência de Deus, esse espírito que leva vocês ao encontro forte e pessoal com Jesus Cristo e, depois, comunitário, que transforma vocês em discípulos e discípulas de Jesus Cristo, porque é nesse encontro que nós somos transformados. Ele nos transforma na medida em que somos capazes de abrir o nosso coração no encontro que fazemos com Ele. Não se prendam apenas às obras, elas são importantes, mas deve

Homilia de Dom Claudio Hummes

nascer de algo que está dentro de cada um, dentro da comunidade, porque essa experiência de Jesus Cristo também deve ser comunitária. A comunidade tem que fazer a experiência, tem que levantar o grito de sua fé, a oração da sua fé. Não percam essa oração carismática que vocês renovaram, não percam esses valores: a leitura da Bíblia, da Palavra de Deus, sobre a qual foi realizado um Sínodo que veio ao encontro de vocês. Essa leitura orante da Palavra, que sempre nos faz encontrar com Jesus Cristo. Aquele que é verdadeiro discípulo sente-se estimulado na missão e ele quer levar aos outros, contar a eles o que ele viveu. Esse Evangelho de Jesus Cristo é algo concreto na nossa vida, não apenas uma teoria, um livro, uma doutrina. É alguém que nós encontramos e queremos levar outras pessoas a encontrá-lo, que é Deus, que é Jesus Cristo, o Pai.

Lembro-me sempre daquela palavra do papa João Paulo II aos jovens no Jubileu do ano 2000, aqui em Roma: “Vocês, que vieram a Roma, o que vieram buscar?” Então, ele se corrigiu e disse: “Não, a quem vocês vieram buscar? A quem vieram encontrar?” Para imediatamente explicar que não era ele [o Papa] que eles queriam encontrar. O Papa queria conduzi-los a esse alguém: a Jesus Cristo. Esse é aquele pelo qual os jovens deviam vir a Roma; para encontrar Jesus Cristo.

O Papa atual sempre diz, de novo, que o cristianismo não nasceu de uma bela idéia, não é um livro, nem apenas um código de ética ou moral, embora tudo isso seja importante.

Canção Nova: uma obra de Deus

O cristianismo nasceu do encontro com alguém: Jesus Cristo. É Ele que nos dá a essência do cristianismo. Por isso, precisamos sempre renovar esse encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo na força do Espírito Santo para, depois, ir em missão e levar a outros essa mesma experiência que vocês fazem.

Vocês que trabalham com a comunicação, quero lhes dizer, de modo especial, o quanto, hoje, a Igreja precisa de vocês. Claro que a Canção Nova não faz apenas comunicação; ela tem toda uma vida, toda uma iniciativa de evangelização missionária e de vivência de cada um, de santificação própria e comunitária, mas a comunicação tornou-se algo que marca muito vocês e a Igreja precisa muito disso. Ela precisa saber como levar Jesus Cristo também pelos meios de comunicação social: TV, Rádio e Internet. Que vocês também vejam nisso uma grande possibilidade, uma grande alternativa; embora saibamos que o encontro pessoal é que é decisivo. Contar a alguém a minha experiência com Jesus Cristo é muito mais forte do que qualquer outra coisa. Hoje, o Brasil, junto com toda a América Latina, está começando uma missão continental... e como é difícil organizar-se e sair em busca das pessoas, visitá-las, conversar com elas, escutá-las, evangelizá-las, conduzi-las a Jesus Cristo. Estamos tão acostumados a receber aqueles que vêm às nossas comunidades, mas não basta, é preciso sair em busca daqueles que não vêm. A Europa sabe disso mais do que nós; ela, dolorosamente, sabe disso. E como isso é triste!

Homilia de Dom Claudio Hummes

A América Latina decidiu, na V Conferência, a fazê-lo, porque vocês nos ajudaram muito. Os novos movimentos foram buscar as pessoas, mas vocês devem continuar a fazê-los junto com a paróquia, com seus bispos, nessa comunhão eclesial. Vocês devem ser uma força, uma inspiração, sempre reelaborada em cada diocese, em cada paróquia, para que todas as pessoas possam participar. A Igreja precisa de vocês.

Homilia Missa de Encerramento

(Palavras de Dom Alberto Taveira Corrêa)

Quarta-feira, 5 de novembro de 2008.

Trazendo alegrias, lutas, esperanças e sonhos, sabemos que a Virgem Maria é capaz de acalentar todos esses sonhos e nos ajudar, depois desses dias de festa, com o coração cheio de alegria. Mas, queridos irmãos e irmãs, sinto que estamos reunidos no cenáculo. Os apóstolos, só aqui já são mais de doze os sucessores deles. Que graça para a Canção Nova essa presença dos bispos! Aqui está a presença misteriosa e verdadeira da Virgem Maria. Maria da anunciação, Maria de pé aos pés da cruz; antes, Maria discípula, de Caná, de Nazaré, da Igreja.

Os Atos dos Apóstolos nos mostram que eram cerca de 120 pessoas naquele primeiro grupo. Hoje, quando eu disse ao

Canção Nova: uma obra de Deus

Santo Padre, no momento em que estávamos nos encontrando exatamente com esse outro fundamento da Igreja – Pedro, rocha, aquele que é sucessor de Pedro –, que éramos mais 1.500 pessoas ali, todos viram que Ele se voltou para criar esse laço de comunhão com as pessoas que ali se encontravam.

Jesus Salvador, Maria, João, Paulo, Pedro, Igreja. Se estamos em cenáculo, é um dom, um presente; mas cenáculo também é um dever-ser. O cenáculo é uma responsabilidade, Monsenhor Jonas, para todos nós que aqui estamos. Nele, todos estavam reunidos num só coração. Deus nos reuniu durante esses dias, Ele nos aproximou e nos uniu. Deus fez com que tantas defesas ou o medo uns dos outros pudesse cair. *Como é bom estar em peregrinação, como é bom percorrer essas Basílicas, como é bom estar em Roma, ser movidos pela fé!* Um só coração, presente de Deus; um só coração, responsabilidade, tarefa. No cenáculo, eles estavam com um só coração e em oração. Ali permaneceram durante aqueles nove dias. Era a primeira novena. Quando se completaram os dias de Pentecostes, foi derramado o dom do Espírito Santo.

Canção Nova, olhe para frente com absoluta unidade e vida de comunhão. Olhe para frente, pois se já se reza na comunidade, que se multiplique a vida de oração.

Se a sede da Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), é chamada território eucarístico, mais ainda se aprofunde, para que, como ouvimos nesses dias, a fonte da evangelização seja a experiência da oração.

Homilia Missa de Encerramento

Canção Nova, olhe para Nossa Senhora. Maria é Imaculada, não experimentou o pecado original; o seu coração não deu guarida à maldade. Ela é toda revestida da Palavra, é imaculada, é a toda pura e bela; é a nova Eva e a mulher nova. Nossa Senhora seja a referência da novidade e seja a intercessora para que essa novidade aconteça. Canção Nova, olhe para Nossa Senhora. Maria de pé aos pés da cruz. Hoje, aprendemos com o Santo Padre que aqueles que fazem a experiência com o Ressuscitado não são poupados do sofrimento. Canção Nova, esteja junto da cruz e mantenha-se de pé sempre.

Monsenhor Jonas, o senhor é muito mais fecundo do que tantos e tantos casais, por causa dessa fecundidade que lhe foi dada. Carisma que se preze não é estéril. Um dos sinais de que existe um carisma é quando os frutos aparecem. Frutos de irmãos e irmãs, frutos de evangelização, de conversão.

Maria, Mãe da Igreja, conceda esta fecundidade crescente e perene a este carisma. Maria, Mãe da Igreja, colaboradora do Redentor, quem faz tudo é Aquele que é o salvador; a nossa parte é dar tudo para colaborar, trabalhar juntos. Que ninguém se guarde. *Monsenhor Jonas, não deixe nenhum membro da Canção Nova viver para si mesmo, mas só para Deus, só para essa imensa obra de evangelização.*

Maria medianeira, sabemos que tudo na história da Canção Nova passou e passa por uma continuada devoção à Nossa Senhora. Quantas contas do rosário, durante esses 30 anos! Milhões de Aves-Maria! Maria fez com que este Evangelho

Canção Nova: uma obra de Deus

dos pobres, que é o rosário, entrasse no coração de tantas pessoas por meio deste carisma. Maria, Mãe da esperança, que este carisma, através dos meios de comunicação, continue acendendo tantas luzes de esperança.

Encontrei, no sertão de minha arquidiocese, quando começamos o trabalho de evangelização, uma comunidade que me disse: “Até aqui, o nosso contato com a Igreja se chamava Canção Nova”. Histórias como essas existem muitas no Brasil. No interior do Mato Grosso (MT), comunidades que não tinham outra forma senão uma televisão, a única do lugar, tinham a Canção Nova como porta para a evangelização.

Maria, estrela da evangelização, continue a fazer com que este impulso de anúncio da novidade do Evangelho nunca cesse o coração deste carisma.

Canção Nova, olhe para Nossa Senhora. Com ela, abra-se ao novo do Espírito, a este novo tempo, a essa nova graça, uma nova “canção nova”. A Igreja precisa de vocês. Monsenhor Jonas e todos os membros da Canção Nova não podem parar em si mesmos. Canção Nova, olhe para Nossa Senhora. Quantas imagens dela vemos sobre o mundo! Que o seu manto se abra.

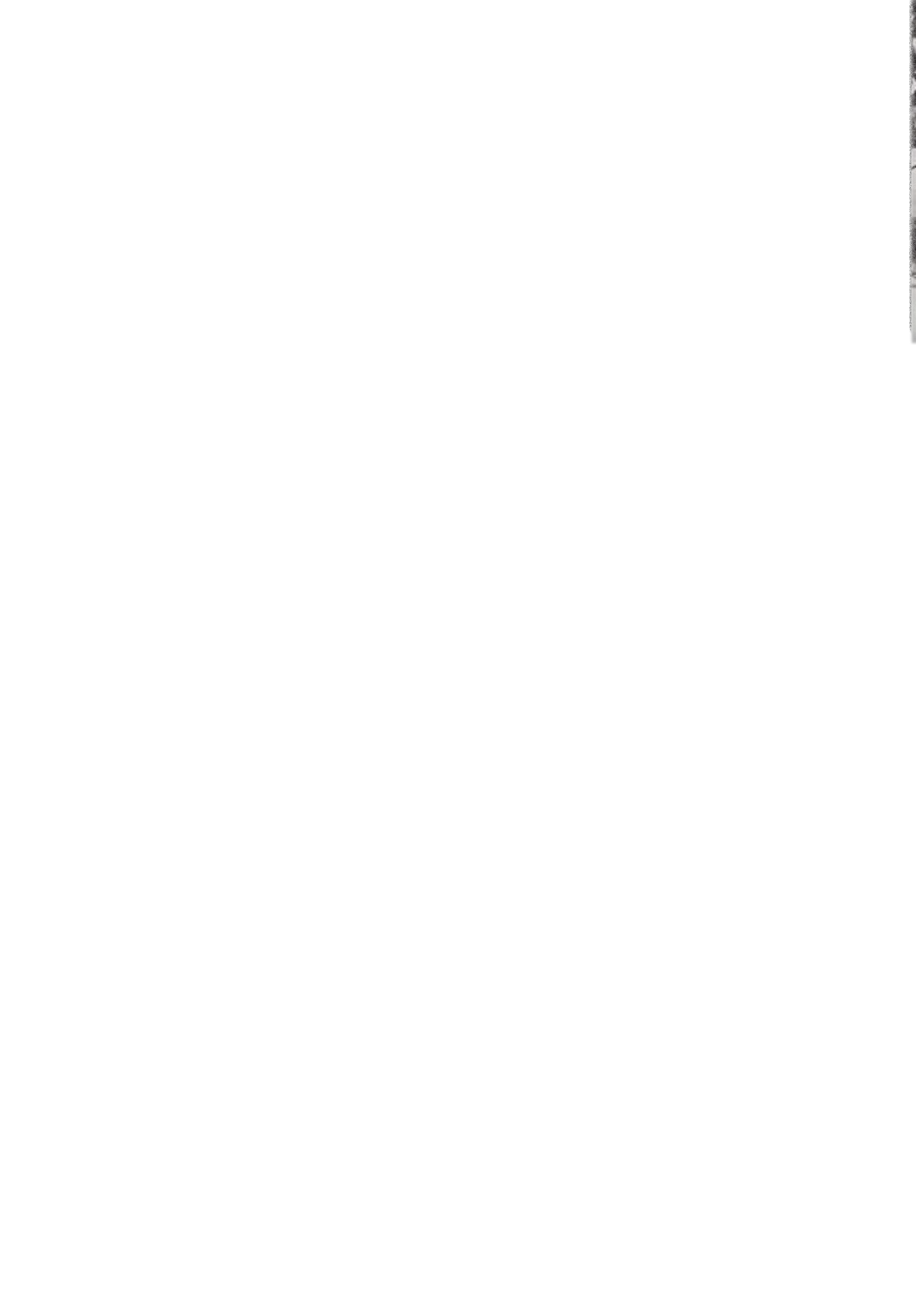
Algumas pessoas que estão aqui – Monsenhor Jonas, Eto, Luzia, padre Wagner [Ferreira] e outros – sabem o quanto trocamos olhares bonitos hoje, quando o Santo Padre lembrou do Salmo 2. Muitas pessoas que estão aqui ou em casa não sabem, mas estávamos uma vez na casa da Canção Nova aqui

Homilia Missa de Encerramento

em Roma, e, após a comunhão, fizemos um momento de ação de graças. O Salmo que me veio ao coração foi o de número 2: “Pede-me e te darei como herança as nações” (cf. Sl 2). Fomos corajosos e pedimos, não para nós, mas para Jesus Cristo, as nações por herança. Tivemos a ousadia de filhos. Pouquíssimo tempo depois abriram-se as portas do céu e conseguimos o satélite. O alcance da Canção Nova chegou longe.

Canção Nova, você não tem nada; tudo é Dele, por Ele e para Ele. Que Ele reine, que o seu nome seja glorificado e que, no altar da eucaristia, a comunidade entregue, de novo, para que seja o pão e o vinho – que são consagrados para ser o corpo e o sangue do Senhor –, e para que essa realidade, esse carisma, torne-se cada vez mais aquilo que Deus pensa, aquilo que a Igreja quer.

O senhor sabe, Monsenhor Jonas, se a Canção Nova nunca foi dela mesma, mais ainda agora. *Portanto, saibam que a Canção Nova tem dono, ela é da Igreja para evangelizar. Sejam santos, porque, se forem santos, serão felizes e fecundos.*





Padre Jonas com seu pai
e sua mãe, em Lavrinhas
(1956)

Padre Jonas na casa de seus
pais (1962)





Ordenação Sacerdotal
(8 de dezembro de 1964)

Monsenhor Jonas e D. Antonio Afonso de Miranda





Encontros para jovens realizados, a partir de 1967, em colégios salesianos e casas de encontro em Lorena, Queluz, Areias e outras cidades do Vale



Missa em Areias na capela improvisada.

Crucifixo encontrado pelo Monsenhor Jonas que o impulsionou a ser “os braços, os pés e as mãos de Cristo”.





Monsenhor e Eto na construção da casa de Queluz (1977).



Luzia e Monsenhor.



Mutirão para construção da Casa de Maria em Queluz.

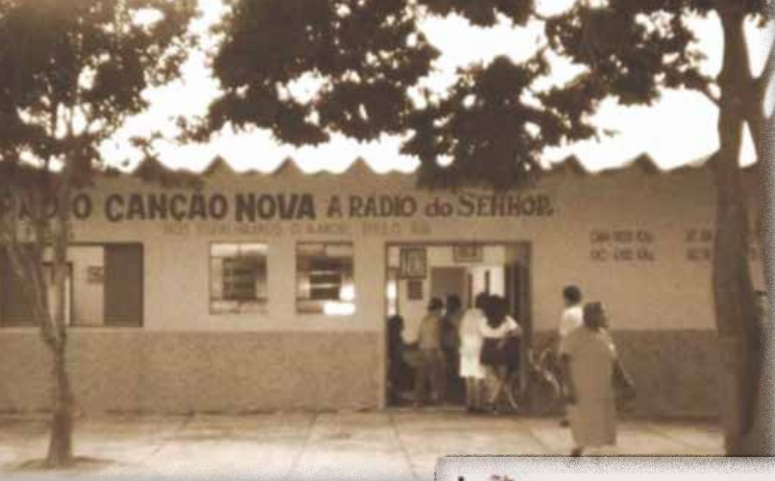


Eto acompanhando a construção em Cachoeira Paulista.

Primeiras construções em Cachoeira Paulista.



Construção do Capelão São José.



Prédio da Rádio
Canção Nova.

Prédio do Davi
(Departamento de
Audiovisual).



Prédio da TV Canção Nova.

Casa de Maria
Mãe e Mestreira.





Cruzeiro localizado
no centro da
Chácara Santa Cruz,
Cachoeira Paulista.

Início da construção
do Rincão.



Entrada principal da
Chácara Santa Cruz.



Primeiros acampamentos em Cachoeira Paulista.

Primeiros acampamentos no Rincão.



Área de camping em Cachoeira Paulista.

Monsenhor Jonas,
Eto e Luzia são
recebidos pelo papa
João Paulo II.



Monsenhor Jonas e
padre Marcelo.

Primeira
participação do
padre Léo em nossos
acampamentos.





Posto Médico Pe. Pio,
Cachoeira Paulista.

Projeto Geração Nova
(Progen).



Visão aérea do Instituto
Canção Nova.

Visão aérea do Centro de
Evangelização D. João
Hipólito de Moraes.



Missa com D.Odilo Scherer, Arcebispo de São Paulo. Igreja Sant'Andrea al Quirinale.



Leitura do Decreto do Reconhecimento Pontifício.

Pronunciamento do Monsenhor Jonas.





Missa com Dom Stanislaw Rylko, presidente do Pontifício Conselho para os leigos, na Basílica de São João de Latrão (3 de novembro de 2008).

Missa presidida pelo Cardeal Dom Claudio Hummes, prefeito da Congregação para o Clero, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros.





Missa presidida por D. Alberto Taveira Corrêa, na Basílica de Santa Maria Maior.

Monsenhor Jonas e Dom Alberto.





Show com missionários da Canção Nova no Auditorium Conciliazione.

Peregrinos, amigos e missionários acompanham o Reconhecimento Pontifício da Canção Nova.





Papa Bento XVI na Praça São Pedro.



